



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**AS FRONTEIRAS DO EU: FLEXIBILIZANDO OS
LIMITES, QUE AMEAÇAS PARA A IDENTIDADE?
ADAPTAÇÃO A UMA REALIDADE DISFORME E
DEFORMANTE**

PETRA ALEXANDRE MIGUEL MARQUES

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador de Seminário de dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Professora Doutora Maria Emília Marques,
apresentado no ISPA – Instituto Universitário para a
obtenção do grau de Mestre na especialização de
Psicologia Clínica

*“And when you think more than you what,
your thoughts begin to bleed.”*

Eddie Vedder

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à Professora Maria Emília Marques, por todas as orientações, críticas e incentivos, pela tolerância, paciência e compreensão.

Quero agradecer aos meus pais por tudo, tanto que não é possível verter no papel, a eles: Obrigada!

À minha restante família, quero apenas dizer que agradeço a vossa existência e por me aceitarem e amarem tal e qual eu sou.

Agradeço aos meus amigos, a todos eles, pelo ânimo, confiança, coragem e força, nos momentos de maior angústia.

Quero apenas dizer que este trabalho não poderia ter sido terminado noutro ano que não este, um ano de mudança e de crescimento. A todos quantos me cruzei durante 2017, o meu obrigada por me ajudarem a chegar aqui.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo aceder à experiência subjetiva dos profissionais que trabalham em instituições na área da deficiência, em contacto direto e diário com os utentes das mesmas.

Para tal usou-se a FANI – *Free Association Narrative Interview*, para através da intersubjetividade criada no momento/ durante a entrevista aceder à subjetividade das pessoas na sua realidade laboral.

Participaram no estudo três mulheres que trabalham diretamente com os utentes da instituição. Da análise feita, percebeu-se que as três mulheres se posicionam num lugar de cuidadoras. No entanto, esta relação de ajuda que todas adotam acaba, invariavelmente, por se revelar um não lugar, ou um lugar de desconforto, uma vez que lhes gera grande agressividade e frustração, constituindo-se como uma ameaça à sua identidade. Um outro aspeto transversal às três participantes tem a ver com o movimento de igualização. Todas elas põem tudo e todos ao mesmo nível. Colocam-se ao nível dos utentes, desvalorizando-se e criticam os superiores hierárquicos retirando-lhes valor. Ao anularem estas fronteiras e aos retirarem os limites entre o eu e o outro, perdem o seu lugar. Contudo esta parece ser a maneira que estas mulheres encontraram para se relacionar com os utentes, neste contexto profissional.

Palavras-chave: Identidade, intersubjetividade, narrativa de associação livre

Abstract

The objective of this study was to try to access the subjective experience of professionals who work in institutions in the area of disability, whom have direct and daily contact with their users.

In this regard, the FANI – Free Association Narrative Interview was used. The intersubjectivity created in the moment / during the interview allowed access to the subjectivity of people in their labour reality.

Three women working directly with the institution's users have participated in the study.

Through the analysis, it was noticed that the three women position themselves as carers. However, this helping relationship adopted by all invariably ends up proving to be a non-place or a place of discomfort, since it generates them great aggression and frustration, thus constituting a threat to their identity.

Another transversal aspect related to the three participants has to do with the equalisation movement. All women put everything and everyone on the same level. They place themselves at the user level, depreciating themselves and criticising their hierarchical superiors withdrawing their value.

By overruling the frontiers and by removing the boundaries between themselves and others, they lose their place. However, this appears to be the way that these women found to engage with users, within this professional context.

Keywords: Identity, intersubjectivity, free association narrative.

Índice

1. Introdução	1
2. Ser Cuidador numa instituição da área da deficiência	2
3. Tipo de estudo	9
4. Método	9
5. Participantes	11
6. Procedimento de recolha de entrevistas	13
7. Procedimento de análise de entrevistas	13
8. Análises	13
8.1 Sandra	13
8.2 Anabela	19
8.3 Joana	25
9. Grandes Temas	29
9.1 Sandra	29
9.1.1 Identidade: do Eu cuidador ao Eu agressor	29
9.1.2 Um não Lugar e um não tempo	32
9.2 Anabela	33
9.2.1 Identidade: eu através do outro	33
9.2.2 O lado Lunar: anulando a agressividade	35
9.3 Joana	37
9.3.1 Identidade: O Eu mágico	37
9.3.2 Temporalidade: Sem tempo	38

10. Discussão	39
11. Conclusão	46
12. Referências Bibliográficas	49

Anexos

Anexo A - transcrição da entrevista: Sandra

Anexo B - transcrição da entrevista: Anabela

Anexo C - transcrição da entrevista: Joana

1. Introdução

Este trabalho nasce na primeira pessoa, da observação e vivência da realidade profissional de quem trabalha na área da deficiência. Durante a experiência profissional de cerca de cinco anos, nesta área, foram sendo percebidas algumas dificuldades e queixas das pessoas que lidam diretamente com os utentes destas instituições.

De um ponto de vista empírico e subjetivo, foi sendo percebido que à medida que o tempo avança e a adaptação a esta realidade laboral é feita, estas dificuldades vão passando primariamente pela relação com o utente, posteriormente pela integração das dinâmicas da própria instituição e mais tarde pela relação com os pares. Importa dizer que para além de percebidas as dificuldades, elas foram também sentidas.

Assim, o objetivo deste trabalho é aceder à experiência subjetiva dos profissionais que trabalham em instituições na área da deficiência, em contacto direto, diário e durante várias horas seguidas (ultrapassando em muitos casos as oito horas por dia), com os utentes das mesmas.

No sentido de alcançar o objetivo proposto, foram realizadas três entrevistas a mulheres que trabalham diretamente com os utentes, numa instituição congénere à que originou a necessidade deste estudo. No entanto, não havendo uma relação profissional e nem tão pouco pessoal entre entrevistador e entrevistados, estes tinham conhecimento da proveniência profissional do primeiro.

O método usado foi a FANI – *Free Association Narrative Interview*, para que através da intersubjetividade criada no momento/ durante a entrevista se percebesse o que é, para aquela pessoa esta realidade laboral, como é que ela a integra e se adapta a este contexto profissional e que transformações ocorrem no seu mundo interno. Este método permite uma análise, em profundidade, de fenómenos psíquicos complexos resultantes e materializados na experiência subjetiva da pessoa e não uma generalização, como nas correntes mais tradicionais da investigação, mesmo em metodologias qualitativas baseadas na aplicação de questionários com questões de resposta múltipla.

Pretende-se contrariar uma “ditadura” das ciências sociais que padecem de um tal complexo de inferioridade face às ciências naturais, como que se fosse menos nobre conhecer a pessoa, deixá-la falar sobre si mesma e contar a sua história, do que conhecer a sua cadeia de DNA e respetivo sistema de alelos. Como se a intersubjetividade do par: entrevistador – entrevistado e a subjetividade de um e de outro, não fosse conveniente a uma apresentação de resultados “limpinha” de variáveis parasitas e de variáveis independentes devidamente controladas, para

se fazerem depois, generalizações descontextualizadas e incompreendidas, quando é nessa relação e nesse contexto criado entre os dois intervenientes, que assenta o verdadeiro conhecimento que poderá dar algum contributo à psicologia clínica.

É de salientar o papel do entrevistador nesta forma de fazer conhecimento, que se apresenta como entidade “chave” para “abrir a porta” do outro, entrando em relação com ele, uma vez que põe a sua subjetividade ao serviço da intersubjetividade que se cria para conhecer o outro que é o entrevistado. E fá-lo em dois momentos diferentes, durante a entrevista através da relação e na análise da mesma pela interpretação. Este papel é de alguma forma transformador para o entrevistador que se empresta ao estudo, pois não dirige a entrevista, mas influencia-a pela sua subjetividade e deixa-se influenciar pela mesma, dado que ela contém o outro.

Posteriormente, com os resultados obtidos enquadrrou-se esta subjetividade experimentada num referencial teórico psicanalítico para a compreensão desta pessoa em particular e como esta vivência se integra no seu mundo interno. A partir daqui, levantaram-se algumas hipóteses, que se espera que sirvam o desenvolvimento de teorias dinâmicas, que ajudem na compreensão das vivências, muitas vezes muito intensas, de quem trabalha nesta área. Ou seja, que permitam ajudar a pensar alguns fenómenos recorrentes, ao nível dos recursos humanos, com que as instituições que trabalham na deficiência se deparam.

Desta forma, interessa pensar não tanto as causas, mas mais, o processo, o que acontece dentro daqueles, das pessoas concretas, que se expõem a esta realidade diariamente e as consequências para o seu *self*. E não, tentar apenas, confirmar ou infirmar hipóteses, sustentando ou não teorias, sem a efetiva compreensão dos processos, de como tudo acontece, numa pessoa única, com uma determinada experiência vivida, que concorre para a organização do seu mundo interno, criando a sua subjetividade, à qual se acede numa relação intersubjetiva. Esta funciona como uma “fotografia” do real, pois apreende, ou pretende apreender tanto quanto possível, os fenómenos psicológicos que ocorrem enquanto decorre a entrevista, entre entrevistador e entrevistado, sendo uma imagem captada daquele momento concreto, único e irrepetível.

2. Ser Cuidador numa instituição da área da deficiência

Perante a proposta feita anteriormente, torna-se necessário pensar o que é ser cuidador numa instituição da área da deficiência. Quem são estas pessoas? o que as move? Será que se posicionam no lugar de cuidador? Se sim, como se posicionam? Que dinâmicas ocorrem no seu mundo interno?

Mas antes de se avançar para esta compreensão, interessa perceber o momento de transição pelo qual as instituições desta área estão passar.

As instituições com que a sociedade contava para gerir a dependência, família, religião, educação e assistência de saúde, já não dão a resposta que davam no passado, pois a sociedade também se alterou, bem como os seus valores. Logo, as dificuldades aumentaram e com elas intensificaram-se os pedidos de cuidados de saúde mental. Em resposta, esta e outras áreas cresceram. Agora que as exigências estão a ameaçar exceder recursos, os profissionais de saúde mental, com formações diversas, reagem ás pressões com desordem e com rigidez (Shapiro, 2001).

Como tal as instituições estão em mudança, e isto é uma realidade na área da saúde mental e da deficiência. Há cada vez mais pressão ao nível da gestão, que se traduz em escassez de recursos, ou recursos limitados (Shapiro, 2001). Estas exigências estão muitas vezes subordinadas a uma lógica de negócio, pois estas instituições tem uma cultura de prestação de serviços, que grande parte das vezes conflituam com o trabalho terapêutico e com as outras intervenções.

Esta realidade, poderá ser válida para quem lida diretamente com a pessoa com deficiência, ainda que estes profissionais de linha da frente possam não ter nenhuma formação específica. Mas talvez até por isso, as dificuldades em integrar a escassez de recursos e a limitação de meios nas suas funções e tarefas, seja ainda mais difícil, por não estarem alerta para os mecanismos de defesas que poderão estar a atuar, bem como para outros fenómenos psicológicos, para os quais terapeutas e outros técnicos de saúde mental de orientação dinâmica estarão despertos.

Shapiro (2001) faz um paralelo entre o individuo que se adapta a um contexto, mais ou menos disfuncional, numa perspetiva mais clínica, e uma organização e os seus profissionais, que se esforçam por se adaptar, também eles, a uma realidade em mudança que lhes impõe cada vez mais exigências, aos mais variados níveis.

Neste sentido, o autor defende que tal como “uma perturbação de personalidade é uma adaptação que um individuo faz a um meio ambiente interpessoal aberrante, sendo este geralmente o ambiente de uma família” (Shapiro et al, 1975), também os profissionais da saúde mental se encontram numa posição comparável, pois crescem numa “família” profissional à qual se adaptam (Shapiro, 2001). Ou seja, os técnicos que se adaptam às disfuncionalidades dos seus contextos profissionais para “funcionarem” psicologicamente e sobreviverem emocionalmente, mas que têm, simultaneamente, dificuldade, por isso mesmo,

em ser flexíveis e responsivos perante as exigências que a evolução da sua área profissional, por pressão da sociedade, lhes impõe.

Nas instituições de modo geral diminuiu-se a atenção para com as fronteiras do mundo exterior, mas o mundo exterior tem vindo a impor-se (Shapiro, 2001). Esta imposição funciona como “oferta” de aprendizagem, que é dada aos profissionais que lidam e se confrontam no exercício da sua profissão, com os limites que a realidade exterior impõe á instituição e conseqüentemente a eles próprios (Shapiro, 2001). Estes limites exigem um esforço constante para um permanente reajuste do profissional, de uma determinada área, às pressões exteriores, ao mesmo tempo que tenta manter a integridade profissional.

Há um movimento constante de adaptação à realidade exterior, renegociando e permeabilizando os limites e as fronteiras da sua intervenção e ao mesmo tempo, continuar relacionar-se (psicologicamente com o outro desadaptado e desadaptante) definindo e mantendo a estrutura dos limites e fronteiras da mesma intervenção, ou seja, tentar renegociar a intervenção, indo ao encontro das exigências da gestão, sem a comprometer.

Dadas as novas e várias exigências, as intervenções, dos profissionais da saúde mental e da deficiência, têm vindo a ser negociadas e todos os aspetos desta negociação estão intimamente dependentes dos mundos interno e externo dos intervenientes.

Assim a relação entre o profissional e o utente, está sempre integrada num contexto mais alargado: a comunidade, a família, a profissão, as tarefas e a instituição como um todo, o que faz com que exista um inevitável terceiro que mantém esta relação firmada na realidade (Shapiro, 2001).

Não é por estes profissionais não terem formação analítica ou mesmo nenhuma formação específica, que os processo intra e intersíquicos deixam de acontecer. Então que conseqüências para a pessoa? Para além na negociação da intervenção e ajustes profissionais diários, que compromissos há para o individuo, para o seu mundo interno, a sua identidade, o seu Eu?

Quer por pressões que a realidade externa impõe a estas instituições, quer por inerência da própria atividade, no lidar com utentes com vários tipos de deficiência e diferentes graus de autonomia e tudo o que isso implica, compreende-se que esta realidade é toda ela carregada de frustração, não existindo aparentemente ponto de fuga para o profissional a evitar.

Sendo certo que o modo de funcionamento influencia a forma como os indivíduos se adaptam à realidade e se deixa influenciar por ela, como é que estas pessoas se adaptam a uma realidade tão exigente? Que compromissos identitários fazem? Que lógica defensiva, mais ou menos adaptativa utilizam? O que é evocado dentro de si?

Tendo em conta que o conflito intrapsíquico entre estruturas, surge de pulsões e desejos recalçados que não podem ser satisfeitos, logo da frustração (Freud, 1973b), podemos dizer que este é um contexto laboral que promove esta conflitualidade interna. Sendo que o processo primário se relaciona com a satisfação imediata das necessidades e funciona na lógica do princípio do prazer, enquanto que o processo secundário, funciona segundo o princípio da realidade que se impõe ao princípio do prazer, criando a capacidade de adiar ou redirecionar a descarga pulsional e por isso promove a capacidade simbólica (Freud, 1996a). O caso mais ilustrativo do que foi descrito é a sublimação, esta como mecanismo de defesa maduro ou evoluído, permite a satisfação parcial dos desejos inconscientes de uma forma socialmente aceite e valorizada. Os desejos são canalizados em vez de serem recalçados ou deslocados (Freud A., 1936), sendo este mecanismo de defesa adaptativo. Mas será esta lógica que move as pessoas para a áreas como estas em que têm que cuidar do outro numa situação de extrema dependência ou serão questões mais primitivas que estarão a atuar, com conteúdos mais agressivos? como é o caso de tendências masoquistas, com a agressão centrada sobre si e ao mesmo tempo numa provocação ao objeto (Freud, 1996b) e autopunitivas (Bergeret, 1988) em que o sujeito inflige uma punição a si para satisfazer um superego demasiado exigente.

Ou ainda antes numa lógica de reparação? movendo-se estes profissionais por um desejo de reparação por uma culpa arcaica. Um vez que experiência precoce é toda ela dominada por ansiedade dado ao condição de completa dependência do bebé. Este não tem a noção do tempo e por isso é incapaz de antecipar a satisfação de ser alimentado, quando experimenta a frustração ao sentir fome. Assim, a criança polariza a sua experiência e as emoções a ela associadas, em bom quando é alimentada e em mau quando sente fome. Gradualmente a criança vai sendo capaz de reconhecer o seio materno e posteriormente a mãe, como um objeto total capaz de nutrir e frustrar. Contudo o bom e mau, sempre que necessário, são mantidos separados na mente da criança, com o objetivo defensivo de proteger o bom do mau (Klein, 1988ab).

Mais tarde, Klein reforçou a ideia de que a clivagem do ego, dá-se porque existem partes do *Self* que são tidas como ameaçadoras e por isso temidas, estas são separadas através de mecanismos de projeção e habitualmente identificadas como pertencendo a um objeto externo, e por isso postas fora. Este mecanismo de clivagem dos objetos em bons e maus é a base daquilo a que a autora chamou de posição esquizo-paranóide. Posição essa a que tomos podemos recorrer quando enfrentamos situações que de algum modo percebemos como ameaçadoras para o *Self*, pois permite-nos acreditar no bom objeto contentor, não

contaminado pelos elementos ameaçadores que foram clivados e colocados fora, num outro qualquer lugar (Klein, 1988ab).

Segundo Klein (1988ab), estas defesas contra a ansiedade são intersubjetivas, dependem das relações interpessoais e são ativadas por elas. Esta ideia afasta-se de uma conceção de *Self* como unidade única, com limites bem definidos que o separam do mundo externo dos objetos. Antes, há uma tónica dinâmica e não temporalmente estanque, uma vez a clivagem entre o bom e o mau é conseguida através de mecanismos inconscientes de projeção (por dentro) e introjeção (por fora) dos objetos.

Contudo a posição esquizo-paranóide não é a única forma fazer face a uma realidade ameaçadora, contrastando com esta a autora propõe a posição depressiva que implica o reconhecimento que o mesmo objeto pode conter o bom e o mau, ou seja, forma-se quando a criança reconhece a mãe como capaz de frustrar e nutrir. Esta posição é mais difícil de manter quando se enfrentam ameaças externas e internas ao *Self*, pois o bom tem de ser preservado a todo o custo, nem que para isso se sacrifique a realidade (Klein, 1988ab). É entre estas duas posições que nasce o desejo de reparação, através da culpa por ter canalizado a agressividade para o objeto (pela inveja) e nasce ao mesmo tempo medo de ter danificado o objeto e de o perder (Klein, 1988b).

Por outro lado, o que acontece ao pensamento destas pessoas, como é que elas transformam e metabolizam e integram dentro de si, no seu aparelho psíquico, esta realidade?

O pensar surge como uma solução, uma resposta, para se ser capaz de lidar com a frustração (Bion,1994), logo se o ódio que resulta dessa frustração não exceder a capacidade do ego de suportar, o resultado é uma formação de pensamento através da função *alfa*. Esta que integra as sensações provenientes dos órgãos dos sentidos com as respetivas emoções. Mas se o ódio gerado pela frustração for excessivo, os protopensamentos ou elementos *beta*, ou seja, experiências sensoriais primitivas e caóticas que não puderam ser pensadas, encontram alívio em irrequietude motora, somatizações ou atuações, sempre através de identificação projetiva (Bion,1994). Se a pessoa tiver capacidade de tolerar a frustração, a função *alfa* vai transformar as primeiras impressões emocionais (prazer e dor) e elementos *alfa*. É a partir destes e porque foram transformados pela função alfa que se origina a produção onírica, a memória e outras funções da mente (Bion,1994). Cria-se assim uma barreira de contacto, através dos elementos *alfa*, com a função de separar o dentro e o fora, o inconsciente e o consciente, o interno e o externo, funcionando como uma membrana celular que dá à pessoa uma sensação de integração (Bion,1994). Os elementos *beta* pelo contrário se proliferarem de forma caótica não permitem sonhar, nem distinguir a fantasia da realidade. Pode acontecer

uma reversão da função *alfa*, que é quando esta já opera no aparelho psíquico, mas que por alguma dor esmagadora, ela regride e produz elementos *beta*, diferentes dos originais. Pois há uma regressão em direção a um pensamento concreto, que pode chegar ao nível da linguagem das sensações psíquicas corporais (Bion,1994).

Portanto, lidar com a frustração modificando-a é parte da função simbólica e da capacidade de pensar, esta que por sua vez permite uma melhor adaptação à realidade. No entanto que espaço transformativo sobra a estas pessoas para modificar a frustração quando ela é esmagadora e ultrapassa a sua capacidade de pensar? É certo que a frustração vincula à realidade, mas e o que acontece quando é de tal ordem que tem o efeito contrário e afasta dela?

Para fazer face a estas questões, e perceber a lógica que traz estas pessoas a esta realidade laboral, estes movimentos e dinâmicas psíquicas, há que posicionar a pessoa como sujeito psicossocial (Hollway and Jefferson, 2000), ou seja, olha-lo como uma entidade construída simultaneamente psíquica e socialmente.

Há que ter em conta as diferenças individuais na forma como as pessoas dão significado à informação que têm disponível, ou seja, o discursos das pessoas ou o sistema de significados dentro dos quais elas se posicionam. Dever-se-á atender à biografia particular e única da pessoa e de como ela se relaciona com o investimento que a pessoa faz em determinado discurso. Sendo que esse investimento contém os desejos e ansiedades, inconscientes e intencionais, que motivam uma determinada posição e os argumentos que a sustentam e que de alguma forma a pessoa sente que a retrata e com a qual se identifica (Hollway and Jefferson, 2000).

O termo discurso é usado para enfatizar a maneira organizada como os significados ganham coerência em relação a uma determinada posição central, que por sua vez lhes dá valor e significância. Aqui não está apenas presente o significado linguístico para o sujeito mas a interpretação que ele faz desse significado, que representação o que significa para si, no seu contexto e com a sua história de vida (Hollway and Jefferson, 2000).

A forma como as pessoas são formadas pelas suas representações discursivas, denomina-se sujeito discursivo e é uma versão da expressão do sujeito socialmente construído (Hollway and Jefferson, 2000).

O uso de um discurso comum é processado como único pois está impregnado com os significados em que a pessoa investiu, como consequência das tensões e conflitos que vão resultando da sua biografia. Assim, os significados, ao mesmo tempo, comuns e únicos, com carácter social e biográfico, discursivos e defensivos. Assim, só é possível compreender o

porque de uma pessoas adotar um discurso e não outro, tendo em consideração os seus investimentos pessoais, estes que estão diretamente ligados á identidade da pessoa (Hollway and Jefferson, 2000).

Para uma atitude compreensiva do sujeito é necessário perceber como conflito interno, o sofrimento e as ameaças ao *Self*, operam na sua psique, e de que forma a afetam, conduzindo a pessoa a posicionar-se e a investir num determinado discurso em detrimento de outro, em relação a um qualquer assunto. Aqui percebe-se a influencia do fator psíquico e social que atuam simultaneamente constituindo aquilo a que Hollway and Jefferson (2000) chamou de sujeito defendido .

Portanto, o investimento de alguém em determinado discurso tem um propósito defensivo, pois pretende mitigar os efeitos da experiência traumática, para suportar o sofrimento dela decorrente, protegendo o *Self*. As ameaças ao *Self* geram ansiedade, e esta premissa é central na teoria psicanalítica, onde a ansiedade é vista como inerente á condição humana. Para a Psicanálise, a ansiedade precipita defesas contra as ameaças ao *Self* e estas defesas atuam sobretudo ao nível inconsciente. A ideia de uma dinâmica inconsciente que nos defende da ansiedade e influencia de forma significativa as nossas ações, as nossas vidas e a forma como nos relacionamos com os outros, é mais ou menos transversal a todas as correntes teóricas (Hollway and Jefferson, 2000).

No entanto Hollway and Jefferson (2000), sustentam os conceitos acima descritos na teoria de Todas as pessoas vão alternado entre estas duas posições, por vezes a resposta é dada a uma situação sentida como ameaçadora tendo por base a posição esquizo-paranóide, e clivamos o objeto, pondo fora as partes más, outras vezes, ou noutras áreas da vida, a resposta dada tem por base a posição depressiva e há o reconhecimento do bom e do mau no mesmo objeto, seja ele, coisa, pessoa ou grupo (Hollway and Jefferson, 2000). No entanto cada pessoa tenderá a adotar predominantemente uma das duas posições, existindo um tendência na organização dos seus mecanismos de defesa, quando respondem àquilo que percebem como ameaças ao *Self* . Assim, as respostas dos profissionais da área da deficiência também são moderadas por estes mecanismos intra-psíquicos, pelo seu contexto social e pelo seu vivido, numa realidade profissional que por si só poder-se-ia ver com ameaçadora à partida, pelas exigências que lhes impõe.

3. Tipo de Estudo

Este é um estudo qualitativo, que visa compreender a experiência vivida, subjetiva, e intersubjetiva, de quem trabalha na área da deficiência. Insere-se numa lógica holística, uma vez que não é possível identificar nenhuma subunidade lógica de análise à partida e os pressupostos teóricos para este estudo, são também eles de natureza holística (Yin, 2001).

Esta abordagem permite que se vão analisando as temáticas que vão surgindo, à medida que a investigação avança. Este aspeto introduz uma flexibilidade (Yin, 2001) essencial quando se pretende aceder à experiência subjetiva e intersubjetiva dos sujeitos. Perseguindo resultados compreensivos do processo e do conteúdo, ainda que com uma tónica mais abstrata, do que alcançando metas meramente formais, perdendo de vista todo o conhecimento que concorreu para as mesmas. Ora é esse mesmo conhecimento o tópico central deste trabalho.

Como foram realizadas e analisadas três entrevistas, estamos perante um estudo de casos múltiplos, de natureza holística (Yin, 2001).

O estudo qualitativo permite compreender e interpretar fenómenos complexos, como são os que ocorrem dentro do sujeito, demarcando-se do estudo do sujeito pela medida, como ocorre nos estudos quantitativos, mais superficiais, esta abordagem é redutora quando se pretende estudar o sujeito na sua profundidade e espessura (Marques, 1999).

Assim, com uma abordagem compreensiva, pela interpretação, pretende-se aceder ou apreender o sujeito psicológico como um todo (Marques, 1999). E ainda perceber como este ser psicológico manifesta os seus processos intrapsíquicos inconscientes, num espaço e num tempo biográficos (Marques, 1999).

4. Método

Tendo em conta o tipo de estudo anteriormente identificado e descrito, foi usada neste trabalho a Entrevista de Narrativa de Associação Livre (FANI – *Free Association Narrative Interview*). Esta consiste em aceder à dinâmica intersubjetiva inconsciente que surge na relação entre entrevistador e entrevistado (Hollway and Jefferson, 2000). Baseia-se no princípio de se trabalhar com a totalidade da informação recolhida e prestar atenção às ligações entre conteúdos e contradições dentro do todo que é a entrevista. Com fundamento psicanalítico, sobretudo na teoria de Melanie Klein (1946), recorre à interpretação, logo o entrevistador assume um papel muito importante durante a entrevista - pelo terceiro que se cria na relação entre duas pessoas - e na sua análise.

O sujeito tido como entidade psicossocial única, num contexto social, embebido de um sistema de valores e com uma história de vida específica. Logo, o objetivo deste método de investigação é a compreensão do mundo interno de determinada pessoa, localizando-a na sua biografia e demografia (Hollway and Jefferson, 2000).

Assim, para que se estabeleça o encontro das subjetividades entrevistador-entrevistado, criando uma intersubjetividade única, é colocada ao sujeito uma questão aberta. Quanto mais aberta for a pergunta, melhor, para que a associação livre de ideias flua livremente e o discurso prossiga sem desvios. Convida-se o sujeito a narrar a sua experiência tal e qual ela é percebida, contar a sua história na primeira pessoa (Hollway and Jefferson, 2000), aproximando-se a descrição da pessoa o mais possível da realidade.

No processo de interpretação são valorizadas as conexões inconscientes e as dinâmicas que resultam em contradições e incoerências. O entrevistador procura as incongruências no discurso, numa atitude de escuta flutuante e interpretativa (Hollway and Jefferson, 2000).

É dada particular atenção também à intensidade da voz, à tonalidade afetiva, às hesitações, aos silêncios e a todo um discurso não verbal paralelo e ainda ao que não é dito. Pois são estes aspetos que põem a descoberto o conflito interno, as ansiedades que constituem ameaças ao *Self* e os mecanismos de defesa que as mesmas ativam (Hollway and Jefferson, 2000).

É o conflito inconsciente e as ameaças percebidas à identidade, que fazem com que o sujeito, na tentativa, também, inconsciente de se defender, adote um discurso em detrimento de outro e se comporte de determinada maneira, pois falar sobre o tema pode proporcionar o emergir de conteúdos mais ou menos ameaçadores e inaceitáveis à consciência, dos quais o sujeito se defende, ou tenta defender, refletindo-se o resultado no seu discurso e narrativa (Hollway and Jefferson, 2000).

Portanto o discurso do sujeito defendido é iniciado com uma questão aberta e dever-se-ão ter em conta quatro pressupostos, com vista promover a intersubjetividade: primeiro, as questões colocadas são abertas, não limitando e condicionado ou dirigindo o discurso do sujeito; segundo, acompanha-se o discurso do entrevistado, deixando-o fluir, compreendendo a história narrada; terceiro, não são colocados porquês, visto que isto anula a espontaneidade do discurso, tornando-o racionalizado, afastando-se da dinâmica inconsciente; quarto, o acompanhamento do discurso do entrevistado deve ser feito com a terminologia usada por este, seguindo a mesma ordem cronológica, ou seja, deve-se ir ao encontro do do discurso narrado, pois não é o entrevistador que dirige a sequência da história narrada (Hollway and Jefferson, 2000).

O princípio holístico da *gestalt* fundamenta esta metodologia, pois para a interpretação interessa o todo, o conjunto da informação, pois este é mais que a soma das partes e é nesse “mais” que se encontra aquilo que a que se pretende aceder. Ao referir o todo, o conjunto, não significa que o objetivo obter uma narrativa através de uma história coerente e organizada em termos espaciais e temporais, uma vez que como foi referido é nas contradições, incoerências, hesitações, mudanças de tom de voz, emoções expressadas, elaboração de conflitos, que se encontra o verdadeiro conhecimento do fenómeno estudado, que se alcança por interpretação (Hollway and Jefferson, 2000).

A questão do entrevistador e a associação livre do entrevistado, fazem com que este exponha verbalmente as conexões e pontes entre conteúdos á medida que estes surgem na sua mente. Estes conteúdos trazem consigo a marca emocional e o vivido mnésico dos eventos, mais ou menos traumáticos que os geraram. Pelo que FANI seja a metodologia adequada para o estudo de fenómenos complexos e para explorar temáticas afetivamente carregadas que compõem a identidade do sujeito (Hollway and Jefferson, 2000).

Por último, interessa sublinhar o papel do entrevistador, que é não só de observador como também de participante, uma vez que a sua subjetividade também atua na construção da intersubjetividade criada na relação no momento da entrevista. E ainda no processo de interpretação, atendendo às dinâmicas intrapsíquicas e intersubjetivas que surgem ao longo da entrevista (Hollway and Jefferson, 2000). Eu ponho-me, a mim, enquanto entrevistador, em relação com o outro, para o “ver”, saber quem ele é, para o conhecer, encontrando-me com ele. Ou seja, a subjetividade do entrevistador está ao serviço da intersubjetividade, para aceder à subjetividade do entrevistado e á sua identidade (Hollway and Jefferson, 2000). O diálogo intersubjetivo é alargado, quando a interpretação é também feita em grupo, para além do trabalho interpretativo individual, enriquecendo a análise.

5. Participantes

Participaram no estudo três mulheres, duas delas com 42 anos e uma com 57, uma das de 42 anos era auxiliar e a outra era animadora sócio-cultural, a participante de 57 anos era também auxiliar, portanto as três, embora com funções diferentes, trabalhavam diretamente com os utentes da instituição, logo o seu nível de exposição a esta realidade era alto.

De todas elas foi obtido um consentimento informado, ou seja, explicou-se que a sua entrevista iria ser gravada e iria ser usada para propósito de investigação académica. Assegurou-se também o anonimato das suas identidades e a confidencialidade de toda a

informação recolhida. Para cumprir com este compromisso, alteraram-se os seus nomes para nomes fictícios.

Assim, a primeira participante a ser entrevistada foi Sandra (nome fictício), 57 anos, casada, com uma filha na casa dos 30 anos, que já não vive em casa do casal. Sandra é auxiliar numa instituição que trabalha com crianças, jovens e adultos com deficiência e/ou doença mental. Trabalha há cerca de 10 anos naquela instituição, mas o seu primeiro contacto com ela foi há mais ou menos 30 anos, por um curto período de tempo, tendo saído por sua iniciativa.

A segunda entrevista foi à participante Anabela (nome fictício), de 42 anos, que vive com uma filha com cerca de 20 anos. Anabela é também auxiliar na mesma instituição e está há alguns meses de licença sem vencimento. Anabela trabalha há 20 anos nesta instituição.

Finalmente, a terceira participante a ser entrevistada foi Joana (nome fictício) com 42 anos. Joana é casada e tem dois filhos menores, um com 7 e outro com 4 anos. Também ela trabalha na mesma instituição e é animadora sócio-cultural, há 23 anos.

6. Procedimento de recolha da entrevista

Tendo por vista a compreensão da experiência vivida e a dinâmica psíquica de pessoas que trabalham na área da deficiência em contacto, direto e permanente, com os utentes destas instituições, foi necessário encontrar pessoas desta área profissional que cumprissem a premissa da super exposição a esta população.

O primeiro passo foi perceber que intuições deste tipo existiam na área geográfica de maior conveniência para a realização das entrevistas. Depois foi identificar os seus trabalhadores que mais contactavam com os utentes. Esta identificação foi feita através de uma rede informal de contactos. Foram contactadas três pessoas e questionadas individualmente, sobre a sua disponibilidade para darem uma entrevista em que falassem de como é trabalhar com pessoas com deficiência, logo após ter-me identificado como aluna de Mestrado em Psicologia.

As três mulheres acederam em dar a entrevista e foram marcados os dias, as horas e os locais para se concretizarem as entrevistas.

No momento antes de iniciar cada uma das entrevistas foi recordado a cada uma das mulheres de que esta iria ser gravada. Foi ainda explicado que não iria ser feita uma entrevista tradicional de pergunta/ resposta, mas antes que iria ser feita uma pergunta aberta: *“fale-me da sua experiência enquanto pessoa que trabalha na área da deficiência”*. Foi acrescentado,

também que não havia respostas certas nem erradas, que falasse livre e abertamente sobre o tópico, e que o que se pretendia saber era a sua opinião e perspectiva, sobre o assunto.

A primeira entrevista teve uma duração de uma hora e trinta minutos e a segunda e terceira duraram aproximadamente cerca de trinta e cinco minutos cada.

7. Procedimento da análise da entrevista

Uma vez gravadas as entrevistas, as mesmas foram transcritas integralmente e foram, em diferentes momentos, lidas em voz alta para um grupo de trabalho constituído pela orientadora de dissertação e quatro alunos. Todos davam o seu contributo livremente, interpretando o conteúdo latente dos discursos das entrevistadas, procurando dar significado às ligações, contradições, incoerências que iam surgindo ao longo das suas narrativas.

O trabalho interpretativo, continuou individualmente, para complementar e triangular a análise anteriormente feita.

Posteriormente foram registados os invariantes presentes nas três entrevistas analisadas e agregados em grandes temas. Estes foram analisados e discutidos à luz de um referencial teórico psicanalítico.

8. Análises das narrativas

8.1 Sandra

Ao longo de toda a entrevista, Sandra apresentou um discurso coartado e confuso, não terminava as frases, interrompendo ideias para de forma abrupta introduzir outros temas e posteriormente, de forma não menos escarpada, regressar à ideia inicial.

Inicialmente Sandra começa por dizer que quando começou a trabalhar nesta área não teve qualquer dificuldade em se adaptar a esta população, no entanto o seu discurso, revela ansiedade e constrangimento. *“Ahah, eram meninos com uma deficiência . . . como é que eu hei-de explicar de, mais com dificuldade em aprender, na altura, e depois eu saí ao fim de um x de tempo, não fui, não fui, não, como é que eu hei-de dizer, falta-me o termo, não tive qualquer problema em entrar e ter contacto com aquele tipo de crianças, pronto, depois estive 21 anos fora e no fundo de desemprego tornei a voltar, perguntaram-me e eu disse que tinha trabalhado, e elas disseram-me, olhe é um bom sitio, mas olhe que muita gente não . . . vai mas não fica, não se adapta.”*

O mesmo tempo que introduz o seu regresso á área sem dizer o motivo da sua saída, Sandra compara o passado e o presente. Diz que quando regressou ao fim de 21 anos afastada o que encontrou era já uma população adulta e mais “*pesada*”, para no momento seguinte dizer que afinal não via assim tanta deficiência. *Quando cheguei, realmente a população completamente diferente, muito mais, como . . . mais pesados, mais adultos ahaha, havia já uma divisão, eu entrei tipo pré-escolar e ali havia já uma divisão de CAO que é a partir dos 19 anos que é o ensino obrigatório que têm que levar até aos 19 anos, né?! ou até aos 18?, aos 18! e depois não tinha, optaram por ter para os mais adultos, que os pais, na altura foi o que me contaram, que os pais não tinham capacidade para ter aquelas crianças noutra lugar e então avançaram com mais idade, achei estranho porque não, não via assim tanta deficiência, pronto.*

Estas duas passagens do discurso de Sandra, indicam que foi difícil a sua adaptação ao trabalho com esta população, e ainda é. Embora isto não seja assumido por ela. Pelo contrário, ela tenta transmitir que lida com esta realidade diária com naturalidade, mas quer a forma quer o conteúdo, acabam por trair a tentativa inconsciente de mascarar o desconforto e angústia.

De seguida, Sandra faz uma ligação curiosa ao dar a sua opinião sobre entre as lacunas que segundo ela existem no ensino destes jovens e a falta de higiene nos mesmos jovens. Por um lado um lado diz que não tem curso, ou seja, habilitações para avaliar o tipo de ensino, demarcando-se dessa função e responsabilidade, por outro lado, diz que o consegue fazer pela experiência que tem. Depois diz que o ensino devia passar por ensinar a comer e a cuidarem da sua higiene pessoal e não passar pelo treino da motricidade fina, ignorando a ligação entre estes dois aspetos “*Agora em relação, a nível de ensino eu acho que há muita falha no meu ver, nesse nível, mas eu não tenho curso, mas a gente com a prática e com os anos vamos vendo as capacidades e o que eles podem fazer e . . . acho que para mim o ensino deveria ser aquela base de ensinar a comerem, ir a uma casa de banho ahah . . . a tratarem-se da higiene deles . . . acho que isso é que deveria ser, o básico deles, a autonomia. Não é, é a motricidade fina, como dizem, que tem que desenhar, riscar, eh pá tudo bem, mas batalhar nisso, sempre, sempre, sempre.*”.

Avança na sua narrativa e diz que ela própria os ensina a terem as noções básicas de higiene e que os professores, que têm curso é que deviam fazer isto “*Acho que era das, o controlo dos esfíncteres, acho que . . . não vejo, quem faz o curso e que deveria estar à frente, para . . . muitas vezes, e nós auxiliares é que muitas vezes andamos ali sempre em cima e achamos que deveremos de fazer (suspira) . . .*” Isto introduz aqui um conflito, localizando-a numa zona de

desconforto, ao igualizar tudo, tarefas e papéis, perde o seu lugar. Não percebe que há papéis diferentes num determinado contexto, como é uma instituição.

Há já aqui um indicador de que há falta de limites, fronteiras entre o que é seu e o que é do outro. Ao seu olhar, ela está sempre bem, mas os outros estão mal, em termos manifestos, apontando para os outros o que está mal, ficando numa zona de desconforto. Já em termos latentes nem ela está bem. Uma vez que sente que não deve fazer determinadas coisas, por exemplo, dar banho aos utentes que vêm sem o tomar de casa, e outras tarefas relacionadas com a higiene dos utentes (por considerar que não é da sua competência e responsabilidade), acaba por fazê-las: *“há crianças que tem falta de higiene eu muitas vezes chegava, portanto para tratar da higiene dos miúdos, eh pá, não conseguia estar com eles com aquele cheiro, geralmente as meninas de cor na fase da adolescência têm um cheiro completamente, eh pá aquilo para mim, achava que . . . dar banho. . . de chegar a um ponto de dizerem: eh pá não tens nada que fazer isso porque isto aqui não é a Santa Casa da Misericórdia, (patatapatata) epá mas eu cá dentro custava-me imenso. Porque achava que uma higiene, mas também até são capazes de ter razão pois os pais habituam-se a isso e depois acabamos por ser obrigatório: então vocês faziam e agora deixaram de fazer?, pronto encostam-se. . .”*. Esta incoerência entre o que diz ser a forma correta de proceder e o que acaba por realmente fazer, sugere uma tentativa de uma qualquer reparação, e um sentimento de culpa atuante.

Posteriormente, Sandra introduziu o tema da sua filha, e compara as dificuldades que sentiu, com as que as mães destes jovens devem ter sentido. Se por um lado diz que o seu caso era mínimo, quando comparado aos casos que vê na instituição, por outro lado toda a sua narrativa revela o contrário: *“quando entro na segunda, já tenho a minha filha e fez-me pensar muito, mas mesmo muito, o que nós mães às vezes por uma coisinha, o facto de por exemplo o facto de a minha filha não comer, eu falo isto muitas vezes, o fato de não comer, era má para comer, mesmo muito má. E quando chego ali e vejo, fico assim, eh pá! Mas o que é isto?! Andei-me eu aqui, ahahah chorava baba e ranho, eu era conhecida por a mamã chorona por causa da menina não comer e chego ali e digo assim: como é que estes pais, que sabem que não há, portanto, sabem alguns né?!, porque outros pensam que ainda vão, os filho vão progredir, têm esperança de que vão ser . . . e de cadeira de rodas ali, todos os dias não falam, não, não, tem que ser dar o comer á boca mudar fraldas, anos a fio, eu digo assim, o eu caso era uma gota num oceano, uma gota de água no oceano, mesmo! É . . . ponho-me às vezes do lados dos pais e deve ser mesmo muito complicado, fez-me pensar , fez-me muito pensar que eu fui egoísta até, fui egoísta, . . .”*.

Seguidamente faz uma ligação interessante, a do porquê de não ter avançado para um segundo filho: *“porque o segundo filho, não tentei o segundo filho porque pensei: ai agora que estou livre de, de . . . que ela agora já come um bocadinho melhor, então e os pais que têm um filho assim e tentam o segundo filho?, faz-me pensar aquelas cabeças como é que . . os motivos que os levam a ter um segundo filho?, já tenho pensado assim: será para que têm um filho, ou para irem buscar um filho para quando eles forem velhos tratarem, tomar conta do filho com aquele problema? Meto-me às vezes a pensar nesse campo, e noto que os pais chegam a uma certa altura completamente de rastos mesmo, . . .”* Aqui Sandra assume a filha com o peso, tal como os utentes da instituição são um peso, para as suas famílias e também para ela. Se por um lado a filha cresceu, e ela atribui a si o sucesso de ela passar a comer melhor em termos manifestos, ao nível do contudo latente aquela maternidade foi um falhanço. Aqui fica claro que a sua tentativa de reparação é em relação á sua falha como mãe, à sua incapacidade de cuidar de uma filha diferente, e que ainda por cima não era assim tão problemática quando comparada com os jovens que veio a encontrar no seu local de trabalho.

Continua contando um episódio da sua infância com o seu pai, *“Faz-me lembrar as andorinhas. Quando um filho nasce com deficiência, tiram fora do ninho, eu não sabia, o meu pai uma vez, eu vi uma andorinha fora do ninho e eu tentei por, e o meu pai disse assim, não vale a pena, porque ela, ele tem um problema qualquer e ela rejeita-o do ninho, porque tem problema.”* Esta sequência reforça a ideia anterior da culpabilidade face ao seu fracasso como mãe que rejeita a filha, porque esta tem um problema. E muito provavelmente, porque se sentiu rejeitada pelo seu pai, pois este não a apoiou na iniciativa de salvar a andorinha, com uma explicação crua, em o discurso subjacente foi que os pais podem rejeitar os filhos se estes não corresponderem às suas expectativas, ou seja, que ele a podia rejeitar, provocando uma enorme insegurança em relação ao seu amor, este que devia ser incondicional. Faz em seguida a comparação com os pais e/ou mães humanos que rejeitam os filhos com deficiência, atribuindo o fato de grande parte dos casais estarem separados ou divorciados à deficiência do filho: *“quando existe um filho, é raro os casais que não se separam. Ali praticamente . . tudo separado, ou separado, ou a mãe que deixou e não quer saber da criança, geralmente, às vezes, ali já são dois, dois casos? Três casos! De miúdos que as mães rejeitam, essa . . . muito estranho também. . . . Assim esses . . . ali também fizeram . . e eu assim, eh pá que coisa tão estranha, como é que uma mãe rejeita, mas pronto.”*

A ponte que Sandra faz de imediato é com a filha e com o fato de ela ser muito pequenina *“voltando, à minha, eu quando tive a minha filha, era muito pequenina, fiquei completamente desorientada, desorientada, desorientada, que quase tentei o suicídio. Lá está isso, como é*

que é possível o facto de só nascer pequenina, não querer comer, então e um caso destes? E um acaso destes? Isso aí, às vezes fico muito . . . custa-me imenso . . . mexe (em voz trémula), lá está e por isso é que eu digo: fui egoísta, fui egoísta nisso,” e com os sentimentos de culpa, rejeição e vergonha que sentia, como mãe de um filho que não idealizou, que não sonhou, que ficou aquém das expectativas da sua fantasia. “as pessoas diziam-me assim, a minha filha andava ao colo, era muito pequenina, então com um ano tinha 7 kgs e diziam assim: ai parece uma bonequinha, não diziam aquilo de forma, porque ela era bonita e é bonita, diziam aquilo com, mas eu para mim, desatava logo a chorar, logo! E digo eu assim, então e estes pais, quando vão com . . .lá está a vergonha, e depois é assim, há miúdos que não saem praticamente á rua, porque os pais parece que têm vergonha, não é?! De, de virem com eles à rua, e às vezes digo eu assim: pois realmente, o facto de, como é que os pais não se sentirão de ver, as pessoas quando vêm uma cadeira de rodas, ou uma criança com, de olharem, não é?! Isso também deve mexer muito com eles, porque eu o facto de me dizerem a mim: parece uma bonequinha, eu desatava logo, como é que aqueles pais, é preciso ter muito, ahaha estofó.”. Mais uma vez estes sentimentos estão ao nível do inconsciente e são acedidos pela narrativa Sandra, que sem se dar conta fala de si, através destes pais, destes jovens.

Sandra defende-se dos ataques percebidos à sua identidade, ficando num não lugar, ou pelo menos um lugar, não seguro/ assustador, pois geraria um enorme sofrimento psicológico/ angústia ao ver-se como mãe incompetente/ insuficiente, pois no fundo a sua fenda narcísica é tão profunda, que acredita que os outros têm razão quando a criticam, ou quando fazem comentários sobre, por exemplo, a filha ser tão pequena para a idade, daí que ela os absorva como críticas (põe-lhes um significado destrutivo) pondo-se em causa, pois eles ameaçam a sua identidade, pela profundidade na sua fenda narcísica.

Logo, ela tenta agora reparar esta insuficiência/ incompetência, pois não a iria suportar na sua estrutura (fragilidade) e defende-se da ameaça de aniquilamento desta parte do *self*, atacando os outros percebidos como ameaçadores. Pois Sandra, ao longo de toda a entrevista, é sempre muito crítica com tudo e com todos, está numa zona de desconforto, nada presta, nem ela. A sua tentativa de reparação e a forma compensatória como lida com a sua culpabilidade continua, pois como não conseguiu “alimentar” a filha no passado agora é a única capaz de fazer com que os utentes mais difíceis deste ponto de vista comam: “*Punha na mesa, e digo assim: vamos a comer, sempre, sempre, a insistir, a insistir, até que eles conseguem comer! Será que eu estou a fazer mal?! Não sei! Na minha, no meu ver acho que se chega a um ponto em que eu consigo que eles comam, então é porque o meu trabalho está correto. E ela chegou a um ponto agora de me dizer assim, Sandra realmente, quando os pais estão a dizer assim:*

ah mas ele só come coisas verdes, ou só come gelatinas, então deixa-o ir para o pé da Sandra que ela . . . ela, deixa-o . . .pronto, acho que a insistência, nós a insistirmos com frequência e mesmo aquela parte de “vamos a comer”, tem de ser assim tipo, mais firme, ter uma voz mais . . . acaba por . . . eles aderirem.”. Apesar de tudo e de ter sentido desaprovação nos comentários dos outros no passado, agora é capaz de identificar a aprovação.

Não sabe qual o seu lugar e por isso está em lugar nenhum, pois ou critica ou é criticada, não está em paz, está numa luta/ conflito constante. Quase uma luta pela sua “sobrevivência” psicológica, ataca, ou é atacada. Procura posicionar-se em algum lugar, mas recorre à crítica dos outros, acabando por não conseguir e ficando numa zona de desconforto. Sandra vive em constante pressão/ tensão interior e sem lugar. Ela critica os outros, mas também não é para se valorizar, é para igualizar, ficando em lugar nenhum.

Faz, constantemente e ao longo de toda a entrevista, muitas queixas e críticas externas. Há diferentes papéis, há funções diferentes na instituição, e ela anula essas diferenças, por exemplo, achando que todos têm que fazer o mesmo número de horas: *“Os educadores não fazem mais horas! Os educadores não fazem mais horas, nós é que fazemos, Nós é que fazemos muito mais horas que eles, eles continuam no mesmo horáriozinho, nós não!”.* Há ausência de limites, não sabe o que é dela e o que é do outro. No entanto não parece ser uma recusa da realidade, parece antes que não sabe mesmo o seu lugar dentro da instituição, assim como na vida.

Para além das críticas, Sandra revela também alguma questões com a autoridade, questões essas, que vão no sentido do descrito anteriormente e reforça a ideia de igualização: *“. . . acho, mas eu só tenho o 12º ano! . . . Com tantos doutoramentos! Tenho doutoramento disto, tenho doutoramento daquilo. Que eu sou Dr! Eu sou Dra! Professor não sei quê, eh pá (postura de enfado) fogo. . . . Eu ás vezes digo assim, eh pá, eu se calhar tenho mais doutoramentos que eles, a outros níveis. Não sabem.”.*

Para Sandra está tudo errado e todos mal, ela inclusive, pois com a filha também falhou, no entanto atribui a si a responsabilidade das melhoras da filha (em relação à comida).E é também por conseguir com que os utentes mais difíceis comam que ela se destaca, como que querendo continuar a provar que ultrapassou a sua insuficiência/incompetência.

Finalmente Sandra introduz o tema do marido, da relação difícil que têm (*“Ele não trata mal, mas é assim, mas já me tem dito coisas, da boca para fora, que não . . . magoam.”*). O seu marido está em casa de baixa, não quer trabalhar e no passado, contraiu dívidas, fazendo com que ela tivesse de ter mais que um trabalho, e esta situação volta a repetir-se: *“Todos dos dias chega-se a casa e não se vê reação em nada, bom dia, boa tarde. Eu pergunto o que é que*

almoçaste? O que é que não almoçaste? Não passa disto! Não passa disto. Não há conversa, não há diálogo . . .Trabalhar, não quer, passa-me o tempo todo no sofá a ver televisão, sim senhor! Pronto, é assim que queres tudo bem. Eh pá mas isto . . . Isto é estares a alimentá-lo!!!” Com o marido já se sente capaz, terá aqui um lugar? Só numa condição de alteridade extrema é que ela encontra o seu lugar. No entanto, não sabe ser, se não for por confrontação. Sandra diz que mexe muito com ela a forma como os outros falam e no entanto é ela que ao longo de toda a narrativa usa diminutivos para desvalorizar os outros, não para se superiorizar, mas para igualizar, anulando fronteiras e limites.

Portanto, Sandra vai oscilando entre vulnerabilidade desamparada e grandiosidade agressiva, ou seja, identificam-se duas temáticas presentes ao longo de toda a narrativa. A temática da alimentação, onde ela obtém, primariamente, insucesso com a filha e posteriormente, competência com os utentes, fazendo um movimento compensatório. É aqui que Sandra consegue e reconhece a aprovação por parte dos outros, que anteriormente viu como críticos e ameaçadores, pelo mesmo motivo. E temática da higiene, em que parece querer lavar tudo, apagar os motivos pelos quais se sente culpada. Ambas as temáticas muito primárias, se por um lado nutre, não sendo competente e suficiente, por outro lado “limpa” o que está “sujo”, ou seja, anular essa incompetência e insuficiência.

Um questão interessante é o facto de Sandra tratar o entrevistador, ora por tu, ora por você e simultaneamente diz que os outros não sabem o seu lugar, quando é ela que igualiza tudo e todos, não distinguindo diferentes papéis. Isto não parece acontecer no sentido de ter dificuldade da ligação ao real, terá a ver com as fronteiras, que neste caso são porosas e permeáveis entre ela e os outros. Ela vive na base da inconstância, colocando-se numa situação de impossibilidade.

8.2 Anabela

Anabela estava muito nervosa no início da entrevista, mas foi ficando mais à vontade com o entrar no tema. Começa por dizer que trabalhar na área da deficiência tem sido uma experiência muito positiva : “ . . . acho que é uma experiência bastante positiva, porque . . . lidar com crianças muito especiais que retribuem o dobro das crianças ditas normais.”. No entanto, ainda no mesmo parágrafo, o seu discurso, que supostamente sustentaria esta afirmação, vai exatamente no sentido oposto: “ . . . tudo o que nós obtemos do outro lado é bastante compensador, nem que andemos ali as vezes o mês inteiro sempre a batalhar na

mesma coisa, os mínimos objetivos pretendidos, é muito satisfatório.” Esta primeira incongruência vai acabar por marcar toda a sua narrativa.

A ligação seguinte que Anabela faz é com a sua filha, dizendo que lida com estes jovens de forma tão natural quanto lida com a sua filha: “ . . . cada um é um caso e é a afeição e o amor e começamos a lidar com eles de forma completamente natural, é como se eu tivesse a lidar com a minha filha, eu olho e penso tenho que os cuidar, como mãe, como cuidadora, como se fossem meus filhos dar-lhes acima de tudo os bens essenciais, os cuidados essenciais, o amor e o carinho, que eu tento que dar á minha filha, pronto e eu acho que tenta-se dar a dobrar, por eles serem meninos especiais (ri).”. Isto remete para a ausência de limites, Anabela igualiza tudo, anula a diferença e perde a noção do que é seu e o que é do outro.

Logo em seguida, Anabela anula toda a naturalidade que descreveu anteriormente, dizendo que efetivamente a adaptação foi “um bocado” difícil: “ Ao principio custou-me um bocado a adaptação, eu deixei de comer, deixei de dormir, pronto, porque não tinha a noção, porque os jovens deficientes que nós vemos na rua são às vezes jovens mais autónomos e chegamos a uma instituição e vemos casos mais pesados, pronto.” Depois faz novamente o movimento de anular o que havia dito, e fá-lo de uma forma dessintónica, uma vez que descreve uma total desvitalização, como se do maior pulsar de energia se tratasse: “Não andam, não falam, (sorri), mas no olhar dizem tudo, no olhar dizem tudo. Pronto e, e eu também gosto de trabalhar com os casos mais complicados, com a deficiência muito profunda,. . .”. Ao mesmo tempo introduz o tópico da proteção “ . . . tenho que considerar que eles sejam uns bebés que precisam mais de serem mais protegidos, mais atenção . . .”, regredindo e projetando nos utentes uma necessidade que é dela, colocando-se na sua infância onde provavelmente se sentiu desprotegida.

Continua com o tema da necessidade de proteção, referindo-se agora aos pais destes jovens: “E acho que os pais estão um pouco desprotegidos também, deviam ter muito mais ajudas, a todo o nível, seja de médicos, seja de abonos de apoios, os pais estão muito desprotegidos. . . . Muito desprotegidos . . . E depois as instituições também não têm condições para corresponder e para ajudar os pais. . . . É por isso que eu acho que os pais estão muito desprotegidos.”. Continua num movimento projetivo, fazendo um deslocamento para os pais dos jovens. Anabela é mãe solteira que muito provavelmente se sentiu desprotegida e sozinha neste papel, e mais à frente no seu discurso, diz lhe faltou muito do que considera essencial, como “amor e carinho”, reforçando, exatamente, esta ideia de que o desamparo e a vulnerabilidade são sentimentos transversais à sua sua vida.

Seguidamente Anabela diz que já trabalha nesta instituição há 20 anos, mas atualmente está de licença sem vencimento há quatro meses. Descreve uma ocasião em que teve um ano a trabalhar fora desta instituição e se conseguiu adaptar: *“Porque eu agora recentemente estou de licença sem vencimento, há 4 meses . . . Já estive um ano fora, antes, custou-me muito! Pedi para voltar. . . Há 20 anos. E depois estive um ano fora e não me consegui adaptar, não gostei, trabalhava na limpeza, mas também trabalhava numa escola e não consegui me adaptar. Também eu na Cerci comecei a trabalhar num ATL, com meninos normais e não me consegui adaptar. Acho que é muito mais difícil, eu para mim é mais difícil, trabalhar trabalhar com crianças normais.*

Isto acontecerá talvez por que estas crianças normais lhe devolvem algo que ela não quer aceitar, uma indisponibilidade para preencher o seu vazio as suas necessidades: *“Por acho que as crianças normais hoje em dia têm tudo, os pais dão-lhes tudo. Eles não sabem brincar, não sabem obter as regras, não têm interesse interesse por nada que a gente lhes possa ensinar. E acho que passam um dia inteiro na escola a ser despejados com matéria e depois chegam a um ATL e já não têm paciência para mais nada, nem sequer para brincar. . . . E na deficiência, a gente diz vamos brincar, vamos jogar um jogo e eles estão sempre desejosos de tudo e mais alguma coisa, tudo o que seja aprendizagem, tudo o que seja coisas novas, eles estão sempre desejosos. E é muito mais fácil lidar, pelo menos eu para mim, com um deficiente do que com um jovem normal.”*. Esta passagem revela que Anabela, ao manifestar incapacidade em lidar com crianças normais, tem uma enorme necessidade que dependam dela, de que gostem dela sem a criticar, sem a por em causa, o que leva a crer numa enorme angústia de perda do amor do objeto e uma profunda fenda narcísica que se abala à mínima coisa, até por crianças, que rejeitam, que não querem brincar, que não tem disponibilidade total para ela.

Posteriormente Anabela justifica o motivo da sua ausência de um ano e revela que saiu por cansaço, pois era muito desgastante a nível físico e psicológico, ora aqui existe uma forte incongruência com tudo o que foi dito anteriormente sobre ser mais fácil trabalhar com jovens com deficiência: *“Por cansaço, porque é muito desgastante porque, quer a nível físico, quer psicológico, pronto.”*. Tenta dizer que é difícil trabalhar com as pessoas, mas não aguenta esta racionalização e começa a falar de como é trabalhar com aqueles jovens e das verdadeiras dificuldades do seu dia a dia: *“ . . . torna-se também um bocado difícil trabalhar com as pessoas. Os utentes é mais o barulho que eles fazem, mas a agente consegue recuperar, pronto. Às vezes temos que ralar com eles, porque eles são um pouco teimosos, às vezes revoltam-se, também às vezes é a parte complicada que eles viram-se! Viram-se a nós, mas*

pronto. Eu a eles desculpo tudo (e sorri). Dou a desculpa.”. Há aqui uma luta interna, um conflito constante para recalcar a agressividade que o seu trabalho lhe provoca, pois vai fluindo entre descrições cruas do seu dia a dia e formações e reativas. Acaba novamente em racionalização: “. . .mas a nível de colegas de trabalho às vezes é um pouco difícil, por acho que nem toda a gente . . .” sem nunca objetivar as suas queixas sobre os colegas. O que Anabela acaba por fazer é igualizar tudo e todos outra vez, fala em colegas e descreve o trabalho dos técnicos de ensino especial e dos educadores, ignorando diferentes papéis e funções e faz isto para os criticar: “. . . eu não tenho estudos, eu costumo dizer: não tenho estudos, não tenho bases, tenho coração, amor e carinho para dar, basicamente isso e acho que depois na parte técnica acaba por falhar esse, essa sensibilidade, pronto. Acho que sim, que eles têm que aprender, eu também me oriento por aquilo que os educadores me dão, mas depois falta aquela sensibilidade, é como se estivesse ali a despejar matéria, não pode ser assim, acho que não tem que ser assim, isto é a minha opinião. Acho que não tem de ser assim.”. Novamente aparece aqui a falta de limites e fronteiras entre o que é seu e o que é do outro. Racionaliza outra vez, dizendo que o motivo do seu cansaço psicológico é a forma insensível como os outros lidam com estes jovens, o que vai ao encontro da carência de limites existente entre ela e os que a rodeiam, neste caso os jovens, pois ela prolonga-se neles ficando magoada através deles, deixando-se magoar através deles. Pois no fundo quem se sente magoada por aquela realidade é ela, ao ponto de ter que fazer uma pausa de 4 meses: “Portanto gosto mesmo de trabalhar ali, é mesmo de coração, mesmo de coração. . . . E pronto como surgiu esta oportunidade aqui, decidi fazer uma pausa, isto não é, não é definitivo, eu gosto muito de trabalhar lá, mas acho que havia coisa que precisavam de ser mudadas. . . . tive sorte em encontrar este trabalho, agora não, mas daqui a algum tempo quero voltar (sorri).”

Avança com as críticas aos outros, aos professores que não têm o curso de ensino especial, e não têm vocação para lidar com esta população, sendo que ela não tem curso, na sua ideia ela é que sabe lidar com estes jovens, não percebendo que há diferenças de papéis numa instituição. Põe tudo ao mesmo nível, diluindo as fronteiras de si no outro, anulando os limites.

Continua neste registo, agora em relação ao utentes quando descreve a sua participação nas colónias de férias: “Lembro-me de quando ia para as colónias de férias com eles, cinco estrelas. Eu gostava, era como se passássemos uma semana . . . conhecemos-nos muito melhor, apanhamos os hábitos, eu já . . . eu consigo lidar com eles como se fossem meus amigos, ahahahah, ter conversas com eles com às vezes tenho com os meus amigos. “pá não

faças isso, ou comporta-te desta maneira”, não sou como se fossem meus alunos, cheguei a levá-los a passar fins de semana na minha casa, ahahaha, a minha filha está habituada a lidar com eles também, não tem qualquer tipo de constrangimento, eu por mim é extremamente normal. E quando ia para as colónias de férias é: comermos juntos, dormirmos juntos, tomarmos banho juntos, sem, sem qualquer diferença, somos todos normais, somos todos iguais, (ri) . . . Eu cheguei a passar como uma aluna igual a eles e deixei-me ficar”. Mais uma vez anula a diferença, os limites, as fronteiras, talvez até mais do que isso, há um reconhecimento de si no outro, uma representação de si nos utentes, num movimento fusional. Regressa depois à necessidade, manifestada anteriormente, de que dependam dela, que gostem dela, que precisem dela, para o preenchimento de um vazio qualquer, pois será desta forma que ela se valida, que ela passa a existir, através dos outros: “. . . chegar ao fim de uma colónia e dizer, uma criança dizer-me assim: “gostava tanto que fosses minha mãe” (ri), isso para mim é tudo! Para mim é tudo.”. Esta necessidade é tão forte que a preenche à custa de lhes retirar as regras e contrariar as instruções que lhe eram dadas pelas educadoras, relevando que a sua relação com figuras de autoridade não é pacífica: “. . . tanto que às vezes à tarde era um caos, naquela sala. Quando apanhava os educadores fora, pronto agora vamos brincar, vamos pular, vamos fazer, pronto, acabou a parte da matéria. E eu sei perfeitamente que eles às vezes não gostavam, porque eles às vezes não queriam trabalhar, para estar ao pé de mim, para poder estar ali a fazer outro tipo de trabalho. . . . às vezes passavam a manhã a trabalhar e o educador dizia, se quiser á tarde faça isto com eles, e eu perguntava, mas eles diziam que não ia lá eu estar lá a chateá-los, agora uma manhã inteira a trabalhar, agora é para brincar, para verem um bocado de televisão, para estarmos no espaço, para estar á vontade, porque no futuro deles, eu acho que o A, E, I, O, U, não lhes vai fazer muita falta.”. Sendo que na sua ideia, os educadores e professores é que não estão preparados para lidar com aquela população, exatamente porque segundo ela carecem do que ela possui em excesso, carinho, toque. Tanto que já teve consequências deste comportamento desadequado e foi mudada de sala. Quando na verdade eles, os professores e educadores, são a personificação dos limites que ela se esforça por anular, e anula, limites que se estiverem presentes não permitem a sua validação, a sua existência, ou seja, eles transportam para a realidade de Anabela, aquilo de que ela carece e que não quer. Desta confrontação, entre as necessidades do seu mundo interno e o que o mundo exterior lhe devolve, surge o conflito em que ela vive e que manifestamente é traduzido no seu discurso, através dos mecanismos de defesa atuantes.

No fundo Anabela tem muita necessidade de receber, que transforma e põe no outro como tendo necessidade de dar. É assim que se valida, encontra o seu lugar, através do toque e do excesso de “mimos”, este que é também um não lugar, pois é desadequado: “*Acho que toda a gente precisa de amor e carinho, hoje em dia, sempre! Seja do que for, seja do berço até à velhice, todos nós precisamos de amor e carinho e se calhar por nunca ter tido muito isso, e ter sentido a falta tento dar, pronto, eu tenho muita necessidade de dar, seja à família, seja aos amigos, no trabalho, tenho muita necessidade de dar. E quando não dou não fico bem comigo própria e na parte da deficiência eles são tão carinhosos, são tão amigos, . . .*”. Quando não dá, não fica bem porque não recebe, não existindo.

Depois Anabela continua com as críticas aos outros, reafirmando como os professores e educadores não estão preparados para aquele trabalho: “*Tem a ver com as próprias pessoas que trabalham connosco, . . . e acho que não estão preparadas. . . não têm perfil!*”. E acaba por ficar magoada quando a realidade lhe devolve a sua desadequação: “*Eu também não sei se o meu perfil é o mais correto, eu estou a falar aquilo que eu, pronto . . . não sei se o meu perfil também é o mais correto, porque também já me chegaram a tirar de uma sala do autismo porque eu dava mimos a mais e estas coisa a mim é que me magoam, pronto, atenção a mais, mimos a mais.*”. No entanto anula logo a seguir esta confrontação com o real e o que ela lhe devolve, pois não aguenta o fato daquilo que lhe permite existir poder estar errado: “*Também acabei o 12º concorri á faculdade e não entrei e surgiu-me esta oportunidade, . . . Depois vim-me embora, porque aquilo era um projeto do instituto da juventude, só por 6 meses, depois vim-me embora e depois eles chamaram-me, porque gostaram do meu trabalho.*”.

Anabela nega a dureza do seu dia a dia e descreve “*Uma ótima, eram uma ótima experiência!! Mesmo os cuidados básicos, não tenho problemas nenhuns, dou-lhes banho, mudo-lhes fralda, limpo baba, limpo os narizes, não faz confusão de nada. Às vezes alguma colega está lá aflita e chama por mim, eu vou sempre ajudar, nada me faz confusão. É a tal coisa é olhar para eles como se olhasse pela minha filha, eu se pensasse, se tivesse uma filha assim gostava que tratassem desta forma.*”. Ela diz e contradiz de imediato “*Às vezes é claro que a gente se agonia com algumas coisas, né?! mas é normal, no dia a dia com os cheiros, já faz parte da própria pessoa.*”, numa total contradição e inconsistência: “*nem viro as costas, se alguma colega das outras valências tiver aflita: “ó Anabela vens me dar uma ajuda?”, eu até vou ajudar, eu não, eu não vejo nada negativo, a nível do próprio utente, lidar com ele. O que custa mais, ás vezes é os ataques de epilepsia, essa é a parte a mim que me custa mais, que eu reajo, ponho o stesolid, fico ali, mas a seguir tenho que ir 5 minutos para a casa de banho*

chorar. Porque acho que é uma sensação, aqueles 1 ou 2 minutos que eles estejam ali a ter aquele ataque, parece que o vou perder, é a parte que mais me custa. Quando os vejo em sofrimento, isso é que me custa, custa-me um bocado. Apresenta uma realidade violenta como que se um conto de fadas se tratasse, em que ela aparece como personagem principal que salva, quando o fundo ela é que quer ser salva. Não que apresente um processo de desrealização, mas antes de clivagem do objeto, não põe o bom e mau no mesmo objeto, estando atuante um mecanismo esquizoparanóide, funcionando num registo mais primário o seu sistema de defesas.

Finalmente Anabela, com uma terminologia absolutamente dissonante, numa sequência de pares de opostos, através do mecanismo de clivagem, revela um desconhecimento efetivo de uns e de outros: “*Porque o autista é aquela deficiência, uma daquelas, a paralisia cerebral e o autismo, as deficiências que eu mais gosto de trabalhar, os mongolóides, pronto é claro (ri), é aquela base que eles são muitos queridos, muito amorosos, toda a gente gosta, só a cara deles, é uma cara laroca, ahahaha mas a nível de gosto muito da paralisia cerebral e o autismo, é adorável, eu chegar a uma sala de autismo e . . . ai da agora quando eu vou lá, tenho dois miúdos que se levantam e vêm-me abraçar, fazer assim como os gatinhos, fazer romrom, e isso para mim é uma grande vitória.* Ela quer estar com os mais dependentes, que são jovens que não reagem, logo não dão conta da sua desadequação e não lhe lhe devolvem o seu desajustamento, permitindo o total esbatimento dos limites.

8.3 Joana

Joana começa por dizer que a sua entrada para aquela instituição veio “*. . . de um gosto de, de adolescente, ahah depois participava também em colónias de férias e havia lá duas meninas que tinham deficiência e daí veio o gosto pela deficiência e acompanhou-me sempre.*”. Ora aqui interessa perguntar o que leva um adolescente a gostar da deficiência, encontramos aqui algo de muito atípico, no mínimo. É de notar que a sua escolha de palavras é particularmente interessante e permite levantar esta questão: porquê o emprego da expressão “*. . . gosto pela deficiência . . .*” e não por exemplo, interesse pela área da deficiência?

Posteriormente, Joana avança com a descrição de como foi o seu percurso de 23 anos na instituição dando conta que tudo foi natural e maravilhoso, tudo fluiu, não encontrou dificuldades nenhuma, foi querida e desejada na instituição, recebeu convites para ficar e progredir na instituição: “*Tive a oportunidade de poder entrar para a Cerci com 19 anos e*

como voluntária, portanto estive 2 anos voluntária, ao fim desses dois anos recebi o convite para me contratarem, fui para vigilante, de vigilante fui para monitora e ao fim alguns anos tirei o meu curso superior em Animação Cultural e Educação Social, pois era a área que mais me fascinava trabalhar com eles, ahahah isto porque também vejo a alegria deles nas atividades que desenvolvo, com eles.”, pois com ela opera-se uma alteração, ela leva a alegria, abre horizontes, dá a conhecer mundos novos.

Importa referir que há em todo o seu discurso de Joana uma acentuada temática depressiva, de miséria e desvitalização. Joana apresenta ao longo de toda a entrevista um o seu discurso indiferenciado e a sua narrativa é enrolada e confusa.

Após descrever um lugar ideal, onde ela faz a diferença pela positiva, onde leva a alegria e a felicidade, passa para o polo afetivo oposto, onde tudo é peso e tristeza. Dando a impressão que carrega um peso imenso, que os carrega, como se o fundo os utentes fossem um peso para ela nos 360 dias do ano, e não a fonte de gratificação que o seu discurso manifesto parece indicar: *“Porque pronto, estão lá 365 dias, outras das preocupações grandes e que me, e que me, e que mexem comigo e, e todos os colaboradores, obviamente, acredito que sim, são aqueles que a família não, ou porque os abandona e somos nós que, nós Cerci que ahahaah os tem os 365 dias, não é, pronto. É muito giro a gente dizer ahahaha nós prestamos um serviço, não é, pronto, e eles são os clientes, não é. Neste caso já nem é clientes, do género tem de fazer parte de um . . . da mobília.”*

Joana fala de um lugar ideal, quando ela está presente, que faz a diferença, mas foca-se apenas nos resultados que ela vê, sem nunca concretizar como é que os alcança, ou seja, quanto á sua intervenção é vaga e imprecisa: *“. . . tirei o meu curso superior em Animação Cultural e Educação Social, pois era a área que mais me fascinava trabalhar com eles, ahahah isto porque também vejo a alegria deles nas atividades que desenvolvo, com eles. E pronto vivo o meu trabalho muito intensamente, faço aquilo que gosto.”*

Ela constrói uma idealização de si mesma quase mágica, quase como se fosse a fada dos desejos, é uma coisa quase confabulada, pois nunca materializa a sua intervenção, tudo acontece como que por artes mágicas: *“. . . vamos falar das partes boas, que é a minha área, a área da cultura e do lazer que é isso que me dá um prazer enorme, que é pô-los na rua, tentar integra-los, vê-los felizes abrir-lhes os horizontes, para eles verem que há mais mundo para além da Cerci e de casa, que a maioria destes, 90%, aliás eu já fiz um levantamento disso e noventa e tal por cento, na altura há 4 anos atrás, noventa e tal por cento nunca iam para uma praia, um cinema, um fim de semana, um . . . com os pais nem com a família nem com ninguém, portanto é nestes momentos que eu vejo a alegria que eles transmitem, a*

socialização que eu acho que é super importante e realmente o deslumbramento às vezes, eles nem estão a manifestar de uma forma metafórica, mas o deslumbramento que eles têm e normalmente eu vejo sempre esse, tenho esse “know how” deles, o após a colónia, não é o durante a colónia, não é o durante o passeio, mas os dias depois é delirante porque eles estão a vibrar e e fomos ali e fomos aqu'lá ah e viste aquilo e viste aquel'outro, pronto. Ahahah Vê-se que os preenche e lhes traz bastante alegria e e e isso conforta-me imenso.”. Há uma tónica manifesta de cariz maníaco, mas superficial, servindo de máscara para toda a sua depressividade. Pois vive numa realidade onde tudo se desvitaliza se deforma, “. . . os pais envelhecem, não é, eles também, as complicações cada vez são maiores . . . tens 10 acamados . . . no depósito . . . objeto da coisa, que é os utentes”, até os funcionários estão sempre de baixa e doentes, esgotados, desmotivados, onde tudo se desmorona.

Joana usa uma terminologia condizente com o seu discurso de miséria e desvitalização, com palavras fortes e negativas para dar a sua opinião sobre a instituição e criticar a organização e estrutura organizacional: *quebrar, luta, lentos, mágoa, entristece, lacuna grande, cuidados continuados, etc.*

Joana aqui anula as diferenças entre ele e os utentes, põe tudo ao mesmo nível, igualiza: “. . . porque com eles eu sinto-me super feliz como é óbvio e eu acho que são das pessoas mais puras que eu conheço, tenho grandes amigos lá, e vou ter e vão continuar a ser com certeza. muitos deles considero quase da minha família . . .”. Há aqui uma falha ao nível dos limites e fronteira que ela retira, tentando posicionar-se num lugar.

Primeiro o seu discurso estava só desorganizado e agora está ao nível do dano, em que todos maltratam todos, os que vão ajudar, os cuidadores, são os que vão danificar: “. . . mas devia de haver gabinetes psicológicos, no meu entender, tanto para os funcionários como, para apoio à família dos utentes. Focam-se no utente. O problema é que o utente vai, “ai o utente precisa de ir para o psicólogo”. . . sim sra, vai a uma sessão, uma hora por dia ou por semana, vai ao psicólogo, o psicólogo por muito que faça nessa hora com ele é impossível, fazer um bom trabalho com ele se nas outras 24 horas dos 5 dias da semana ou dos 7, não é, as pessoas que o rodeiam nem sequer o ouvem! Não é, para mim é mais importante esse apoio, nesse caso aos funcionários e às famílias, para isso sim lhes dar “ferramentas” para eles poderem ajudar a pessoa de quem cuidam, porque são eles os cuidadores, não é. . . . pronto e vimos às vezes que são graves negligências não forma de que se trata, não é, ahahahah e os maus tratos não é só bater não é, é a forma como se fala.”. Aqui ela diz que há que cuidar dos cuidadores, que no fundo são os agressores, identifica-se com eles,

manifestando uma clara dificuldade em gerir a agressividade, que tudo aquilo lhe causa, utentes, famílias, e funcionários.

Outro aspeto importante na narrativa de Joana é que ela é que está sempre bem, é a janela para a felicidade, e é muito crítica com os outros. Refere que a instituição tem maus reguladores. Reforça que instituição é mal regulada, e dá a entender que é mal regulada porque é por outro que não ela: “... quem faz a gestão disto são pessoas que algumas delas nem nunca tiveram contacto nenhum com a deficiência, não nem sequer têm conhecimento nenhum para decidir e decidem!! Decidem, pronto, são eles que decidem e isso obviamente que que atrapalha imenso o trabalho de qualquer pessoa dentro daquela instituição.”. Ao mesmo tempo diz que isto é evolução: “... estamos a caminhar para bom caminho.”, sendo incoerente e confusa no seu discurso.

Em Joana o tempo é o mesmo, não há diferença entre passado, presente e futuro. Esta é outra forma de igualizar através de temporalidade. O que sugere desorganização mental, confusão, uma vez que a temporalidade, a perceção e integração em si, na sua narrativa, na sua história, e portanto na sua vida, do início, meio e do fim, do antes e do depois, funciona como um dos principais organizadores do eu: “Por acaso tenho tido bastantes experiências de pessoas que nunca tinha trabalhado com deficiência, ahahah colegas minhas, miúdos que me são até enviados da Fundação António Leal e aqui da Dom Martinho que estão a acabar o curso de animação do técnico-profissional e vão lá fazer os estágios e não sei quê e a primeira situação é, “ai eu tenho receio, tenho medo, tenho medo de não gostar, tenho medo, tenho medo deles, tenho medo da reação, faz-me impressão, faz-me confusão, faz-me não sei quê”, portanto há estes, estas coisas todas, e acho piada que ao fim de 2 ou 3 dias de lá estarem, logo o que tentam transmitir é “estou a gostar, estou a adorar, possivelmente vou querer continuar nesta área e vou estudar dentro desta área”, pronto o que quer dizer que realmente ... trabalhar com pessoas é muito “completante”, preenche-nos de alguma maneira, porque quando se trata de pessoas fala-se de emoções e então ai a intensidade está lá”. O ponto de partida é exatamente o ponto de chegada, a realidade e a realidade do outro fundem-se.

9. Grandes temas

9.1 Narrativa – Sandra

9.1.2 Identidade: do Eu cuidador ao Eu agressor

Na primeira parte da sua narrativa Sandra denota alguma dificuldade em entrar no tema, diz-se e contradiz-se logo de seguida. Ela nega que teve, e continua a ter, dificuldade em se adaptar a esta realidade profissional, “. . . *como é que eu hei-de explicar . . . não fui, não fui, não, como é que hei-de dizer, falta-me o termo, não tive qualquer problema em entrar em contacto com aquele tipo de crianças, . . .*” denunciando um primeiro nível de conflito ente o interno e o externo, entre o que sente e o que, talvez julgue, se espera que ela sinta. Esta negação denuncia que a sua profissão não é um tópico pacífico para ela e talvez até não aceite por ela.

Esta negação da rejeição da sua área profissional, serve que propósito? Será realmente uma negação como mecanismo de defesa inconsciente, ou uma racionalização para não se confrontar com aquilo que percebe ser um fracasso seu, ou ainda, uma dificuldade em assumir que ficou aquém das expectativas que tinha para si em termos profissionais. Para percebermos isto temos que enquadrar a experiência vivida de Sandra na sua biografia e na relação intersubjetiva criada no momento da entrevista.

O primeiro contacto de Sandra com a instituição foi há “*30 e poucos anos*”, por um curto período, antes de ser mãe, depois teve uma ausência de 21 anos tendo regressado há cerca de 10 anos. Nestes dois períodos há uma diferença evidente no discurso de Sandra, que descreve o seu primeiro contacto com a instituição como uma experiência positiva, em que não surgiram dificuldades de adaptação, mas sem pormenorizar muito esse período. Agora relata a sua experiência atual como conflituosa e de alguma forma negativa. A grande diferença entre estes dois momentos foi a maternidade de Sandra, que parece ter, de alguma forma, condicionado a sua percepção desta realidade profissional “. . . *quando entro na segunda, já tenho a minha filha . . .*”.

A experiência da maternidade em Sandra sugere ter sido traumática. Sandra foi mãe de um bebé que não sonhou, que não idealizou, um bebé que mobilizava os comentários dos outros por ser tão pequenino para a idade “. . . *com um ano tinha 7 kgs e diziam assim: ai parece uma bonequinha, . . .*”. Ainda que os comentários fossem positivos e agradáveis, eram percebidos como ataques, dos quais ela tinha/tem que se defender. Era portanto um bebé diferente.

Sandra descreve este período da sua vida como muito difícil, confessa até que pensou em suicídio, tal era a culpa e a vergonha que sentia por rejeitar este bebé, que era pequenino para a idade e não comia “ . . . chorava baba e ranho, eu era conhecida por a mamã chorona por causa da menina não comer . . .”. Depois conta Sandra que a sua filha começou a comer melhor e alcançando o desenvolvimento esperado para a sua idade, tendo crescido como uma jovem normal e hoje é uma mulher adulta, com uma vida autónoma e independente. Sandra mobiliza uma forma de reparação atribuindo as melhoras da sua filha a si.

O fato de Sandra ter regressado à mesma instituição após esta experiência negativa da maternidade, foi como se, por um lado, tivesse de se confrontar com todos os sentimentos outra vez e revivesse as mesmas emoções, e por outro lado, ao comparar realidades bem mais pesadas e situações bem mais duras que a sua, desenterrasse a culpa e a vergonha.

Como é que Sandra sobrevive a isto? Como é que ela se defende? Que estratégias usa para escapar a este passado aniquilador? Ela repete a estratégia usada no passado com a sua filha, a de insistir até que ela comesse!

Sandra fala dela através das famílias dos utentes, e portanto continua a tentar reparar a sua insuficiência / incompetência que sentiu como mãe. Logo, é a única que é capaz de fazer com que os utentes mais difíceis comam, “*Punha na mesa, e digo assim: vamos a comer, sempre, sempre, a insistir, a insistir, até que eles conseguem comer!*” e é a única que os ensina a cuidar da higiene, colocando-se no lugar de cuidadora, constituindo o Eu cuidador como parte da sua identidade, alcançando agora a competência e a aprovação do outro. No entanto, estes cuidados são estritamente funcionais e instrumentais e desprovidos de qualquer afetividade positiva. É um nutrir exclusivamente no sentido literal do termo, sem nenhuma tónica emocional.

Um outro aspeto marcante da narrativa de Sandra são as críticas constantes ao longo do seu discurso. Ela desvaloriza tudo e todos “*Os educadores não fazem mais horas! . . . eles continuam no mesmo horáriozinho, nós não!*”, para ela nada, nem ninguém presta. Esta agressividade atua como defesa face ao outro percebido como ameaçador, atacando para não ser atacada, numa lógica de grandiosidade agressiva. Esta é um mecanismo compensatório da sua vulnerabilidade desamparada.

Sandra posiciona-se no lugar de cuidador, criando uma relação de ajuda com os utentes, com o marido, mas este lugar gera-lhe simultaneamente uma grande frustração e agressividade que ela canaliza para as críticas de tudo e todos quanto estão à sua volta.

Sandra sente-se sozinha, (ela própria o verbaliza “ . . . não tenho o pai, não tenho a mãe, ahaha, sinto-me completamente, às vezes sozinha, . . .”) abandonada. O medo do abandono

está intimamente ligado a situações de rejeição acontecidas na infância e que marcam o modo de funcionamento da pessoa para toda a vida, tendendo a intensificar-se quando se vivem cumulativamente outras rejeições e/ou abandonos, parece ser esta a vivência de Sandra. Ao contar o episódio da sua infância, com o seu pai, em que ela quer salvar uma andorinha e ele lhe diz que não vale a pena pois os progenitores rejeitam os filhos com problemas “*Faz-me lembrar as andorinhas. Quando um filho nasce com deficiência, tiram fora do ninho, eu não sabia, o meu pai uma vez, eu vi uma andorinha fora do ninho e eu tentei por, e o meu pai disse assim, não vale a pena, porque ela, ele tem um problema qualquer e ela rejeita-o do ninho, porque tem problema.*”. Sandra denuncia este medo do abandono. Este episódio não surge ao acaso, surge este e não outro, pois de alguma forma foi esta situação que a marcou, pelo discurso percebido por ela, da afirmação do seu pai, de que os pais abandonam e rejeitam os filhos, se estes não corresponderem às suas expectativas. Sandra não sentiu segurança no amor paterno, não se sentiu validada, desejada e incondicionalmente amada. Assim, de cada vez que ela vivencia uma perda, a perda do bebé sonhado, a morte dos seus pais, a perda do marido idealizado ela revive a situação original de abandono, da incerteza de ser acolhida e contida nas suas necessidades. Este Eu agressivo/ agressor que critica é um falso *Self*, que veio preencher o vazio deixado pelo verdadeiro Eu, e desenvolveu-se de modo a revelar apenas aquilo que é esperado dela, pelo verdadeiro Eu não se poder manifestar por medo do abandono e da rejeição.

Sandra está numa inquietante e desesperada busca de amor e nutre. Nutre utentes literalmente, o marido financeiramente e as famílias dos utentes, fazendo o que considera ser a obrigação delas, que é cuidar da higiene dos seus filhos. Quando na verdade é ela que quer ser nutrida afetivamente.

Ela vive num conflito constante, assumindo a máscara da agressividade para com os outros, para que não se aproximem, evitando o risco de depender deles emocionalmente, tentando a todo o custo um novo abandono (o seu maior medo) e a necessidade de ser cuidada e deixar o seu verdadeiro Eu emergir.

Esta agressividade poderá também ser um deslocamento da zanga com a figura paterna, pelo abandono percebido, pois ela já não se pode zangar com pais, dado que eles estão mortos, e ainda que estivessem vivos não os poderia desidealizar, pois corria o risco de não sobrar nada de bom, uma vez que não está segura do seu amor e assim sacrifica a realidade zangando-se com o mundo, salvando os pais, ou pelo menos o pai.

9.1.2 Um não lugar e um não tempo

Um outro aspeto em permanência na narrativa de Sandra é a anulação de diferenças. Sandra igualiza tudo, tarefas, papéis. Ela parece não perceber que existem papéis diferentes num determinado contexto, como é o de uma instituição “... *a nível de ensino eu acho que há muita falha no meu ver, nesse nível, mas eu não tenho curso, mas a gente com a prática e com os anos vamos vendo as capacidades e o que eles podem fazer...*”. Sandra faz questão de invariavelmente, ao logo de toda a sua narrativa anular qualquer noção de hierarquia funcional, pondo todos ao mesmo nível “... *fazer terapia com música, para mim, acho que isso é tudo treta. Música?!, música?! (som de desdém)*”. Ao fazer este movimento ela perde o seu lugar e denuncia a falta de limites e fronteiras entre o que é seu e o que é do outro. Perdendo o seu lugar, ela coloca-se numa zona de desconforto, pois perde a possibilidade de existir, ela nega essa possibilidade a si mesma. Será este um mecanismo punitivo pela culpa a persegue, por não ter amado a filha que não sonhou, ou pelo menos não a desejou assim, nos moldes em que a realidade lha trouxe? Admitindo esta possibilidade, Sandra fica também em tempo nenhum, pois revive essa culpa constantemente. Esse conflito passado está presente e condiciona-lhe o futuro.

O tempo de Sandra é o mesmo, repete-se vezes e vezes sem conta ela vive a sua maternidade falhada diariamente e diariamente a tenta reparar. Todos os dias ela tem filhos, que têm problemas, que são diferentes, que não comem e todos os dias ela insiste para eles comerem e consegue fazer com que eles comam. E faz-lhes a higiene “... *eu muitas vezes chegava, portanto para tratar da higiene dos miúdos,...*”, sendo mãe daqueles utentes e mãe das mães daqueles utentes e é mãe do marido “... *eu já lhe disse a ele: mas não sou tua mãe,...*” e portanto só numa condição de alteridade extrema é que ela parece encontrar algum lugar, no entanto não é um lugar seguro, é assustador e não é isento de conflito. É aqui que ela é reconhecida e validada. Sandra usa um mecanismo anti-depressivo ao dizer que faz a diferença, pois agora é a mais competente a “nutrir” e ao mesmo tempo compensatório, pois não o foi com a sua filha.

O tempo interno não acompanha o tempo externo. Não há passado, presente e futuro, eles fundem-se, são o mesmo tempo. O passado está sempre no presente, transportado no seu mundo interno e torna-se no seu futuro, como um hamster na roda.

No entanto, Sandra procura posicionar-se em algum lugar, ao desvalorizar os outros, mas não consegue, pois não o faz para se superiorizar, acabando por ficar em lugar nenhum. Ela não

sabe o que é dela e o eu é do outro. Não por recusa da realidade ela não sabe mesmo o seu lugar quer na instituição, quer na vida.

9.2 Anabela

9.2.1 Identidade: Eu através do outro

Anabela começa a sua narrativa por descrever a sua experiência de trabalhar com pessoas com deficiência como uma experiência muito positiva e apenas positiva “... *é uma experiência bastante positiva, ...*” No entanto no momento seguinte ao explicar o seriam argumentos para sustentar esta sua afirmação ela acaba por fornecer fatos que sustentariam a tese contrária “... *nem que andemos ali as vezes o mês inteiro sempre a batalhar na mesma coisa, os mínimos objetivos pretendidos, ...*” .

Ela continua o seu discurso acrescentado também a naturalidade com que alega fazer o seu trabalho, dizendo que é tão natural como tratar da sua filha “... *forma completamente natural, é como se eu tivesse a lidar com a minha filha, ...*” . Ao fazer isto para além de anular os limites entre o que é seu e o que é do outro, misturando tudo, mais uma vez Anabela acaba por assumir exatamente o oposto, de como a sua adaptação foi difícil e de como não foi nada natural e intuitivo lidar com estes jovens. Este conflito, estas incongruências vão acontecendo ao longo de toda a sua narrativa, Anabela descreve a sua realidade profissional onde lida diariamente com a deficiência profunda, uma realidade desvitalizada e agressiva “*Não andam, não falam, (sorri), ...*”, dura do ponto de vista físico e crua do ponto de vista psicológico, como se de um mundo mágico se tratasse, como se falasse de um país encantado. Todo o seu discurso é dessintónico, a terminologia dos factos é diametralmente oposta às emoções positivas que diz sentir.

Um aspeto outro transversal a toda a narrativa de Anabela é a sua necessidade de igualizar tudo e todos, ela põe todos ao mesmo nível. Por um lado ela desvaloriza os técnicos, atribuindo-lhe incompetência e incapacidade para lidar com os utentes da instituição “*Acho que para eles não é uma opção estar ali, é mesmo para acabar o fim de carreira, porque ... acho que não ... não têm perfil!*”, pois apesar de terem “*curso*” não lhes dão o que para ela é o essencial, que é o toque e afetividade, tal como ela faz. É aqui que ela marca a diferença, também ela introduz algo de diferente e é por isso que se destaca, tenta aqui encontrar o seu lugar. No entanto, este acaba por se revelar um não lugar, uma vez que a realidade acaba por lhe devolver a desadequação do seu comportamento de afetividade e contacto excessivo ao ser

mudada de sala, exatamente por esse motivo, de uma sala de utentes menos autónomos, para uma outra com jovens mais autonomizados “... já me chegaram a tirar de uma sala do autismo porque eu dava mimos a mais . . . atenção a mais, mimos a mais.”. E por outro lado desvaloriza-se a ela, dizendo que é igual aos utentes de quem cuida, que cuidar dos utentes é como cuidar da sua filha “... é como se eu tivesse a lidar com a minha filha, eu olho e penso tenho que os cuidar, como mãe, como cuidadora, como se fossem meus filhos . . .” . Ao igualizar tudo Anabela revela que não distingue entre o que é seu e o que é do outro, a existência de diferentes papéis num contexto com é uma instituição.

Há uma passagem importante para compreender este movimento, que é quando Anabela descreve a sua experiência nas colónias de férias, onde ela e os utentes fazem tudo juntos, comem, tomam banho, dormem e partilham todo um conjunto de situações características de relações pessoais próximas e não de cuidador - utente. Ela refere que não há diferença nenhuma entre eles, é como se fossem amigos “... eu consigo lidar com eles como se fossem meus amigos, . . . ter conversas com eles com às vezes tenho com os meus amigos.”, chegando a levá-los para casa, “... cheguei a levá-los a passar fins de semana na minha casa, . . .” ficando cada vez mais vincada a falta de limites e a anulação das fronteiras entre o eu e o outro diferente de mim. Até que assume que numa ocasião foi confundida com um utente e consentiu, mantendo o silêncio, “Eu cheguei a passar como uma aluna igual a eles e deixei-me ficar.” e diz isto com satisfação. Há aqui portanto mais do que uma igualização, há um reconhecimento de si no outro, uma representação de si nos utentes, um prolongamento de si nos utentes, fundindo-se.

Assim se compreende o porquê de Anabela não alcançar o desajustamento do seu comportamento de afetividade excessiva para com os utentes. Pois, na verdade esta imensa necessidade de “dar amor e carinho”, é uma gigante carência afetiva de Anabela. Ela quer ser amada, e tenta conseguir isso através da dependência que cria nos utentes. Esta serve para preencher um qualquer vazio, permitindo-lhe existir, pois é a forma que Anabela encontrou de se confirmar. Quando na verdade ela é que depende do facto deles precisarem dela para existir “... uma criança dizer-me assim: “gostava tanto que fosses minha mãe” (ri), isso para mim é tudo! Para mim é tudo.”.

Anabela não se pode permitir aceitar a desadequação do seu comportamento e por isso critica os professores e educadores por estes não serem carinhosos com os utentes como ela é. Pois eles são a personificação dos limites entre ela e os utentes, limites esses que ela anula, e precisa que sejam anulados, quebrando as fronteiras entre o eu e o outro para poder existir através do outro. Se assim não fosse ao invés de ficar num lugar de desajustamento, ficaria em

lugar nenhum. Os outros alvo das críticas de Anabela são ainda o banho de realidade que lhe devolve a sua desadequação, daí que tenha que lhes ser atribuída incompetência, e torná-los menos ameaçadores para o seu *Self*.

A sua preferência por trabalhar com jovens com deficiência mais profunda “*Porque o autista é aquela deficiência, uma daquelas, a paralisia cerebral e o autismo, as deficiências que eu mais gosto de trabalhar, . . .*” e não se ter adaptado a trabalhar com crianças normais “*comecei a trabalhar num ATL, com meninos normais e não me consegui adaptar. Acho que é muito mais difícil, eu para mim é mais difícil, trabalhar com crianças normais.*” reforça a ideia anterior, pois quanto maior o nível de autonomia dos jovens, maior é a probabilidade de a rejeitarem e lhe devolverem a sua desadequação. Ela não aguentaria, ainda que por crianças, ser rejeitada, criticada, ou que não encontrasse uma total disponibilidade para si, como encontra com os jovens com deficiências mais profundas, pois possui uma enorme fenda narcísica que se abre à mais pequena frustração.

9.2.2 O lado Lunar: anulando a agressividade

Toda a narrativa de Anabela é pautada por excesso, excesso de bondade, “*Eu a eles desculpo tudo (e sorri).*” excesso de “*amor*”, de “*carinho*”, de “*mimos*”. Ela é demasiado solícita “*Às vezes alguma colega está lá aflita e chama por mim, eu vou sempre ajudar, . . .*” e este exagero de “*boa vontade*” remete para o mecanismo de defesa que é a formação reativa, como resposta a um ódio inconsciente.

Anabela desenvolveu no ego um conjunto de atitudes e interesses conscientes, socializados, que são a antítese de certas tendências infantis, não-socializadas, que continuam persistindo no inconsciente, criando uma forma de defesa inconsciente, contra impulsos que são inaceitáveis para o ego.

A formação reativa é um mecanismo de defesa frágil em Anabela, pois é inseguro, uma vez que é constantemente ameaçado pelo impulso, que está alerta e pronto a emergir do inconsciente. Por haver sempre o perigo do retorno do impulso reprimido à consciência, há a intensificação da antítese.

Na compreensão de Anabela como sujeito psicossocial, construído ao longo da sua história de vida, adaptando-se, criando defesas do que para ela é ameaçador, e com o discurso emergente da sua narrativa, percebemos que Anabela com vista à sobrevivência psicológica teve de criar a imagem de um mundo perigoso e hostil.

Na sua narrativa, Anabela diz que dá muito “*amor e carinho*” aos jovens com quem trabalha, talvez por que lhe faltou a ela. Refere muitas vezes a necessidade de proteção dos outros, fazendo vários deslocamentos, uma vez que é ela que se sentiu e sente desprotegida. Faz isto quando se refere aos jovens com deficiência, considerando-os bebés desprotegidos, “. . .*tenho que considerar que eles sejam uns bebés que precisam mais de serem mais protegidos, . . .*” regredindo para a sua infância e para o seu sofrimento infantil, onde provavelmente se sentiu negligenciada do ponto de vista afetivo, não contida nas suas angústias e não acolhida nas suas inquietações “. . . *todos nós precisamos de amor e carinho e se calhar por nunca ter tido muito isso, e ter sentido a falta . . . tentar dar aquilo que eu nunca tive.*”. Volta a fazer o mesmo em relação aos pais dos mesmos jovens, insistindo que também eles estão muito desprotegidos, “. . . *os pais estão muito desprotegidos.*” remetendo para um passado mais recente, sendo mãe solteira e tendo criado a sua filha sozinha, voltou a reviver o sentimento de abandono e desamparo da sua infância.

Desta forma, Anabela ao incorporar a ideia de um mundo aterrador, teve que odiá-lo e a todos os que nele existem, para se defender e sobreviver, pois não viram o seu sofrimento. No entanto, transformou esse ódio inaceitável para o consciente e para a sociedade, numa solicitude excessiva “. . . *tento dar, pronto, eu tenho muita necessidade de dar, seja à família, seja aos amigos, no trabalho, tenho muita necessidade de dar. E quando não dou não fico bem comigo própria . . .*” .

Neste sentido, Anabela vive numa luta interna, em constante conflito e esforço para recalcar o ódio primitivo e reprimir os impulsos agressivos que este trabalho lhe provoca. De tal forma que descreve ao seu dia a dia como uma experiência ótima, sem aspetos negativos, “. . .*eu não vejo nada negativo, a nível do próprio utente, lidar com ele.*” e quando concretiza, só refere e só surgem descrições de uma realidade degradada e degradante “. . . *dou-lhes banho, mudo-lhes fralda, limpo baba, limpo os narizes, . . .*”, com uma terminologia que remete para a desvitalização.

Anabela já no passado havia pedido para sair da instituição, tendo regressado passado um ano por, segundo ela, não se ter adaptado a trabalhar com crianças normais e atualmente está de licença sem vencimento, há 4 meses, “. . . *estou de licença sem vencimento, há 4 meses . . . Já estive um ano fora, . . .*” na sequência de cansaço psicológico, “*Por cansaço, porque é muito desgastante porque, quer a nível físico, quer psicológico, . . .*” revelando que ao posicionar-se no lugar de “cavaleiro andante” deste conto de fadas, é afinal ela quem precisa e ser salva de si mesma, dos seus impulsos agressivos, pois uma realidade como esta, poderá exigir demais dos seus mecanismos, podendo estes ceder.

9.3 Joana

9.3.1 Identidade: O Eu mágico

Um dos aspetos mais marcantes ao longo da narrativa de Joana é a continua idealização de si mesma. Ela começa por descrever a sua entrada e o seu percurso na instituição como algo cheio de *glamour*, com convites para evoluir na carreira e ir subindo de categoria. Como se não tivesse tido nenhum obstáculo e tudo tivesse fluído muito naturalmente, “*Tive a oportunidade de poder entrar para a Cerci com 19 anos e como voluntária, . . . recebi o convite para me contratarem, fui para vigilante, de vigilante fui para monitora e ao fim alguns anos tirei o meu curso superior em Animação Cultural e Educação Social, . . .*”. Quiseram-na a ela e não foi ela que quis a instituição, mas por outro lado investe tanto na sua progressão interna fazendo uma licenciatura.

Joana construiu uma representação de si própria quase mágica, com ela opera-se uma transformação quase hipnótica nos utentes. Ela leva a alegria transporta a felicidade, abre horizontes e dá a conhecer mundos novos “*. . . vamos falar das partes boas, que é a minha área, a área da cultura e do lazer que é isso que me dá um prazer enorme, que é pô-los na rua, tentar integra-los, vê-los felizes abrir-lhes os horizontes, . . .*”. Mas logo após descrever a sua intervenção (sem nunca a operacionalizar, falando de resultados maravilhosos sem nunca concretizar como os obtém) e o seu trabalho como um lugar ideal, onde com a sua presença só existem coisas boas e positivas, salta para o polo afetivo oposto em que tudo é peso e triste “*Os filhos e que é um peso enorme . . . São 24 horas, é quase como estar, em muitos casos, em cuidados continuados. . . . estão lá 365 dias, outras das preocupações*”. Onde afinal os utentes são um peso diário e não a fonte de gratificação e realização que ela verbaliza.

Ao falar desse um lugar ideal Joana luta contra a sua depressividade, sendo no fundo esse lugar ideal um mecanismo anti-depressivo, pois ela usa uma terminologia que é antítese de algo bom e descreve uma realidade deformada e deformante, desvitalizando os utentes e os seus pares “*. . . é os utentes que envelhecem, as famílias que envelhecem, os funcionários que envelhecem, os os problemas as patologias das pessoas, de coluna, de de de hérnias, . . .*”.

Também Joana igualiza tudo e todos, por um lado, anula as diferenças entre ela e os utentes, tenta aqui posicionar-se permeabilizando os limites “*. . . são das pessoas mais puras que eu conheço, tenho grandes amigos lá, e vou ter e vão continuar a ser com certeza, muitos deles considero quase da minha família*”. Por outro lado, ela é muito crítica com os seus superiores

e com os decisores na instituição, desvalorizando-os, “. . . não nem sequer têm conhecimento nenhum para decidir e decidem!!” pondo-os ao mesmo nível, atribuindo a si a competência.

Por último, Joana passa de um discurso desorganizado e confuso para o dano, em que todos agredem todos, onde os cuidadores são também os agressores “. . . até com maus tratos, outros com até abusos, . . .”. Ao dizer que é necessário cuidar dos cuidadores “. . . para mim é mais importante esse apoio, nesse caso aos funcionários e às famílias, . . .” (Joana insiste bastante neste tópico) ela identifica-se com eles, de forma a gerir a agressividade que tudo aquilo, e todos ali, lhe provocam.

Portanto, Joana usa o mecanismo de defesa de identificação ao agressor, introjetando o objeto ameaçador, ele deixa de ser objeto externo capaz de danificar passando a ser objeto interno e de alguma forma controlado deixando de ser ameaçador. Este processo identificatório está presente na construção da identidade de Joana e reforça a tese de trauma precoce, em que a única forma de lhe sobreviver é retirar-lhe a natureza ameaçadora.

9.3.2 Temporalidade: Sem tempo

Um outro aspeto presente na narrativa de Joana, tem a ver com a temporalidade, o ponto de partida é exatamente o mesmo do ponto de chegada. Joana começa por falar da sua experiência enquanto pessoa que trabalha na área da deficiência, virando o tópico para o seu percurso, como entrou e evoluiu na instituição e como de voluntária ao abrigo de um projeto do Instituto da Juventude, desenvolveu o “gosto” pela deficiência, ainda em adolescente. Para terminar a sua narrativa, dizendo que recebe “miúdos” estagiários do ensino técnico-profissional que contactam pela primeira vez com a área da deficiência e começam por sentir desconfortos “. . . vão lá fazer os estágios e não sei quê e a primeira situação é, “ai eu tenho receio, tenho medo, tenho medo de não gostar, tenho medo, tenho medo deles, tenho medo da reação, faz-me impressão, faz-me confusão, faz-me não sei quê . . .”, e acabam todos a adorar e a querer trabalhar nesta área, “. . . ao fim de 2 ou 3 dias de lá estarem, logo o que tentam transmitir é “estou a gostar, estou a adorar, possivelmente vou querer continuar nesta área e vou estudar dentro desta área”” tal como aconteceu com ela. A sua realidade e a realidade do outro fundem-se, e Joana fala de si mesma através destes jovens e revive a situação original, estando presa nesse tempo.

Isto remete para a presença de um conflito, que muito provavelmente é anterior, precoce, primitivo, mas que se repete aquando da sua entrada para esta instituição e se tem vindo a repetir de cada vez que Joana orienta estagiários. Pois a temporalidade inconsciente não

obedece a uma lógica de continuidade, e logo não há passado, presente e futuro, há antes um conflito interno difuso nestes três tempos. Há a repetição da situação a experienciação das mesmas emoções, através de fenômenos transferenciais, através de outros atores, à espera de uma oportunidade de reescrever a história, de modo a que esta seja recodificada e ressignificada. No entanto, Joana não consegue reinventar-se e tem todo um discurso depressivo, desesperançado, onde tudo e todos se vão deformando e desvitalizando, querendo ela ser “O” vetor da esperança e da alegria, quando são esses dos seus mais profundos desejos, que lhe tragam esperança e que a libertem para poder ser outra vez feliz.

Assim se percebe que a sua entrada para esta instituição e a sua área profissional, não é um tópico isento de conflito, pois está de algum modo associada a um trauma precoce, e portanto, a presença ou não presença, física, do objeto pouco importa para a temporalidade do inconsciente, pois o que conta, nesta ausência de tempo, ou neste no mesmo tempo que ficou preso, fixado, são os produtos da experiência traumática não metabolizada e não metabolizável e que foram codificados em signos integrantes da vida psíquica de Joana e do seu mundo interno.

10. Discussão

Ao posicionarmos estas mulheres como sujeitos defendidos, biograficamente únicos, conseguimos compreender que as diferenças entre elas não são explicadas apenas pelos discursos, em relação á deficiência e ao trabalhar com a deficiência, em que elas estão imersas, ou seja, pelo conceito de sujeito discursivo (Hollway and Jefferson, 2000).

A ideia de sujeito defendido mostra como elas investem em determinados discursos, se estes lhes oferecem um lugar seguro, ou pelo menos não tão ameaçador e lhes derem proteção contra a ansiedade e como tal suportarem a sua identidade. Sendo que as posições e os discursos mais moderados dão conta de sentimentos ambivalentes sobre o mesmo objeto (Hollway and Jefferson, 2000).

Todas ela revelam questões e comprometimentos ao nível da identidade. Sandra não aceita que esta profissão faça parte de si e constrói um conjunto de contradições e hesitações iniciais que revelam o seu desconforto em entrar no tema. Depois percebe-se que há um momento marcante na vida de Sandra, que foi a maternidade e que é um conflito central que ameaça a sua identidade (Hollway and Jefferson, 2000). Sandra foi mãe de um bebé que não sonhou, que rejeitou inconscientemente e sente culpa por isso, aliado a isto ela também se sente rejeitada pelo mundo, pelo pai que teve um discurso subliminar de que se os filhos não

estiverem à atura os pais podem rejeitá-los e pelo marido de quem faz de mãe. Como é que Sandra defende-se de todas estas ameaças à sua identidade, construindo um falso *Self*, agressor. Pois sente-se tão vulnerável que ataca ou é atacada, e por isso é imensamente crítica com os outros. Existe em Sandra um forte sentimento de abandono e uma busca desesperada de amor contentor e ela defende-se dele posicionando-se no lugar de cuidador, com o objetivo de compensar o seu desamparo, ela ampara e nutre, num movimento compensatório. Assim, Sandra apresenta uma depressividade transversal à sua narrativa, ou seja, há um conflito permanente com os seus objetos internos, levando ao esmagamento do *Self* e esgotamento do Eu, que se materializa numa incapacidade e ao mesmo tempo um esforço ininterrupto para não se deprimir (Winnicott, 1983). Assim, este falso *Self* resulta de uma identidade não validada, daí que ela adote a atitude contrária à do seu verdadeiro Eu (Winnicott, 1983), que consiste na necessidade de ser nutrida e acolhida, imitando um outro funcional, forte, competente, independente e agressivo, dependendo dessa representação de si para não deprimir. No entanto há também simultaneamente uma tentativa de independência, de se afastar desta falsa representação de si e afirmar-se como autónomo e desejável. Mas não é capaz, pois não gosta de si o suficiente para se autonomizar e reconstruir essa parte de si, retornando ao outro. Desta forma, começa a dirigir-lhe ódio, porque este o frustra, e lhe devolve o seu falso *Self*. Daí que se sinta cada vez mais inferior e sem valor, reagindo com agressividade (Winnicott, 1983). Torna-se claro o movimento das críticas de Sandra para os “competentes”, com formação superior, pois estes confrontam-na com o seu falso *Self* da competência e da força (agressividade). Também é através da depressividade que Sandra projeta a sua culpa e incompetência (como mãe) no outro que não faz nada bem.

Situando Sandra neste contexto profissional, onde cuida todos os dias de filhos de alguém que também são diferentes e não sonhados e com a sua história de vida, é compreensível que isto seja desconfortável para ela, e lhe provoque grande frustração e agressividade, deixando-a numa situação de impossibilidade.

No caso de Anabela, as questões identitárias põem-se pela sua existência, o seu Eu passar pelo outro, ela é através do outro que não anda, que não fala. Há nela mais do que uma igualização, há um reconhecimento de si no outro, uma representação dela nos outros, prolonga-se neles, funde-se. Ela existe neles através da sua afetividade excessiva e desadequada.

Compreendendo Anabela na sua biografia e situando-a neste contexto profissional, acede-se ao facto de ser ela que precisa de afeto, pois afirma que não teve, e considera isso como algo essencial. Assim, quem tem um enorme carência afetiva é Anabela, é ela que precisa de afeto

e toque e para conseguir isso ela cria dependência nos utentes, sobretudo nos menos autónomos, dependência esta que serve para o preenchimento de um profundo vazio, e só desta forma lhe é permitido existir, só assim é que ela se valida.

Anabela acaba por recolher críticas e admoestações pela desadequação comportamental, mas não se pode permitir reconhecê-la e por isso põe o mau objeto fora dela nos professores e educadores (Klein, 1946). Estes são percebidos como ameaçadores para a sua identidade, pois personificam os limites e fronteiras entre o eu e o outro que ela tanto se esforça por anular para lhe ser permitido existir através do outro. A sua identidade é ainda ameaçada por crianças normais, daí que ela prefira trabalhar com jovens com deficiência e quanto menos autónomos melhor pois menor é a probabilidade de lhe devolverem coisas ameaçadoras para a sua identidade como é a sua desadequação e de a rejeitarem abrindo a sua ferida narcísica (Freud, 1914). Segundo Bergeret (1988) para assegurar a relação de dependência e ao mesmo tempo de domínio do objeto, cria-se um estado relacional fusional, assente numa relação de objeto é anaclítica, por medo da perda de amor do objeto.

Quanto à identidade de Joana, ela é completamente idealizada, Joana constrói uma representação de si ideal, esta como ideal que é está longe de si. Ou seja, Joana não habita em si deixando um profundo vazio, que preenche com depressividade, primariamente e depois com agressividade. Esta equação é impossível, pois Joana não se pode permitir desidealizar a si mesma sob pena de morrer por dentro, portanto ela sacrifica o real para se salvar. Introjeta o bom, atribuindo a si as qualidades de transportar a alegria e a felicidade, se ser o motor da descoberta de mundos novos e anteriormente desconhecidos e projeta nos outros, decisores, famílias e colegas a incompetência (Klein, 1946).

Joana luta e defende-se destas ameaças à sua identidade, fazendo identificação ao agressor, ela introjeta o objeto ameaçador, para lhe retirar a capacidade de causar dano, ao torná-lo interno ele fica sob o seu controle perdendo o carácter persecutório ameaçador (Klein, 1946). A descrito por Anna Freud (1978) a identificação ao agressor tem aspetos semelhantes à formação reativa, no sentido em que há uma inversão dos afetos, e também com a identificação. Está relacionado com a formação inicial do Superego, e das suas proibições.

Um aspeto invariante nas três, é que elas insistem muito que fazem a diferença, pois introduzem naquela realidade, que pode ser desconcertante, algo de bom. E é por fazerem coisas diferentes que elas se destacam que alcança a competência e o reconhecimento. Estes discursos funcionam como mecanismo anti-depressivo, pois funcionando na posição esquizo-paranóide, através de clivagem, elas introjetam o bom objeto, projetando o mau (Klein, 1946). Aqui se percebe que quando todas elas dizem que têm um plano, que fazem a diferença de

alguma maneira, e esse plano revela a parte que lhes falta a elas, pois todas elas se posicionam no lugar de cuidador, quando na verdade, todas elas procuram ser cuidadas.

Sandra põe o bom em si, usando a estratégia de se apresentar como a que alimenta, a que dá banho. E projeta o mau objeto através das críticas constantes ao longo do seu discurso. Ela desvaloriza tudo e todos, para ela nada, nem ninguém presta. Anabela usa um comportamento de afetividade excessiva para com os utentes. Apresenta-se como a que dá “*dar amor e carinho*”, a que brinca e a que retira as regras e as obrigações, e critica professores e educadores. Já Joana surge como quem leva a alegria e a felicidade, abrindo horizontes, criticando os decisores, as famílias e por fim os colegas.

A coerência das narrativas depende da capacidade dos sujeitos em reconhecer o mundo exterior como contendo boas e más características, sem comprometer a realidade através de necessidades defensivas internas, distorcendo-a e clivando-a (Hollway and Jefferson, 2000). As três falham aqui pois as suas narrativas estão cheias de incoerências, inconsistências, contradições. Anabela por exemplo, sacrifica a realidade, negando o seu comportamento desajustado e excessivo para com os utentes, para preservar o bom que introjeta e proteger a sua identidade.

Para Anabela a agressividade é muito primitiva e ameaçadora, pelo que ela desenvolveu no ego um conjunto de atitudes, interesses e formas de estar, conscientes, socialmente aceites, adquiridas e validadas, que são o polo oposto de certas tendências infantis, não socializadas, e inaceitáveis para o ego, que persistem no inconsciente com um vetor ascendente, criando um mecanismo de defesa inconsciente com um vetor descente, a formação reativa. Esta defesa identitária assente num movimento de forças que se apresentam em sentidos opostos, gera desconforto e é frágil, pois é insegura, extremamente exigente e de difícil de manter, uma vez que é constantemente ameaçada pelo impulso emergente. É a ininterrupta repressão desse impulso que leva à intensificação da antítese, que em Anabela se manifesta por uma meiguice e solicitude excessivas, pois há sempre o perigo do impulso proibido retornar à consciência.

Segundo Anna Freud (1978) a formação reativa, sendo um mecanismo de carácter neurótico, surge normalmente na latência e funciona como uma ponte para defesas mais maduras como a sublimação. Podem apresentar-se muito específicas havendo um alvo privilegiado, ou ser mais generalizadas, constituindo-se como uma traço de carácter (Freud A., 1978), este último parece ser o caso de Anabela. A formação reativa, como atitude psicológica diametralmente contrária ao desejo inconsciente que a provoca, pode alterar a estrutura do Ego de modo permanente, sendo usada mesmo quando não há ameaça presente (Freud A., 1978).

Ao localizar Anabela na sua biografia única, de mãe solteira desprotegida, de filha que não teve amor e carinho, e portanto também desprotegida, ela incorporou a ideia de um mundo hostil e assustador, e para se proteger e sobreviver, teve que odiá-lo e a todos os que nele existem, pois não a protegeram impedindo-a de sofrer. Contudo esse ódio não é legitimado, suportado e suportável para a consciência e para o real, pelo que o transformou no seu oposto. Só se dá conta deste ódio pela sua terminologia negativa, de desvitalização, degradação e deformação, dissonantes do tom entusiástico positivo com que relata o seu amor pela profissão.

Já para Sandra e Joana algo de falhou na sua relação precoce ao nível da construção de um espaço transicional, catalisado por uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1971, 1975), do continente-contido, da função *alfa* e da capacidade de *rêverie* dos seus maternos (Bion, 1965), pois estão presas a um não tempo, ao negativo do objeto (Green, 1995), ou a ausência do objeto. Algo impediu uma plena capacidade de sonhar, uma completa função da fantasia e de simbolizar, permitindo recriarem-se, reinventarem-se, construindo diferentes representações das experiências traumáticas, elaborando-as, dando-lhe outro significado, reescrevendo-as. Elas continuam a viver as mesmas emoções, os mesmos sentimentos numa intemporalidade inconsciente, num movimento circular, tentando a todo o custo evitar o sofrimento, mas não sabem lidar com ele.

Se a experiência precoce marca e condiciona muito somos em adultos, a forma como tendencialmente respondemos às situações que sentimos como ameaçadoras, o modo como funcionamos psicologicamente, que mecanismos de defesa tendemos a utilizar para a preservação do *Self*. A noção de espaço transicional e de uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1971, 1975), de continente-contido, de função *alfa*, de capacidade de *rêverie* (Bion, 1965) dão a ideia de um espaço construído na relação precoce, mas também induzem a ideia de início, algo que tem um tempo ótimo para se desenvolver e nos preparar para a vicissitudes da vida, a tornando a nossa capacidade de sonhar, a função da fantasia e de simbolizar, criando e recriando diferentes representações permitindo-nos ficar mais aptos a conter as angústias estar mais preparado para lidar com o sofrimento. Também o trabalho de Melanie Klein remete para a ideia de início, onde tudo é ansiedade precoce, dada a total dependência do bebé e dá a ideia de continuidade, de desenvolvimento (Klein, 1946), que poderá induzir para uma linearidade aparente, esta ideia acontece igualmente nos trabalhos de Freud sobre o desenvolvimento psicosssexual (Freud, 1973c).

Esta noção de contínuo, onde há um início, um meio e um fim, é muito, senão totalmente influenciada pela consciência da finitude, de que tudo termina, de que morremos. A morte

impõe um limite intransponível (Azevedo, 2011), e talvez por isso todas as outras noções de tempo tenham origem nesta constatação, de que há um início e de que caminhamos para um fim, e daí a ideia de duração, de tempo cronológico e de desenvolvimento (Azevedo, 2011).

A temporalidade é uma aquisição que só vem com o reconhecimento da morte, em contraste a vida dá-nos a noção da sucessão dos instantes, da continuidade e da descontinuidade, enquanto que a morte nos leva a ter que reconhecer o limite, a perda e do desconhecido (Azevedo, 2011).

Contudo, o mundo interno dos indivíduos não segue esta lógica linear, como é possível perceber através de vários conceitos propostos por Freud (1973a), como o de regressão, fixação, que sugerem interrupções ao percurso, que “enganam” o tempo. Ainda, o mecanismo de transferência (Freud, 1973b), a compulsão à repetição, o sonho (Freud, 1973a), os deslocamentos e condensações, todos estes conceitos centrais remetem para a ideia de continuo interrompido, e de constantes regressos ao passado, que se revivem no presente e refletem no futuro.

Então constata-se que há uma constância temporal no mundo interno de cada um, uma temporalidade inconsciente, diferente da temporalidade consciente que prevê um passado, um presente e um futuro.

Uma consequência fundamental destes movimentos foi avançada por Green (1995). O autor vem relativizar ou pelo menos, chamar a atenção para a noção de presença e ausência, do ser ou não ser. Ou seja, no que ao inconsciente diz respeito, e aos seus mecanismos de defesa, a presença ou ausência do objeto não faz grande diferença. Pois o negativo do objeto (Green, 1995), ou a ausência do objeto, têm os mesmos efeitos psíquicos que o próprio objeto, as mesmas emoções são revividas, surgem os mesmos sentimentos.

Assim, o que se organizou no inconsciente, não aconteceu para o Eu (consciência), repete-se indefinidamente. O que é do inconsciente é muito mais que uma memória de uma experiência, é a própria experiência integral conservada no inconsciente (Rolland, 1999) e que se vai repetindo por deslocamentos, condensações e outros mecanismos de defesa ativados no original.

No entanto este tempo do sempre, onde passado, presente e futuro, que são tempos do consciente, e não têm grande peso, inclui uma ideia de temporalidade dinâmica, apesar da noção de repetição, pois acrescenta oportunidades de ressignificação e recodificação atendendo ao *insight* da pessoa (Azevedo, 2011). Esta está relacionada com a qualidade da função da fantasia, da criatividade e com a capacidade de sonhar, que se constroem na relação precoce através de um espaço transicional e de uma mãe suficientemente boa (Winnicott,

1975), de continente-contido, de função α , de capacidade de *rêverie* (Bion, 1965) fechando-se o ciclo voltando ao início . . . ao passado.

Esta realidade profissional vai ao encontro da ideia de que tal como “uma perturbação de personalidade é uma adaptação que um individuo faz a um meio ambiente interpessoal aberrante, sendo este geralmente o ambiente de uma família” (Shapiro et al, 1975), também os profissionais da saúde mental se encontram numa posição comparável, pois crescem numa “família” profissional, também ela disfuncional, à qual se adaptam (Shapiro, 2001), tal como parece acontecer com os profissionais da área da deficiência.

Portanto, assim como a adaptação a um ambiente familiar asfixiante, não ajuda as crianças a desenvolver a capacidade, de em adultos, se agarrarem com flexibilidade e criatividade à realidade extra familiar em mudança (Shapiro, 2001), exatamente pela presença e atuação de fronteiras interpessoais e familiares rígidas ou aberrantes, também estas mulheres e os profissionais da área da deficiência, terão dificuldade em se reinventar de forma criativa e ao tempo tempo proteger a sua identidade, apesar de neste estudo o movimento adaptativo ser exatamente no sentido contrário, uma vez que é pela anulação de limites e fronteiras, mas o propósito que serve será o mesmo, o que adaptação á diferença.

Assim, as tentativas de adaptação a esta realidade laboral destes profissionais assemelham-se à resposta que uma pessoa com perturbação de personalidade desenvolve, e que reside na construção de um padrão permanente de experiência interna que se reflete no seu comportamento. Este que se desvia flagrantemente das convenções sócio-culturais, a que aquela pessoa pertence (Shapiro, 2001). Este padrão traduz o esforço do individuo em tentar tornar o mundo num lugar familiar (Shapiro et Carr, 1991), uma vez que ele não é conforme as necessidades do individuo. Pois também estes profissionais tentam e esforçam-se continuamente por tornar o seu mundo laboral num lugar conhecido, muitas vezes à custa de si mesmos e da sua adequação ao contexto extra institucional.

Desta forma, este esforços continuados que estas mulheres fazem para lidarem com um contexto altamente frustrante, faz com que esta experiência de frustração seja demasiada para o seu aparelho psíquico a poder pensar, metabolizar e aprender com as experiências emocionais que ela transporta, pois estas são demasiados intensas e dolorosa, comprometendo a sua função simbólica (Bion, 1994). Sem esta função simbólica estas mulheres não se inventam e recriam, não encontram o seu lugar, nem o seu espaço transformativo e de autoria (Bion, 1994). Assim, a capacidade de pensar e de se pensarem depende de quanta frustração são capazes de tolerar, contudo num contexto esmagador e altamente frustrante não cabe tanto a estas mulheres a decisão de fugir da frustração ou modificá-la (Bion, 1994), pelo que não

conseguem repensar a sua realidade, e fogem das experiências que ela lhes traz através de defesas mais ou menos arcaicas.

A ansiedade e as defesas que a mesma ativa, são respostas complexas a situações e pessoas neste mundo social, atual e vivido (Hollway and Jefferson, 2000). As defesas contra a ansiedade afetam os discursos com que estas três mulheres percebem a experiência de trabalhar na área da deficiência e conseqüentemente afetam também as suas ações e comportamento.

Assim o conceito de um sujeito ansioso e defensivo tem ao mesmo tempo uma componente psíquica e social. Psíquica uma vez que é um produto de uma biografia única de experiências de vida indutoras de ansiedades e da forma como o inconsciente se defendeu das emoções provocadas por essas experiências ansiogénicas. Social, porque essa atividade defensiva afeta e é afetada pelos discursos, ou seja, pelos sistemas de significados que são o resultado de vivermos em sociedade e das construções sociais de que estamos mais próximos. Social, ainda porque os mecanismos de defesa inconscientes que usamos são consequência de processos intersubjetivos, ou seja, afetam e são afetados pelos outros. E social, também porque ao nos defendermos dos eventos reais no mundo exterior e social, adotando um determinado discurso, adaptamo-nos a esse mesmo mundo (Hollway and Jefferson, 2000).

11. Conclusão

Este trabalho propôs-se aceder à subjetividade de três mulheres que trabalham numa instituição na área da deficiência, em contacto direto com os utentes. Esta proposta surge na primeira pessoa, pois durante cerca de cinco anos de experiência vivida neste contexto profissional e nas condições descritas, foi sentida uma profunda e intensa transformação interna, uma aprendizagem decorrente do esforço adaptativo a esta realidade, que é de alguma forma percebida como sendo disruptiva e muito exigente. Estas alterações não foram sentidas como pacíficas, foram antes desafiantes, tornando o caminho acidentado e por vezes sinuoso. Assim, para alcançar o objetivo proposto usou-se a FANI - *Free Association Narrative Interview*. Este método permitiu, através da relação e da intersubjetividade no momento da entrevista, que estas mulheres associassem ideias livremente, construindo uma narrativa que expôs os seus discursos sobre a experiência subjetiva de trabalhar na área da deficiência. Posteriormente, com a interpretação das suas narrativas percebe-se que para nenhuma das três esta experiência é livre de conflito.

O conflito transversal a estas três mulheres tem a ver com o facto de ao se posicionarem todas como de cuidadoras, isto lhes gerar, ao mesmo tempo, grande agressividade e grande frustração. Logo, esta relação de ajuda que todas adotam, acaba por se revelar como um não lugar, ou pelo menos um lugar não seguro e desconfortável.

Talvez o aspeto mais presente nas três narrativas é a necessidade que elas de igualizarem. Esta igualização, o movimento de colocarem todos ao mesmo nível, desvalorizando-se, parece traduzir a forma que estas mulheres encontraram para se relacionar com estes utentes. Pois talvez com eles, a relação, esteja de alguma forma comprometida, uma vez que os processos de empatia, de partilha, que servem a comunicação e que passam por ser com o outro e não como o outro, como elas acabam por fazer ao se igualizarem, estão à partida condicionados.

No entanto, anular os limites e as fronteiras entre o eu e o outro, parece ser a forma que estas mulheres encontraram para se adaptar a uma realidade laboral desadaptante. Outro este, não passível de processos identificatórios aprendidos na relação, e elas fazem isto á custa do seu lugar, sob pena de não preservarem o seu *Self*, expondo-o a inúmeras ameaças identitárias. Esta experiência é de algum modo alienante, pois o que nelas é mobilizado para conseguirem comunicar com este outro, dentro da realidade que é a instituição, é adaptativo naquela realidade e serve apenas aquela intenção de comunicação, mas não o é fora dos limites institucionais, gerando grande sofrimento interno (visível nas três), mais ou menos mascarado.

Cada uma destas mulheres encontra estratégias defensivas diferentes para se adaptar àquela realidade laboral, vão adotando mecanismos de defesa mais arcaicos ou mais maduros, consoante os conteúdos do seu vivido evocados pelo contexto. Compreende-se, ao longo das três entrevistas, que este é um contexto que gera nas três uma grande frustração, pelo que manifestamente, elas não possuem capacidade de metabolizar todas as experiências emocionais intensas e aprender com elas. Ou seja, esta realidade profissional não é promotora/facilitadora da criação de um espaço transformativo no psiquismo destas mulheres, capaz de as ajudar a mudar a sua realidade, tornando-a mais suportável, pois estão submersas neste contexto que lhes asfixia o pensar.

O principal contributo que este trabalho é o fato de dar a possibilidade a estas três mulheres de descreverem a sua experiência tal como ela é percebida, ou seja, é o contributo da subjetividade, da sua verdade. Esta é o verdadeiro conhecimento, conhecer o sujeito único, e localizá-lo na sua biografia, no seu tempo e no seu espaço, compreendendo o “como?” é que cada uma destas mulheres chega até ali e como se posiciona perante aquele contexto profissional.

Por outro lado, aquilo que poderá ser apontado como principal crítica a este trabalho, o facto de o entrevistador ser também ele um profissional da área da deficiência, pode ser na verdade a grande mais valia na intersubjetividade convocada com cada uma destas três mulheres pois pode funcionar como catalisador de processos empáticos uma vez que o conteúdo latente de alguém da mesma área profissional se interessar por ouvir o que estas mulheres têm a dizer é: “eu sou como tu e quer ouvir-te”.

12. Referências Bibliográficas

Azevedo, A. M. (2011) Algumas considerações sobre o tempo. *Jornal de psicanálise* 44 (81), 67-84 São Paulo

Bergeret, J. (2000) *A Personalidade Normal e Patológica*. Lisboa: Climepsi

Bion, W. R. 1965 [1991] *As transformações: A mudança do aprender para o crescer*. Rio de Janeiro: Imago

Bion, W. R. (1994) *Estudos psicanalíticos revisados*. Tradução: Wellington M. de Melo Dantas. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago

Freud, A. 1936 [1978] *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. 5a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira v.6.

Freud, S. 1915 [1917] *Luto e melancolia. A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago 243-263.

Freud, S. 1911 [1996a] *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Rio de Janeiro: Imago 231-244

Freud, S. 1920 [1996b] *Além do princípio de prazer. Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago 11-75.

Freud, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

Freud, S. 1900 [1973a] *La interpretación de los sueños*. In: Freud, S. *Obras completas*. López-Ballesteros y de Torres, trad., vol1, 343-720. Madrid: Biblioteca Nueva

Freud, S. 1913 [1973b] *Nuevas aportaciones al psicoanálisis: la incitación del tratamiento*. In: Freud, S. Obras completas. López-Ballesteros y de Torres, trad., vol1, 343-720. Madrid: Biblioteca Nueva

Freud, S. 1905 [1973c] *Tres ensayos para una teoría sexual*. In: Freud, S. Obras completas. López-Ballesteros y de Torres, trad., vol1, 343-720. Madrid: Biblioteca Nueva

Green, A. (1995) *La causalité psychique: entre nature et culture*. Paris Odile: Jacob

Klein, M. (1946) Notes on some schizoid mechanisms. In *Envy and Gratitude and Other Works, 1946-1963* New York: Delacorte Press, 1975, pp. 1-24

Klein, M. (1988a) *Love, guilt and reparation and others works, 1921-1945*. London: Virago

Klein, M. (1988b) *Envy and gratitude and others works, 1946-1963*. London: Virago

Winnicott, D. W. 1947[1975] *Hate in the countertransference* In *Through Paediatrics to Psycho-Analysis* New: Basic Books

Winnicott, D. W. 1951 [1971] *Transicional objects and transicional phenomena* In *Playing and Reality* New York: Basic Books, pp.1-25

Winnicott, D. W. (1983) *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Hollway, W., & Jefferson, T. (2000) *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: Sage.

Marques, M. E. (1999) *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa Climepsi

Rolland, R. (1999) *Curar do mal de amor*. São paulo: Martins Fontes

Shapiro, E. R. (2001) *As fronteiras estão em mudança: renegociando a forma da terapia. O mundo interno no mundo externo*. 21-36 Climepsi

Shapiro, E. R. & Carr, A. W. (1991) *Lost in familiar places: creating new connections between the individual and society*. New Haven e Londres: Yale University Press

Shapiro, E. R., Zinner, J., Shapiro R. L. & Berkowitz, D. A. (1975) The influence of family experience on borderline personality development. *International Review of Psychoanalysis*, 2:3 99-411

Yin, R. K (2001) *Estudo de casos. Planejamento e métodos*. Tradução Daniel Grassi, 2 ed. Porto Alegre: Bookman

ANEXOS

Anexo A - transcrição da entrevista: Sandra

P- Fale-me da sua experiência enquanto pessoa que trabalha na área da deficiência.

S – A minha experiência ali na Cerci já foi, portanto há 30 e poucos anos que quando foi o começo da Cerci eu entrei para lá. Ahah, eram meninos com uma deficiência . . . como é que eu hei-de explicar de, mais com dificuldade em aprender, na altura, e depois eu saí ao fim de um x de tempo, não fui, não fui, não, como é que eu hei-de dizer, falta-me o termo, não tive qualquer problema em entrar e ter contacto com aquele tipo de crianças, pronto, depois estive 21 anos fora e no fundo de desemprego tornei a voltar, perguntaram-me e eu disse que tinha trabalhado, e elas disseram-me, olhe é um bom sitio, mas olhe que muita gente não . . . vai mas não fica, não se adapta. Digo assim, mas eu já trabalhei. Quando cheguei, realmente a população completamente diferente, muito mais, como . . . mais pesados, mais adultos ahaha, havia já uma divisão, eu entrei tipo pré-escolar e ali havia já uma divisão de CAO que é a partir dos 19 anos que é o ensino obrigatório que têm que levar até aos 19 anos, né?! ou até aos 18?, aos 18! e depois não tinha, optaram por ter para os mais adultos, que os pais, na altura foi o que me contaram, que os pais não tinham capacidade para ter aquelas crianças noutro lugar e então avançaram com mais idade, achei estranho porque não, não via assim tanta deficiência, pronto.

Agora em relação, a nível de ensino eu acho que há muita falha no meu ver, nesse nível, mas eu não tenho curso, mas a gente com a prática e com os anos vamos vendo as capacidades e o que eles podem fazer e . . . acho que para mim o ensino deveria ser aquela base de ensinar a comerem, ir a uma casa de banho ahah . . . a tratarem-se da higiene deles . . . acho que isso é que deveria ser, o básico deles, a autonomia.

Não é, é a motricidade fina, como dizem, que tem que desenhar, riscar, epá tudo bem, mas batalhar nisso, sempre, sempre, sempre.

Acho que era das, o controlo dos esfíncteres, acho que . . . não vejo, quem faz o curso e que deveria estar à frente, para . . . muitas vezes, e nós auxiliares é que muitas vezes andamos ali sempre em cima e achamos que deveremos de fazer (suspira) ahaha revolta-me muitas vezes esse tipo de situação, por exemplo, falta de higiene, há crianças que tem falta de higiene eu muitas vezes chegava, portanto para tratar da higiene dos miúdos, epá, não conseguia estar com eles com aquele cheiro, geralmente as meninas de cor na fase da adolescência têm um

cheiro completamente, epá aquilo para mim, achava que . . . dar banho. . . de chegar a um ponto de dizerem: epá não tens nada que fazer isso porque isto aqui não é a Santa Casa da Misericórdia, (patatapatata) epá mas eu cá dentro custava-me imenso. Porque achava que uma higiene, mas também até são capazes de ter razão pois os pais habituam-se a isso e depois acabamos por ser obrigatório: então vocês faziam e agora deixaram de fazer?, pronto encostam-se, ahahaha, a nível de, como é que hei-de dizer, de colegas, epá, de colegas ate não tenho assim.

P- Mas e a S o que é que é para si trabalhar nesta área?

S- O que é que me representa?

P- Sim.

Eu é assim quando, portanto, como eu disse entrei naquela fase, não tinha filhos, não tinha, na altura a primeira, quando entro na segunda, já tenho a minha filha e fez-me pensar muito, mas mesmo muito, o que nós mães às vezes por uma coisinha, o facto de por exemplo o facto de a minha filha não comer, eu falo isto muitas vezes, o fato de não comer, era má para comer, mesmo muito má. E quando chego ali e vejo, fico assim, epá! Mas o que é isto?! Andei-me eu aqui, ahahah chorava baba e ranho, eu era conhecida por a mamã chorona por causa da menina não comer e chego ali e digo assim: como é que estes pais, que sabem que não há, portanto, sabem alguns né?!, porque outros pensam que ainda vão, os filho vão progredir, têm esperança de que vão ser . . . e de cadeira de rodas ali, todos os dias não falam, não, não, tem que ser dar o comer á boca mudar fraldas, anos a fio, eu digo assim, o eu caso era uma gota num oceano, uma gota de água no oceano, mesmo! É . . . ponho-me às vezes do lados dos pais e deve ser mesmo muito complicado, fez-me pensar , fez-me muito pensar que eu fui egoísta até, fui egoísta, porque o segundo filho, não tentei o segundo filho porque pensei: ai agora que estou livre de, de . . . que ela agora já come um bocadinho melhor, então e os pais que têm um filho assim e tentam o segundo filho?, faz-me pensar aquelas cabeças como é que . . os motivos que os levam a ter um segundo filho?, já tenho pensado assim: será para que têm um filho, ou para irem buscar um filho para quando eles forem velhos tratarem, tomar conta do filho com aquele problema? Meto-me às vezes a pensar nesse campo, e noto que os pais chegam a uma certa altura completamente de rastos mesmo, principalmente, por exemplo, tive um miúdo autista que o pai e a mãe, a primeira vez que foram lá, fiquei chocada, disseram assim: Ah ele gosta muito de ter garrafas de plástico vazias quando ele está

com a maluqueira, pensei: Ai mãezinha do céu, o que é que quer dizer maluqueira?! O que é que aquilo queria dizer? O miúdo durante os anos que estive com agente foi sempre a piorar, sempre, sempre, sempre, sempre. Agora acho que até está numa instituição mesmo definitivo, portanto, tipo um lar, um lar. Porque a mãe dizia que quando ele chegava, tinha que fechar o irmão e ela, porque ele entrava, aquilo era uma coisa mesmo . . . ele atingiu os 18, já era um miúdo que atingiu uma altura e um porte, começou a ser agressivo e depois é isso, é aquela fase que a gente vê eles de pequenos e depois começam a atravessar a fase a adolescência, começa a ser pior, ahaha, começa a ser . . . pronto, é o que a gente costuma dizer é transformação de, de, para o adulto que é muito complicado também, muito complicado e . . . é a parte deles também serem agressivos. Eu há pouco tempo, esse até nem é, é um miúdo com problemas, problemático também, mas é agressivo, muito teimoso, muito teimoso, se agente começa: vais para ali, vais para ali, olha! Levamos!

P- e como é que lida com a agressividade?

S- Olha é assim, mal eu fiquei, é assim a gente não pode voltar-se a ele e dar-lhe! Não podemos! :-/ Essa é outra falha que eu acho que há, no caso de, é a minha coordenadora disse-me façam um relatório! Não sou eu que tenho que fazer o relatório!! Ela é que deveria fazer o relatório. Ela é que deveria vir falar com a tia, ou com a mãe, a mãe não porque ela parece-me que está a ser criado por uma tia.

P- Falar com o responsável . . .

S- . . . com o responsável! Não, essa é outra coisa empurram-mos tudo para agente, nós é que temos que fazer, não eu sou uma auxiliar, eu estou ali para auxiliar a educadora, não estou para ser eu a fazer todo o trabalho, essa é outra! Nós ali como auxiliares temos de fazer às vezes tudo, tudo, não pode, ahaha, elas não pertence, portanto as educadoras da Cerci são do Ministério da Educação, não são da Cerci, porque é ensino especial, mas é como é que eu hei-de explicar, eu também sou para pelo Ministério da Educação, portanto, o meu ordenado vem do Ministério da Educação para a Cerci . . .

P- . . . é financiado . . .

S- a educadora não tem qualquer, não vai . . . vai diretamente para ela o ordenado

P - não passa pela Cerci . . .

S – não passa pela Cerci, não. E o vigilante é que é a Cerci e se eu não estou em erro os terapeutas também é o Ministério da educação, é isso, tem que ter é um rácio de miúdos para o Ministério da Educação pagar a um terapeuta da fala e o terapeuta ocupacional. A nível de educadores que dizem que têm ensino especial, acho com muitas poucas bases para aqueles miúdos, não . . . temos lá uma educadora que vejo que para aqueles miúdos que são mais autónomos, trabalha com eles, sim ahaha, a nível de escrita para ver se aprendem pelo menos o nome, uns conseguem as cores, mas a outra parte que são os autistas tem que ser aquele ritual, sempre a mesma, como é que eu hei-de explicar, os mesmos ritmos todos os dias . . .

P – Rotinas?

S – A rotina, exato! É um bocado . . . difícil trabalhar . . . tenho lá agora um que, . . . que é, está a fazer terapia com música, para mim, acho que isso é tudo treta. Música?!, música?! (som de desdém)

P – não resulta?

S- Eu acho que não, não, não vejo nenhuma evolução, dizem que aha, há miúdos que começam a gritar: eih e psssssssst! Senta! Mas se eu não estiver a fazer música, e se ele está a ver televisão e se ele, por uma coisa qualquer, se levantar e eu disser senta-te, ele senta-se, compreende?

P- compreendo.

S – ahaha, esse é outro caso, há outros miúdos que nem se consegue praticamente trabalhar, porque são, miúdos que são, como é que se . . . vegetal, pronto, aquilo . . . estás . . . fechados completamente, estão noutra, noutra planeta, como eu costumo dizer: Mas o que é que vai naquela cabeça? O que é que . . .? Pergunto-me! A gente fala, eles reagem, mas será que a cabeça sabe? Conhece? Há pessoas que dizem que sim, eu não, não. Tínhamos lá, portanto, um miúdo que era o . . . de Vialonga, que era o J, esse sim, era um miúdo que estava completamente, isso é outra coisa que me faz, faz . . . amarrados, completamente, estás a ver, todos amarrados, é peito, é próteses, é, é . . . eles chegam a um ponto, digo eu assim: coitadinhos, fogo! Que é isto?! Estamos aqui, agente . . . movimentos, eles não têm de estar ali assim, a forçar ali a, a , isto custa-me imenso, quando eu vou mudar a fralda e tenho que amarrar aquilo tudo, prende ali, fica ali tudo, já tem ali aquelas deformações, a gente às vezes

andamos aqui: epá que dor, como é que aquela crianças não devem ter dores? Como é que não têm?

P – E questiona-se sobre essas coisas . . .

S- Exato, fazem-me . . . a fisioterapia que eles possam fazer não sei aonde?, há miúdos que andam em fisioterapia fora, faz-me isso, isso . . . ahahahah

P – E essas questões, como é que lida com elas, quando se questiona sobre essas coisas?

S- Às vezes faço desligar, porque às vezes digo eu assim: epá tenho tanta coisa na minha cabeça, há mães que, também tenho lá uma caso de uma mãe que . . . de um miúdo que é autista, que o miúdo andou agora um tempo que aquilo era uma coisa fora . . . rodava, rodava, rodava e os pais estavam, a mãe está separada do pai, depois é isso! É outro caso que me faz completamente, quando existe um filho, é raro os casais que não se separam. Ali praticamente . . . tudo separado, ou separado, ou a mãe que deixou e não quer saber da criança, geralmente, às vezes, ali já são dois, dois casos? Três casos! De miúdos que as mães rejeitam, essa . . . muito estranho também. Faz-me lembrar as andorinhas. Quando um filho nasce com deficiência, tiram fora do ninho, eu não sabia, o meu pai uma vez, eu vi uma andorinha fora do ninho e eu tentei por, e o meu pai disse assim, não vale a pena, porque ela, ele tem um problema qualquer e ela rejeita-o do ninho, porque tem problema. Assim esses . . . ali também fizeram . . e eu assim, epá que coisa tão estranha, como é que uma mãe rejeita, mas pronto.

P- E essas perguntas?

S- Ficam aqui assim a batalhar muito, porque, voltando, à minha, eu quando tive a minha filha, era muito pequenina, fiquei completamente desorientada, desorientada, desorientada, que quase tentei o suicídio. Lá está isso, como é que é possível o facto de só nascer pequenina, não querer comer, então e um caso destes? E um acaso destes? Isso aí, às vezes fico muito . . . custa-me imenso . . . mexe (em voz trémula), lá está e por isso é que eu digo: fui egoísta, fui egoísta nisso, porque . . . até porque por exemplo, as pessoas diziam-me assim, a minha filha andava ao colo, era muito pequenina, então com um ano tinha 7 kgs e diziam assim: ai parece uma bonequinha, não diziam aquilo de forma, porque ela era bonita e é bonita, diziam aquilo com, mas eu para mim, desatava logo a chorar, logo! E digo eu assim, então e estes pais, quando vão com . . .lá está a vergonha, e depois é assim, há miúdos que não saem praticamente á rua, porque os pais parece que têm vergonha, não é?! De, de virem com

eles à rua, e às vezes digo eu assim: pois realmente, o facto de, como é que os pais não se sentirão de ver, as pessoas quando vêm uma cadeira de rodas, ou uma criança com, de olharem, não é?! Isso também deve mexer muito com eles, porque eu o facto de me dizerem a mim: parece uma bonequinha, eu desatava logo, como é que aqueles pais, é preciso ter muito, ahaha estofo. Eu acho que deverão ter de ter um psicólogo ou alguém que os acompanhe, acho, acho que sim, porque não é fácil, não é fácil receber uma notícia que um filho tem problemas e que não tem volta a dar, é para toda a vida, para toda a vida, né?! Para toda a vida.

Agora, a nível de ensino acho que há muita falha, a nível de aprendizagem, aqueles que a gente vê que têm autonomia para aprender . . . depois há aquela parte de que o, a criança deveria ter acompanhamento escola/ pais. Os pais, e há um desligamento, não vejo, ponte. Porque nós ensinamos uma forma de eles comerem, por exemplo, eu durante muito tempo dei de comer à parte dos autistas, e eu tinha uma técnica, que eu, por exemplo, a terapeuta da fala dizia assim: mas eles têm aquela parte de só escolher os verdes ou escolher coisas moles ou . . e eu digo assim: está bem, cá para mim, está bem, isso. Punha na mesa, e digo assim: vamos a comer, sempre, sempre, a insistir, a insistir, até que eles conseguem comer! Será que eu estou a fazer mal?! Não sei! Na minha, no meu ver acho que se chega a um ponto em que eu consigo que eles comam, então é porque o meu trabalho está correto. E ela chegou a um ponto agora de me dizer assim, S realmente, quando os pais estão a dizer assim: ah mas ele só come coisas verdes, ou só come gelatinas, então deixa-o ir para o pé da S que ela . . . ela, deixa-o . . .pronto, acho que a insistência, nós a insistirmos com frequência e mesmo aquela parte de “vamos a comer”, tem de ser assim tipo, mais firme, ter uma voz mais . . . acaba por . . . eles aderirem. Portanto é isso, agora é assim eu dou, mas muitas vezes dizem assim: ai isso é anti-pedagógico, você está no, no, pronto tudo bem . . . quando eu dei há uns anos atrás, houve, não havia ali uma importância muito grande de dar comida aos meninos, era nós, praticamente os auxiliares que dávamos. Hoje em dia já está educadora, terapeuta e nós auxiliares a dar. Há ali, noto ali agora uma insistência maior de darem comer aos meninos. Agora se comem melhor ou pior? Não vejo . . . há quem diga que sim, eu agora não estou naquela parte de miúdos (a minha cabeça) de, dos autistas, mas continuo a dizer ainda a insistência de trabalhar com eles sempre todos dos dias, se houvesse, eu acho que havia um progresso mais . . . profissional.

Tem, quer dizer técnicos e educadores, os técnicos portanto quem a terapeuta lá, a terapeuta da fala trabalha mesmo muito, trabalha, acho que faz um bom trabalho, terapeuta ocupacional . . . não. Educadores, acho que só um é que, e de resto às vezes parece-me que nós auxiliares fazemos um trabalho muito mais presente, porque estamos lá; e depois é assim eles têm muito poucas hora de trabalho com eles porque dizem que dá muito trabalho, não é, e os meninos cansam muito, então e nós auxiliares que estamos muito mais tempo com eles?! que limpamos, que, que, porque: “ai credo!”, não mudam a fraldas, não fazem nada de higiene aos meninos, são capazes de passar com um paninho na boca, mas quem faz o maior trabalho somos nós, os auxiliares e muitas vezes ainda somos repreendidos porque é anti-pedagógico, não se faz, não sei quê, quequequé . . . Torna-nos um bocado às vezes, tornamos-nos, eu eu vejo por mim, não somos vistos a nível de . . . como trabalhadores, muitas vezes como, um bom trabalhador: quer dizer!, elas é que não fazem! . . . não somos reconhecidos. Devíamos ter um reconhecimento, mas não somos, elas parece é que são elas é que fazem o trabalho, porque têm o rótulo, como eu costumo dizer: o cursozinho e nós somos um, não temos, temos o 12º ano, “mal e porcamente”, como eu costumo dizer e . . . e não somos reconhecidos. Não somos, e nós é que estamos sempre com eles.

E depois é aquela parte, agora vai dar almoços, ai agora não dá almoços, vai para a sala não sei de quê, agora não vai desta sala, vai para uma sala . . . a organização é uma coisa! Eu estou pelos cabelos, mesmo, com aquilo, mesmo. Tivemos pessoal, também, em falta, um doente, outro com . . . com problemas, a AC que pediu licença sem vencimento, isto tem sido . . . um caos! Isto afeta-nos, porque temos que fazer mais horas, porque não querem por mais ninguém, o trabalho faz-se, sem esse, nós fazemos muito mais horas, eles não nos pagam e depois dizem que vamos tirar, daqui a uns tempos, agente tira os dias que fizemos as horas a mais, mas eles não fazem! Os educadores não fazem mais horas! Os educadores não fazem mais horas, nós é que fazemos, Nós é que fazemos muito mais horas que eles, eles continuam no mesmo horáriozinho, nós não!

E isto mexe comigo e com toda a gente! Com toda agente lá, que comentamos.

Pois há sempre aquela parte de um diz uma coisa, o outro diz outra, o outro concorda, o outro não concorda, e depois há outros que dizem que é trabalho que lhe compete, outros que dizem que não é trabalho que lhe compete fazer,ahaha, “o meu horário é este e eu não tenho de fazer mais” e depois não lhe podem dizer o contrário, porque é a verdade, não é?! E . . . há . . . a

forma com o falam. Eu para mim mexe muito, mexe muito, a forma como dirigem-me a palavra.

Eu às vezes também sei que não dirijo muito bem as palavras para as pessoas, ele falam . . . ainda tive uma situação ontem, de um . . . do que foi fazer um passeio à zona freirinha, que é de ginástica. Eles de vez em quando fazem um passeiozinho lá a baixo. O miúdo, é um miúdo forte, forte, mesmo grande e para sair da carrinha estava a ser difícil, digo assim: vá H, vamos embora, vamos a sair! Ai ele, diz-me assim a professora a ginástica: ele vem muito cansado! Digo eu assim: ele está sempre cansado! E vira-se, disse eu, porque saiu-me aquela de está sempre cansado, porque ele praticamente não se mexe, não, não reage. Diz ela assim, Deus queira que nunca venhas a precisar que andem a passear contigo. E eu epá saltou-me a tampa, logo! Digo eu assim: “Olha se calhar se trabalhassem mais com, foi logo, se trabalhassem mais com ele, que aquilo que trabalham, ele se calhar não estava assim! Porque os anos que ele está aqui na Cerci” Respondi-lhe logo, tudo, até a motorista ficou a olhar, e ela assim: bem respondido! Os anos que ele está aqui na Cerci se tivessem trabalhado com ele a nível de ginástica e outras coisas o miúdo, em termos de movimento, o miúdo não estava desta foram como está! Pronto, e ela: Ah isso, não tenho nada a ver com isso! Não tem nada, não! Tem!!!

Portanto acho que deviam ter mais trabalho com os miúdos e não é de vez em quando, só para taparem os olhos à pessoas. Epá respondi, ela ficou com uma cara, mas eu tive que responder. Lá está, a forma como eu respondi, se calhar não devia ter respondido, devia ter respondido de outra . . . não gostei da forma como ela me disse: “Deus queira que não venhas a precisar”, e eu lá está respondi desta forma. A forma como às vezes dirigem a palavra e a forma de como a gente já estamos tão saturados das coisas . . . eu reagi, e depois também caí em mim, epá se calhar devia ter falado normal, dizer-lhe a ela : ó P, olha se calhar se vocês trabalhassem mais um bocadinho . . . não da forma como eu reagi, foi logo assim: zuumm!

Eu ando assim, também porque, portanto, a minha parte a nível pessoal, também não anda bem, também reajo mal.

P- ok

S- A minha coordenadora também durante um tempo disse: “você tem que ir ao médico, você não anda bem!”, porquê? Porque quando me dizem alguma coisa agora, epá eu reajo logo, porque estou saturada.

Digo eu assim: “porra já não basta a minha vida”, uma pessoa podia ter um trabalho, e a tratar dos miúdos, não tenho qualquer problema em fazer seja o que for e depois é porque: “você agora não vai para ali!”

P- É mais a relação com o pessoal e isso? . . .

S- É, é do que propriamente com os miúdos, e a com os miúdos agente se estiver ali a trabalhar, até se leva bem agora a nível de orientação, a nível de agente ver o que trabalham, não somos vistos doutra forma . . . é revoltante porque a gente vê que eles ganham 3 vezes mais, 4 vezes mais que agente, e não se vê reconhecimento, não se vê mesmo nada, é desmotivante, desmotiva e é geral.

P- Percebo . . .

S- Portanto isso deve ser um ciclo já vicioso que existe, e a é . . . é desmotivante mesmo!

P - Mas disse que não anda bem . . .

S – é assim, ao longo da minha vida tenho tido assim altos e baixos, na parte do casamento, pronto. E o que é que acontece, agora há uns anos atrás houve outra vez um “brrrrrr”, um baixo, o meu marido fez umas coisas e eu passei-me! Resumindo: sensível!

P- Sim, sim.

S – Até que eu disse que precisava de ajuda, eu fui ao médico e tudo, (chora) . . .

P - Esteja à vontade S, tome o seu tempo.

S – Não é fácil, como estou assim sensível, qualquer coisa . . .

P – Hum hum . . .

S – Fico ainda pior.

P – Ok.

S – Aahahaha, não há compreensão, por acaso lá a minha coordenadora até sabe minimamente que o meu marido está em casa, está no fundo de desemprego. Depois o que á

que acontece, ele o facto de estar no fundo de desemprego, o problema é que ele veio para o fundo de desemprego com metade do ordenado, pronto.

P- Ok, sim.

S – É, é, deu mau volta muito complicada, há pessoas que . . . eu consigo dar a volta, consigo minimamente, só que é cansativo . . . andar, a pensar assim, epá não posso gastar isto, não posso gastar aquilo, ahahaha, não posso, (não tenho aqui lenços de papel).

P- Eu tenho (e dou um lenço de papel).

S – Aahaha, pronto, tenho que andar, sempre, sempre, sempre, e depois é assim, não vejo nele alternativa para dizer assim: epá quero . . . eu vou arranjar qualquer coisa para . . . um gancho, porque há uns anos trás já me tinha acontecido e eu tive que me por a trabalhar em vários sítios

P- Hum hum . . . um ajustamento muito grande . . .

S- É menos 500 euros que entra na casa, é muito dinheiro, é quase o meu ordenado, é quase o meu ordenado, não! É o meu ordenado! Eu não ganho . . . ahaha, e depois a gente leva por resposta assim: “Quê? Queres que eu vá trabalhar, não?” Epá isto é desmtoiv é forte, é muito. Aahah eu andei na psicóloga, ali na, no Hospital de Vila Franca, ela deu-me alta porque eu realmente depois entretanto melhorei um bocadinho e ela achava que não devi . . . pronto que não era, só que isto é desgastante mesmo. Todos dos dias chega-se a casa e não se vê reação em nada, bom dia, boa tarde. Eu pergunto o que é que almoçaste? O que é que não almoçaste? Não passa disto! Não passa disto. Não há conversa, não há diálogo e depois temos no trabalho este tipo de coisa, se não fosse as aulas de Yoga . . . zero, mais nada. Fins de semana em casa, também podia sair, ir para a rua, não tenho motivo para isso (voz trémula), não me dá mesmo.

P- Não tem motivo . . .

S – Não, como é que eu hei-de dizer não me dá para sair, não dá!

P – Não lhe apetece . . .

S – Não! . . . agora já está um bocadinho melhor porque o médico, entretanto eu vou ao médico, e . . . pedir ajuda. E conto minimamente . . .

P- Médico de família?

S- Diga?

P- Médico de família?

S – O médico de família. E conto minimamente o que está a acontecer, é o médico de, dele.

P – hum hum.

S- Do meu marido. Ahahah, e . . . olhe, então mas o que é que se passa, e conto-lhe:passa-se isto assim, assim, o meu marido . . . como o Dr. sabe ele foi operado, estive de baixa e entretanto vai á inspeção médica, e . . . dão-lhe alta.

P – hum hum.

S – Ele acha, como morre o pai, em abril, em maio, o pais morre em maio, ele acha que não está em condições para ir trabalhar. O que é que acontece?! Pede baixa sem vencimento.

P- hum.

S - E está assim 4 meses em casa, sem vencimento, sem me dizer nada. E ele, “como?”, não, quem precisa de ajuda é ele! Não é a senhora. Alguma coisa está, está mal.

Ele deve saber, portanto através de um colega que a empresa . . . ele já sabia que empresa estava mal, mas que empresa vai fechar.

P – hum hum.

S - Vai pedir alta ao médico, pede alta diz que vai trabalhar e vai pedir, depois, alta ao médico. Que eu achei aquilo um bocado estranho, foi o que ele me disse. E a empresa fecha em Dezembro. Eu em dezembro recebo uma carta, e quando vejo digo assim: “ Que é isto?!”, do banco que estava, estava em incumprimento a renda da, da casa.

P- Hum hum.

S – Pronto, começo a ver, epá cai-me tudo ao chão, tudo! Fora outras coisas que ele já me tinha feito para trás . . . e o médico: então mas ele, ele é que não esta bem, ele é que precisa de ajuda. E eu assim, né?! A falar com, com o médico, ahahaha, o que é que acontece o ordenado dela é, para o fundo de desemprego, é durante o último ano de, de trabalho.

P- Sim.

S – Portanto ele está 4 meses sem trabalhar, os outros meses para trás foi de baixa, portanto eles fizeram aquela conta, dá uma ninharia.

P – Pois.

S – Dá 400 euros por mês de ordenado, mas que é isto?!

P – Pois.

S – Trabalhar, não quer, passa-me o tempo todo no sofá a ver televisão, sim senhor! Pronto, é assim que queres tudo bem. Epá mas isto . . .

P – isso . . .

S- Não me move . . . eu já pensei em ir trabalhar outra vez! Mas é o que a mi . . . as pessoas conhecidas que eu tenho . . . dizem assim: epá mas tu és maluca?! O quê? Vais-te matar outra vez? Andar a trabalhar, a trabalhar, para, para quê?!!

P – Pois.

S – Isto é estares a alimentá-lo!!!

P – Sim . . .

S – E é verdade, é verdade. Ahahaha. O que é que eu ia dizer mais? sei lá! Pronto tudo isto mexe comigo.

P – Estava a dizer que tinha ido ao médico

S – Ah! Fui ao médico, entretanto o médico deu-me, temos que fazer um tratamento, ele vai-me medir a tensão, a tensão (buummff) altíssima! Pesava que foi o facto de estarmos a falar,

então vai lá para fora, descansa, depois vem cá dentro, tirar novamente a tensão para ver, porque você não pode andar assim, mediu e (bfuu), diz ele assim, você vai ter que começar a tomar um comprimido para a tensão, está bem Dr. ahahaha, e vai tomar um comprimidinho de manhã, olha por acaso hoje já tinha-me esquecido de tomar, mas pronto, já tomo daqui a bocadinho.

Um comprimido de manhã, após o pequeno almoço para relaxar, leva aqui outros em SOS, no caso de começar a ver que está com mais ansiedade, metade, e um comprimido para dormir.

P – Hum hum.

S – Porque dormir está quieto! não dá, estou sempre a . . .

P – Pois.

S – E mesmo com estes comprimidos para dormir, tenho noites que . . . esta noite foi uma delas!

P – Não dá.

S - . . . acordo várias vezes, não . . . poderia ter um sono mais, (chora) não tenho . . .

P – Seguido . . .

S - e . . . depois disse -me assim: ahahah, tem que começar a olhar para si! Você não pode andar assim, (soluça) . . . já pensei em voltar á consulta lá no hospital, mas acho que deve ser um bocado complicado, porque a psicóloga, foi a minha médica de um problema que eu tive no ouvido e ela pediu, aquela psicóloga é psicóloga de pessoas que aparece com problemas de, foi o que ela me disse, não quer dizer que ela . . . eu andei durante, quê? um ano, ou mais, lá. Ahahahah, gostei muito dela por acaso, ela disse-me que é pessoas que têm, andam a fazer quimioterapia, é mais essa área.

E achava que eu estava bem, pronto, que não (suspira), escreveu-me numa carta, se fosse preciso novamente ir lá que . . . para ir.

Eu às vezes penso que não é necessário, mas tenho outros dias que digo assim, não . . . é! . . . não sei . . .

Agora daqui a 7, não agora já é menos tempo, tenho que ir lá novamente ao médico, porque ele disse vai fazer agora este tratamento, se melhorar, não é se melhorar, temos que ver como é que vai estar, mas quero-a cá doutra forma . . . é assim, eu tenho dias, hoje estou péssima, péssima mesmo. Parece que tudo corre mal, parece que tudo . . . nada disto faz sentido ahahahah, lá está, eu para estar assim, às vezes no trabalho qualquer coisinha (pffff) . . .

P – Pois.

S – Há outra parte que também lá, que me mexe comigo, que é: tenho lá um fulano, dois. São professores. Que eu cheguei a dizer lá à psicóloga, e tenho escrito num papel ahahah,

psicóloga da Cerci, que não pode ser minha psicóloga, né?! Como é colega de trabalho, não pode. Mas eu cheguei-lhe a dizer a ela situações que me acontecia, que achava que não era normal, fulano ahaha, falar, portanto, achava que eu, eu não quero falar com o homem! a não ser a nível, a não se de trabalho, só trabalho!

P – hum hum.

S - Mas o senhor, há ali uma pancada qualquer, que eu comecei a ver que não era normal. Para todo o lado que eu me dirigia, vejo que, uma coisa assim, a observar, que eu cheguei a um ponto, que eu digo assim: mas ele anda-me a fazer alguma avaliação, ou quê?! isto pensava eu.

P – Sim.

S – Houve um dia que fui confrontada, na sala, com ele a dizer-me: a fazer uma pergunta: “S não gosta de mim? Pois não.” e eu não gosto, nem desgosto, eu estou aqui é para trabalhar, não estou . . . Epá, é que eu puxo conversas consigo, mesmo o trivial, e você não . . . não adianta conversa, e eu: mas eu não quero falar consigo! Ahaha, porquê? Eu não faço o trabalho? Não, mas podíamos conversar, ahahaha é que eu já tenho andado a estudá-la, como se faz aos autistas . . . Mas o quê?! Está-me a chamar autista?! E ele: não, não, não, então, somos aqui, eu também sou, não estamos a falar . . . Mas eu já lhe disse que não quero falar com . . . consigo, a não ser de trabalho! Mas eu não sou a pessoa como dizem, não sou porque ahahaha, eu sou amigo do amigo, gostava de ser muito seu amigo, você era uma das pessoas que eu aqui na Cerci gostava de falar e você, eu vejo que você não quer mesmo . . .

Bem isto saltou-se, discussão: mas eu já lhe disse que não quero. . . nesse dia levei a coisa assim

P – hum hum

S – Nesse dia levei a coisa assim. Tudo na boa, foi! Eu já ia para ahahaha, tudo na boa para é meu superior hierárquico, é professor doutorado não sei do quê, do mais não sei quantos, tem uma data de doutoramentos, e acha que ahahaha, eu sou, eu e os outros são pequeninos lá, têm o 12º ano, que é os cursos da zara, como ele costuma dizer, cursos de zara, está sempre com essa resumindo, aquilo ficou por ali e eu mantive-me sempre . . . um outro dia, passado um tempo eu quando ando a entregar os miúdos entrei na sala e a A vinha a sair e eu entrei para aquela sala., ia ter, porque agora a gente andamos a rodar de sala em sala, não estamos na mesma sala com os miúdos, não estamos sempre com os mesmos. Um dia estamos numa sala com uns, no outro dia passamos para outra sala, noutra dia passamos . . . e isto foi este ano que aconteceu, isso foi outra porcaria que fizeram! Ahahaha e então eu entro na sala e digo assim, “olha A já pode ir, vais lá para baixo para a outra sala, que a E já está na, na sala, que é a outra professora”, e eu entro na sala e ele está em frente; “Bom dia!” e eu “Bom dia”, vou para ir arrumar a mala no cacifo, num armário que eles lá têm, e pergunto “ a chave? A chave aqui do armário?” “ agora espere (simula grito), porque agora tenho que arrumar as minha coisas”, não sei quê, bom logo assim com uns modos, e eu assim, digo assim “sim senhor, posso esperar o tempo todo” “ você comigo não fala” “ olhe, você comigo é que não fala mais”, epá desatou-se ali uma discussão tão grande que a como é que ele disse? “ chega aqui, nem bom dia diz” “olhe desculpa lá, eu disse-lhe bom dia, primeiro estava a Ana, para falar . . .” “você comigo não fala”, bem olhe uma discussão de tal ordem, que eu desato a dizer “olhe comigo não fala, não quero falar consigo, não quero falar consigo”, sempre a dizer-lhe: “ eu já lhe disse que eu não falo consigo, a não ser em coisas de trabalho”, resumindo, começou-me por pedir, depois viu que a coisa estava já num patamar ahaha muito alterado, começou-me por pedir desculpa, deu-me um abraço ahaha “ ai peço-lhe desculpa, não queria fazer isto eu não, eu já lhe disse que eu não sou a pessoa que você ”, não é não! Ele não é a pessoa que a gente pensa! Ele não é mesmo a pessoa que a gente pensa. É, é e após isto, depois começou por me dizer, “você veja se se põe bem”, porque eu não quero que a, a, entretanto entrava uma colega minha, “ eu não quero que a L entre e a veja assim” ahahaha, “ eu peço desculpa, eu peço desculpa, dê-me um abraço” “ um abraço?!!!” e eu assim “Ó pá!”, agarrou-me nas mãos, e eu assim, olha agora mãezinha do céu, eu, olha

toda eu tremia por todo o lado. Depois começou-me por perguntar, “você tem problemas de tiroide, não tem?”, eu como estava tão enervada, “ sim, mas porquê? . . .”, “pois por isso é que você atera-se assim”, quer dizer eu altero-me, então e ele?! Esperto, não é?!, muito esperto! E outra coisa que ele faz, é: fala para os meninos, que são indiretas . . . compreende?

P – Sim, percebo.

S - Há um miúdo que belisca-nos e puxa os cabelo, não sei quê, “ah cuidado que o D, tem um fascínio, adora cabelos compridos, tem um fascínio pelos cabelos compridos, ahahaha, no Inverno, por exemplo eu entrar agasalhada, não é?! E ele dizer qualquer coisa a outro miúdo, “vais para, está frio, vais para os Alpes ou vais para a Serra da Estrela?” Fala para mim, mas através deles! Nota-se perfeitamente que há ali . . . para não se comprometer que é ele. Aahahaha, outra coisa que ele faz, é falar muito a nível de sexo!

Pausa

P- Pois . . .

S – Há ali uma parte que está, . . . há ali uma parte que está sempre numa de . . . as conversas vão às vezes bater sempre, sempre, epá e isto parece que não . . . mas eu tenho tudo escrito! Foi pena, não Comecei a, e eu comecei a dizer à psicóloga, e ela disse “escreve isso tudo!, tudo, tudo, tudo, escreve”

P – Sim.

S – Tudo, tudo escrito , se algum dia, houver alguma coisa, ela até queria que . . . lá está a minha coordenadora também sabe.

P – Hum, hum.

S – E ela, disse: “escreva e dê-me o papel”, mas é assim . . .

P – Pois.

S- Eu começo a pensar, eu dou-lhe o papel e depois ?!!!! Quem é que é? Quem é que se lixa sempre?!!!

P – Pois.

S – É o pequenino! Não é? . . . é o pequenino que se lixa. Tenho um bocado de . . . de receio. Ahahaha e tenho lá o outro, que é o outro parvalhão, como eu costumo dizer, que parece, é um de musico-terapia, né?!

P – Sim.

S - Que . . . também é . . . é . . . há tempos disse assim, “a S está muito . . . muito sensível!” ou . . . e eu nada. Também de vez em quando nota ali qualquer coisa que não me, ou sou seu que estou numa fase que . . . não é?!

P - Hum, hum.

S – Ahaha, como por exemplo, não . . . de querer-me cumprimentar e eu dizer “até amanhã”, “ então até amanhã!” “Sim?”, e eu para não haver coiso, dar-lhe a mão, dar a mão para cumprimentar, para, para despachar, epá, não sei! Há . . .

P- Compreendo.

S – Mas . . . esse deu-me durante. Como por exemplo, um dia eu ir a passar . . . á porta e ele estava, e dar-me assim um toque para o lado, tipo quase desprezo, para passar, porque eu sou, o, o . . . doutor. Está sempre é, o doutoramento. Eu sou doutoramento disto, eu . . . digo assim: porra até mete nojo já, a conversa do homem, sempre com doutoramento! eu tenho doutoramento disto, doutoramento daquilo, tenho . . . ahaha

Ele durante uns anos foi muito amigo da minha coordenadora, e agora há um tempo zangaram-se, zangam-se as comadres descobrem-se as verdades, e é bem certo. Aquilo agora é um ódio que não se podem ver um ao outro, há conversas que ele faz com outro meu colega, tipo: para eu ouvir dela, para lhe contar, mas está muito enganado, porque ele não sabe com quem é que está a lidar, porque eu não faço isso. Porque a minha coordenadora também não . . . presta para nada a nível de, como pessoa.

P – Hum, hum.

S – Como pessoa. Acho que, como eu costumo dizer, não tem pelo na venta, se tem doutoramento também, devia ter uma postura completamente diferente, não, não tem! Não tem. E se calhar contou coisinhas ao senhor que não devia ter contado e agora está com (gesto com as mãos = medo). E depois nós ali somos o mexilhão, como eu costumo dizer, como eu

costumo dizer, somos ali o mexilhão. É! Ahahaha, a A, eu tenho a certeza que ela tirou licença de vencimento por estar completamente . . . exausta. E ela quando saiu disse: “vamos ver quem é que vai ficar . . .” que era ela que anda na calha, “quem é que vai ficar a ser o palhaço, palhaço, não é bem o palhaço, é: quem é que vai ela começar a implicar, de, de” . . . ahahahah, mas a A disse-me isso, vamos ver quem . . .

P – Hum, hum.

S – Depois é assim, há sempre um que, que, anda ali no . . . eu costumo dizer que é o saco, o saco! É, é, as vezes começa a ser frustrante, às vezes, já tenho pensado, epá porque é que eu não desapareço daqui para fora, depois eu começo a pensar, porra tenho 57 anos, vou para onde agora? Se tivesse menos 10, e a vida, tivesse a idade e já tivesse arrumada como está! Ai podia querer, tinha feito! Tinha!

P – Hum, hum.

S – Tinha feito (a voz trémula).

P – Hum, hum.

S – Agora . . . Eu costumo dizer é pena é estarmos nesta fase de . . . está mau a nível de vendas de andares, está mal a nível de empregos, mas às vezes digo eu assim, porra então está mal em quê? E eu?! E eu?! (chora)

P – Claro.

S – Qualquer dia uma pessoa fica maluquinha e . . . mas eu já há muito tempo que ando assim, muito, muito tempo.

P – Pois.

S – Houve uma altura que vivi só . . . , vivi sozinha quer dizer, vivi os problemas sozinha, contava . . . por exemplo, eu tenho uma moça que é como se fosse minha irmã, ela durante muito tempo, dizia-me: “leva as coisas com calma, tudo se resolve”, e é verdade tudo se resolve! Mas o cancro existe lá em casa! E ela dizia assim: “está bem, leva as coisas com outra forma”. Agora após este tipo de situação, que me aconteceu, ela diz: “não, tu não podes estar assim, não podes! Não podes! Realmente tu tens sido . . .”

Mas, até a filha, a minha filha quando eu lhe contei, é o que ela diz . . .

P – Quando contou de . . . ?

S – Das situações do pai, do pai.

P – Doença oncológica, a baixa?

S – Ele? Sim. Mas é assim, ahahaha o problema dele, resolveu-se, ao fim de dois meses ele estava, tomara muita gente que é operada à situação, que não tenha ahahaha, eu fui operada a um ouvido, ele foi à bexiga, eu ao fim de dois meses eu estava a trabalhar!

P – Sim.

S – Ah, eu morreu-me a minha mãe, morreu-me o meu pai, eu não tive problemas em trabalhar ao fim dos dias que deveria!

P – Claro.

S – Tive aqueles 5 dias e fui trabalhar, ele não gostava mais do pai dele, como eu gostava dos meus!

P – Pois.

S – E ele nunca, o pai dele se realmente para ele era o pai que ele gostava muito, não digo o contrário, mas não era caso, ele só me responde: “eu tenho 42 anos de descontos, já estou farto de trabalhar”.

P – Pois.

S – Mas é assim, o facto de trabalhar, então e o resto?! E o que é que se tem pela vida?! Então e as coisas que se comprou e que e tem que se pagar?!

P – Claro.

S – É aquelas coisas que, então mas a cabeça dele anda a onde?! Parou!? Depois é assim eu tenho muitos anos de, de casamento com o meu marido, mas chega ao ponto de dizer assim: “ ahahaha, o que é que eu tive durante estes anos?”, foi bom ao princípio? Sim! Se calhar

aquela aventura, somos novos, é o namorado, é o casamento, é, depois veio a filha, depois dedicamos muito tempo à filha, que é normal, que os filhos ocupam-nos o . . . Depois, é o quê?

P – Exato.

S – Depois começa a picardia, um diz uma coisa, o outro diz outra, “ não não é assim, não é o outro”, epá, não é, isto não é nada. Isto não é nada!

P – Pois.

S - Ahahaha, há amizade? sim, há amizade, são muitos anos em comum, ahaha, e agora sim tem-se pena? O que é que vais ser dele?, porque ele vê em mim, se calhar uma mãe.

P – Pois.

S – Sempre lhe aparei os golpes todos, sempre lhe fiz tudo.

P – Sim.

S – Ele inclusive não sabe o que é um ben-u-ron, para que é, para que é que serve! Se calhar eu fiz mal? Fiz! Fiz. Não foi . . . Nós mulheres às vezes temos a mania de “olha veste isto, olha que tens que fazer isto, olha que não . . . ” epá “olha que isso fica-te mal, vai ao cabeleireiro, vai ao barbeiro, vai”, epá! Ele a mim nunca me disse isso!

P – Sim.

S – Porquê? Eu agora reconheço que fiz mal! E agora se calhar, por mais que queira, inculir-lhe, dizer-lhe “olha tens que fazer isto” ou, ou que não faça e deixe por fazer e ele não faz, e é revoltante, é revoltante, porque está um dia inteiro em casa, e eu digo assim, epá fogo, nem ao, são migalhas, são migalhas que estão em cima da bancada, mas é assim, mexe comigo. Porque antigamente eu chegava, saíamos os dois de casa e entrávamos e não havia lá migalhas e agora não! Ahahaha, então ele não sabe que aquilo tem, pronto, isso das migalhas já lá vai. Mas mexeu durante muito tempo de, de dizer-lhe, coisas simples que começamos a implicar que não tem . . .

S - Ahahahah tenho pena dele porque eu tenho a certeza se um dia eu deso . . . o que é que vai ser daquele homem?!

P – Sim.

S – O que é, o que é que vai ser? a filha já lhe disse, não contes comigo. Dá perfeitamente para entender.

P – Hum, hum.

S – Ahahaha, e depois eu digo assim “sou culpada?”, às vezes sinto-me culpada (chora) . . . por ele não ter tido . . . não ter, como é que hei-de explicar, não ser uma pessoa mais ativa, não ter ahahah . . . não sei, não explicar . . . é uma pessoa que não sai de casa, se sai é só para vir ao café, fala com um, ou com outro e vai para casa! Ele às 5 da tarde está de pijama! Em casa!o que é isto?

P – Hum, hum.

S – Qualquer coisa que, só quer é sair comigo, qualquer coisa para onde eu vá, é comigo, dependente!

P – Sim.

S – Por mais que eu queira, se eu disser assim, “olha vou ao Aldi às compras”, fica com uma cara! Aconteceu o fim de semana passado, “vou às compras”, “vou ao Aldi”, deu-me assim mesmo, epá vou-me levantar e vou ao Aldi às compras, sozinha, não quero . . . ahahah, eu cheguei a casa e ele estava de trombas! Dá para ver, que eu já o conheço.

P – Claro.

S – eu por exemplo saio do trabalho, agora não tanto, mas saia do trabalho e ia ao café, eu chegava a casa, e ele estava de, de trombas! Cumprimentava-me e não havia conversa mais alguma, não era capaz de dizer assim, “então o trabalho”, ahahah ou por exemplo: “ chegaste agora porquê? Foste ao café? Tiveste com . . .” nada! Nada!

Ahahah é estas coisas que eu á vezes questiono-me e depois é assim, o que é que vai naquela cabeça? A gente ouve tanta coisa! O que é que vai naquela cabeça?!

P – Sim.

S – Porque qualquer coisinha às vezes que eu lhe digo, diz “ que é que tu queres? Não sei quê! (simula gritar)”.

P – Pois.

S – Ahahah “não fiz bem, faz tu!”, e eu, tudo bem deixa estar. . . . Às vezes começo a questionar-me será que aquilo não está ali um, um barril de pólvora? Não é?

P – Sim.

S – Porque ele precisava de ser, eu já lhe disse a ele, “ó pá vai, vai procurar ajuda!”, “ eu não estou maluca, não estou maluco como vocês!”, porque eu e a minha filha também, chegámos a andar ali num, na, numa, como é que se chama? Uma fundação que é a OCADA é em Lisboa, que foi através de uma médica que ela trabalha lá, uma médica, Dra I, um dia a minha filha não andava, e fomos ali ao posto médico, e nem de propósito a senhora dava consultas de psiquiatria, em, nessa, e chegámos a ir lá. E eu comentava com ele, que estava, andávamos as duas, quer a gente, que ele não estava maluco “ vão lá vocês, que”. Portanto eu até falei com o médico sobre isso, e ele assim: “pois geralmente é quem pensa que não está, é que está!” Quem pensa que está, que não está, é que está. Ahahah e isso é um bocado difícil as pessoas não querem procurar . . . Quando a coisa, quando ele faz alguma borrada, ele chora e diz que já nunca mais faz, e patétéquequequéuquequequéu, e se é isso, e eu digo: ó pá tu precisas de ajuda há qualquer coisa em ti que não, mas é isso, e ele vira-se para mim mas se tu queres eu vou, eu vou, mas não vai!

P – Pois.

S – Eu se t, eu já lhe disse a ele: mas não sou tua mãe, pegar-te no teu bracinho e ires ao médico! Houve situações de, de problemas de saúde dele, que eu é que lhe dizia, ia, tinha que ir com ele á consulta. Essa era outra, que eu deixei-me disso, se calhar deixei-me disso e foi mal!

P – Pois.

S – Porque na altura que ele ia às consultas com o médico, eu deveria ter ido com ele e deveria ter visto que realmente, o que é que ele tinha feito sobre, o que é que estava a acontecer. Entende? Mas lá está , ele é maior e vacinado, ele tem 58 anos!

P – Hum, hum.

S – Isto é indignante, uma pessoa, quer dizer, não tem que andar sempre com ele para todo o lado!

P – Pois.

S – Para fazer borrada, sabe fazê-la, fazer borradas de, de , fazer empréstimos e estar cá a, a, para pagar, isso ele sabe! Agora eu, já lhe disse a ele, cansei! Trabalhar, não queres ir trabalhar?! Eu é que não vou trabalhar! Eu tive 3 empregos e não morri, ah?! Portanto tu podes arranjar um, que não estás a fazer nada agora, que não morres.

P –Hum, hum.

S – Porque ele vira- se para mim, e diz assim: “o que é que queres que eu faç, queres que eu vá trabalhar?!”, digo eu assim, olha uma coisa, sou eu é que tenho que ir trabalhar que já tenho um trabalho?! Não desculpa lá!

P – Hum, hum.

S – Cansei. Portanto, tu vai, faz-te á . . . Ah e há tempos disse-lhe assim, para ver o que é que ele . . . “olha isto está insustentável, portanto vê lá se resolves qualquer coisa, porque senão a gente vai ter que vender a casa. Temos que vender a casa!” sentámos-nos assim os dois para conversar, conversa, conversa, conversa, “porque olha: é dinheiro para isto é dinheiro para quilo, não fica nada! Ah?! Isto é, é uma coisa” . . . “ eu sei perfeitamente!”, “Sabes?! Não parece!”, “é que se não eu vou ter que vender a casa, vamos, vende- se a casa, vamos ter que ir para uma casa . . .” Porque para já a casa também é enorme, ahah e para os dois, estou eu agora a dizer isto, e realmente eu tenho pensado às vezes assim, isto está tão mas para vender, comprava uma coisa mais, mais pequena, naquela do impacto de dizer assim, “olha, como é que é?!”

P – Hum, hum.

S – “Então se for preciso vende-se a casa!”, e eu “não acredito”, é que ele nem faz contas pelo valor que está a pagar, que a gente tem quase praticamente a casa paga, pelo valor que está a pagar pela aquela casa, não ia encontrar outra com aquele valor, o valor quer dizer, de (respira fundo e começa a chorar) é Não é capaz de ter uma atitude. Não é!

P – Hum, hum.

S – E eu estou, super, super, super cansada de, de, ahahah super cansada mesmo, quando eu digo super (chora) acho que, não sei.

P – Não sabe . . .

S – Às vezes penso, ahah, não tenho o pai, não tenho a mãe, ahaha, sinto-me completamente, às vezes sozinha, motivação em casa às vezes falta-me completamente para fazer as coisa, não tenho. Agora já estou a ter um bocadinho mais de ahahaha, aquele brio que a gente tem de mulher, de tenho que ter isto, vou mudar de cortinados, vou mudar de sala, o móvel para aqui, esquece! Não.

P – Pois.

S – Não, esquece, nada mesmo, não, não estou virada nem para ai. Depois no trabalho também a coisa, é assim será que sou eu que estou mal?! Será que sou eu que estou mal?! Estou a ver mal as coisas, tudo me complica com o sistema nervoso?! Tudo, já vejo coisa que não . . . que não é?!

P – Hum, hum.

S – Não me podem dizer nada que fico revoltada, fico! Fico. Depois digo assim. Será que sou eu que não sou compreendida? Ou eu não compreendo as pessoas?

P – Às vezes é um bocadinho de um lado e um bocadinho do outro.

S - . . . e um bocadinho do outro, pois! E pronto é assim o, o . . . e depois quem está atrás, como é que eu hei-de dizer, um trabalho como a gente tem, muitas vezes não sabe o que é que esta por trás da outra pessoa de que está a passar, não é?!

P – Hum, hum.

S – A vida não é fácil para ninguém, mas às vezes também se complica, de forma, por exemplo, eu acho que os casais em si deveriam ter o diálogo. Na minha casa o diálogo nunca foi muito, nunca foi. Porque ele não tem motivo de conversa, não conversa muito, nunca foi muito conversador, mas eu sempre fiz e sempre lhe despertei, dizer: “ó pá conversa”, “mas queres conversa de quê? Queres que eu converse de assuntos da do trabalho?” “sim, conversa qualquer coisa! Compraste isto, compraste aquilo”. Sempre, sempre insisti com, eu chegar a casa e conversar, mas a conversa eu falar assim e ele assim, até que a pessoa perde o interesse de falar, ahahahaha, (respira fundo).

Disfarçar para fora, cá para fora como somos, como andamos cá dentro, é difícil, às vezes mostrarmos aquilo que não temos, ahahahah, sei lá . . .

P – Faz isso . . .

S – Tento fazer, muitas vezes. Tenho alturas que estou assim, e há alguém que vê, não é?! Depois dizem, “você não anda bem”, claro! A gente não chora por aparência só, ou para as pessoas terem pena da, de . . . Eu detesto que tenham, então é assim, eu detesto que tenham pena de mim (chora), se calhar tenho um orgulho um bocado, e muitas vezes digo assim, não eu não sou orgulhosa, pelo facto, eu não tenho que andar a dizer às pessoas o que é que se está a passar com a minha vida, ninguém tem nada que saber disso. Porque eu não sei da vida das outras pessoas, portanto, também não tenho que, poderia dizer era ao meu pai, à minha mãe, falo com a minha, com a minha irmã. Tenho um, um amigo que falamos muito sim, falamos. Ahahah, que (choro) tenho que ter alguém para falar, não é?! Temos que ter alguém para falar. Eu tenho da parte da família o meu irmão e a minha cunhada, dizem que com eles não dava esta tipo de situação, que já estavam, depois é o que eu digo à minha cunhada, então e vou para onde? Vou para onde?! Ahahaha, não sei para onde é que, mas se calhar algum dia dá-me um *vipe* mesmo. . .

P – Hum, hum.

S – Temos o nosso limite, e eu já disse à minha filha, olha filha se algum dia não souberes de mim, deixa estar que eu dou-te depois, ahahah, onde, digo-te onde é que estou. Mas tenho um, assim uns de largar mesmo tudo, ir do zero, ir do zero mesmo (suspira).

P – Hum, hum.

S – Mas também não é fácil, a gente construir o que construiu e de um momento para o outro, sair assim porque, pela cabeça do outro que não teve cabeça.

P – Sim.

S – Nós tentarmos por tudo, tapar sempre os buracos ao longo da vida e chegar a esta idade e ainda andar a tapar buracos, epá não . . . porque eu às vezes digo eu assim, isto é até quando?

P – Hum, hum.

S – E eu estou a ficar consumida, consumida. Há sempre a desculpa, chora, barafusta, mas passado 2/3 anos está-me a fazer a mesma coisa!! Está-me a fazer a mesma coisa! Não sei o que é que hei-de fazer!

P – Pois.

S – E ainda me sinto culpada, o que é muita mau, não é?! . . . É! É culpada, é julgamen, é o julgamento, porque e depois as pessoas, se isso um dia acontecer, dizem assim; então mas ele é tão bom moço, é tão, tão sossegadinho, não trata mal. Pois não! Não trata, pois não! Ele não trata mal, mas é assim, mas já me tem dito coisas, da boca para fora, que não . . . magoam.

P – Hum, hum.

S – Ainda foi há tempos que eu falei com a minha irmã, digo assim, epá eu não acredito, há tempos quando tivemos uma discussão mesmo acesa, isso foi quê há uns 3 anos, ele dizer que, quando eu vim despedida de, que eu trabalhei, trabalhei aqui na GALP durante 21 ano, e quando eu vim despedida ele dizer-me que ahaha me sustentou durante 2 meses. “sustentaste-me?” Epá! Agora diz que saiu-lhe da boca para fora, sim mas é assim , foi uma palavra muito mal dita. Fora essas, outras mais que ahaha . . . então e agora quem é que o sustenta? Ou quem é que tem o, andado sempre a tapar, foi o que lhe disse a ele, pois ai chorou, e que realmente sabia a mulher que tinha quequequéu, quequequéu, epá isso já eu estou farta, já estou farta disso. Eu se calhar nunca soube ver se calhar a mulher que sou! . . . Pois . . . e paz e sossego na minha cabeça que é o que eu digo! Ai queria ter paz e sossego na minha cabeça . . .

P – Hum, hum.

S – Viver uma vida normal! Sem o diz que diz, o diz que não diz, o diz que faz! Ahaha ou que faz uma dívida aqui, tu tens que a pagar, tens isto, epá, desculpem lá! A vida não é isto! A vida não é isto! Eu acho!

P – Pois.

S – A vida não é isto! Temos que ter paz e sossego na cabeça, senão qualquer dia, andamos cá só para pagar dívidas!

S – (respira fundo) Depois no trabalho desligo, desligo mesmo, que era isso que eu devia de fazer também para o outro lado.

P – Sim.

S – Já tenho pensado nisso, que devia de fazer exatamente o que faço quando chego a, muitas vezes quando chego a casa, desligo, trabalho: brrr. Desligo mesmo, é engraçado como é que eu desligo e esta situação de . . . não desligo.

P – Pois.

S – Não sei explicar. Não me consigo desligar. Este trabalho fez-me pensar que . . . lá está! Se formos a, a ver a situação que eu estou a passar, com este, com esta situação pessoal, um problema de saúde grave, que eu digo muitas vezes isto, um problema de saúde grave, grave, ahahah, como por exemplo, que é como se fosse minha irmã, que é aquela que às vezes me levanta o astral, que é morreu-lhe o marido, e quando ela está-se a refazer de, ao fim de 4 anos de, a encaixar que o marido tinha partido, já não voltava. A filha com 36 anos aparece com um problema de, um cancro no pulmão e ao fim 9 meses morre! Isso, isso é, isso é que é, eu às vezes faz-me levantar um bocadinho assim, realmente, porque é que eu . . . pá S, isto tudo vai passar.

P – Pois.

S – Esses casos, não passa, não há volta a dar!

P – Hum, hum.

S – A morte quando aparece, é para ficar, não . . . agora este tipo de situação de vida a gente pode dar a volta ao contexto de, de dar uma volta á vida, pronto, epá não dá, acabou adeusinho, passe muito bem, que também não é bem assim! Porque a gente sabe, que a gente vê ai ás vezes notícias e diz assim, “ que é isto?!” E a deficiência é a mesma coisa, é uma coisa que as crianças podem demorar, podem viver uma vida, até os pais serem . . . eu ás vezes penso assim, então e quando chegarem a uma certa idade os pais real, vivem a deficiência até um certo, mas também pensam que quando chegam a velhotes, como é que vão lidar com a, têm que metê-los nalgum lado, ou têm um irmão mais velho para cuidar deles, ou, ou como é que é?

P – Pois.

S – Levam a vida inteira a lidar com eles com a deficiência, não têm também, porque sabem que não, que eles não vão ser pessoas normais. Encaixar, encaixar esse tipo de, é, é difícil de certeza para, para os pais, acho que não sei, olha eu, eu então, ás vezes já tenho dito então se eu tivesse um problema desses?

P – Pois.

S – Como é que era?

P – Pois.

S – Como é que era? Ou tinha que ter um poder de encaixe muito grande, ou se não, não sei.

P – Pois.

S – Não sei se tinha.

P – Pois.

S – Porque com estes assuntos assim ás vezes fico, ás vezes penso que . . . é difícil . . . , deve ser muito difícil para os pais lidarem com, muito difícil . . . muitas vezes nem me queria por na pele deles.

P – Pois.

S – 24 horas, sobre 24 horas, não devem ter tempo para, porque há crianças que exigem muito tempo de, e os pais devem ter que ter, o comer, o mudar a fralda, o tratar e depois de metê-lo na cama, o meter, a atenção, epá acho que é muito, tem que ter, ou senão, se não são pais muito, que eu acho que sim, ali é raro aquele miúdo que não esteja, que os pais não sejam, como é que eu hei-de dizer presentes.

P - Ok.

S – Existe lá, tenho lá duas gémeas que são pretinhas, que não deve, isso ai acho que, acho que deve haver, epá desinteresse. A nível de higiene, a gente olha, não é? Vê-se que vêm com uma meia de cada, isso é deve tudo aquilo, isto deve tudo á balda! A mãe deve sair para o trabalho e quem deve vestir é a irmã mais nova, e aquilo é salve-se quem puder, pronto nota-se que há ali . . .

P – Sim.

S – Se calhar também deveria haver, mas isto deveria haver?! Como eu costumo dizer, a nível de segurança social, mais apoio, ou, até mesmo a nível de escolas, irem e dizer, contacto com os educadores né? E com os educantes e dizer, olhe como é que está a ser? Está ser bem, está orientado, não está a ser bem orientado, mas não não existe esse tipo de acompanhamento, não, não. Ahahaha . . . a escola também, como eu digo, não . . . a nível de pais e educadores, ahah, também não vejo assim, também não, quando há reunião de pais, não comparecem, não comparecem.

P – Pois.

S – Raro a mãe que comparece, é mais, vê-se quem é os interessados, não é? É os que comparecem, os outros não, não, não aparece 2 ou 3 e nada mais, não, os outros não aparece.

P – Pois.

S – Isso sempre foi uma das coisas que eu vi a nível de reunião de pais.

P – Sim.

S – Nunca apare, é raro. Se calhar também sabem que pouco há, o que é que vão dizer? Não têm expectativa do que evoluiu, o que não evoluiu, ahahah, penso isso, que seja esse o critério de . . .

S – Mas por exemplo essas duas miúdas, quando foram para lá, essas gémeas, comiam com, praticamente com as mãos, elas hoje em dia comem de garfo e faca, há um vício que a, terapeuta da fala me diz e é assim, “ epá ó S, tu meteste um vício de tal maneira à, a ela, que ela não pode ver um grão de arroz fora do prato”, e é verdade, porque elas a comer, aquilo era tudo por fora, e eu “psssht, ó menina ponha lá o comer no prato!” saia por fora do, do, do ia para o tabuleiro, punha-se no prato. Tanto fez aquilo, que ela agora a comer se salta um bocadinho de alface, ou um bocadinho de arroz, ela está a por ali, não pode ficar nada dentro do tabuleiro, já é uma c, já se tornou, mesmo ela diz já é automático, a maneira como arruma a, a loiça quando acaba de comer, sempre eu disse talher dentro, do, do, do prato, a, a, tudo. Encaixa, ela faz aquilo exatamente como eu lhe ensinei.

P – Sim.

S – Ahahah ficou-lhe, em casa se calhar até faz, mas aquilo até se estão pouco borrhando de, mas acho que se continuasse com os outros miúdos, portanto, esses, elas já fazem esse tipo de, com os outros, epá se calhar, constantemente nós ali e em casa, até a nível de ir à casa de banho.

P – Sim.

S – Elas não faziam também de limpar e hoje em dia fazem isso!

P – Pois.

S – Insistência, em casa, se calhar a mãe está lá agora preocupada de ir, nós não, nós vamos com eles á casa de banho, “vá senta, sentar, autoclismo, toma lá o papelinho”, fazemos o para tirar o papel para, tudo automático! E elas fazem! Hoje em dia elas fazem!

P – Pois.

S – Ahahahah, em casa se, duvido, não há. Ahahaha.

P – Pois.

S – Quem diz isso, outras coisas de que, uma delas, que é: se calhar lavar uma loicinha, se calhar limpar as mesas, varrer, ahahahah.

P – Sim.

S – Tudo isso, porque é essa, portanto são gémeas, a mais velha, a mais velha! a mais forte ahahah é um bocadinho mais assim de aprender do que a outra, não sei, que há ali uma coisa qualquer que, aprende mais, com mais facilidade do que a outra. A outra é mais assim cabeça no, no ar, mais ativa. Mas tudo aquilo que a gente lhe vai ensinando, á primeira vai ficando, e eu dizia, dizia sempre, epá ahahaha E se vocês trabalharem, se trabalharem mais com ela, a miúda fazia, se calhar era capaz de fazer uma cama, era capaz se calhar . . . a terapeuta ocupacional deveria fazer esse tipo, acho eu!

P – Pois.

S – Deveriam de ter, como eu, eu às vezes digo assim, epá, por um alguidar, loiça, lavar aquela loiça,

P – Sim.

S – Limpar, um vidro, epá uma mesa. Para a autonomia. Acho que são coisas que é o básico, que podem minimamente aprender e se, se, até mesmo os rapazes!

P – Sim.

S – Deveriam de aprender! Havia lá um miúdo que foi, que eu achava que eu assim, epá aquela mãe deve ter a casa um brinco! Foi um miúdo que só teve lá um ano, bem com um, falava muito bem e andava sempre a fazer festinhas e a dizer ahahaha, “eu, eu trabalho bem, não trabalho S?” e eu assim “trabalhas sim senhora”. O miúdo lavava a loiça, o miúdo varria, mas se varria bem! Eu ás vezes dizia-lhe assim, “qualquer dia levo-te para a minha casa para tu me fazeres” e ele ria-se, ahahah “porquê? O teu marido não faz estas coisa?” dizia ele, “Não! Não faz nada disso”. Ele abria o, o micro-ondas, ele lavava o micro-ondas, por dentro, tudo, tudo. Porquê?! De certeza, ele já tinha 18 anos, mas foi sempre trabalhado naquela função, sempre, sempre. E em casa, eu dizia-lhe a ele, “Então e em casa?”, “Ah, em casa eu também faço á minha mãe, essas coisas toda” e eu: “sim senhora, fazes muito bem”. Portanto, tenho quase a certeza, esta miúda a gémea, não fala, não falam as duas, mas esse tipo de

técnica, se a mãe a metesse se calhar, num, a lavar uma loiça, se ela fosse habituada, se calhar iria fazendo como deve ser.

P – Pois.

S – Acho que trabalhar neles, os autistas, né? Os com, os mongolóides também, são muito teimosos, mas também se, se trabalhar, fazem, vão fazendo, vão aprendendo a pouco e pouco, vão aprendendo. Tenho lá um que não faz mesmo nada, nada, nada, nada, esse, acho que tem, a não ser, ahahaha, além do mongolismo, tem outro tipo, tem várias patologias. Essa é outra que eu acho que não está correto.

P – Sim.

S – Os miúdos novos que entram, nós auxiliares sabemos zero deles, zero.

P – Pois.

S – Não há uma reunião, não há, ao menos dessem-nos os dossier, dessem-nos os dossier que nós sabemos ler, né? Além de termos o 12º ano, como eu costumo dizer, mas sabemos ler e sabemos compreender, ó pá para sabermos o porquê, qual é a patologia do miúdo, o que é que tem, o que é que não tem, o que é que ele sabe minimamente fazer, o que é que, não! Nós vamos sabendo a pouco e pouco, o que é que ele faz o que é que ele não faz.

P – Pois.

S – Se é agressivo se não é agressivo, não sabemos, às vezes sabemos (gesto de bater).

P – Pois.

S – Essa é outra que eu acho que não está correto a forma como, que os miúdos vão-nos aparecendo ao longo dos anos, raramente sab . . . , raramente sei o que é que, o que é que ele tem. Ah, o mongolismo a gente olha e sabe, os autistas também, uma cadeira de rodas também, a gente olha tem problemas de, epá mas ficamos sempre naquela, então e o resto?

P – Sim.

S – Há síndromas que a gente ficamos completamente alheios, e é a pratica, portanto, quem está lá há muitos anos, já sabe, epá olha . . . devíamos ter mais formação . . . durante, ao longo

dos anos, formação mesmo ao nível de Cerci, a nível, saber como lidar, como . . . miúdos que têm problemas portanto, há ali um, ah que aquilo tem um nome! (suspira) ataques epiléticos, um miúdo com um ataque epilético. A gente temos lá realmente uns coisões portanto, tipo um medicamento para lhes dar, para por através do, do ânus, sim mas não terá, como é que lidamos com um ataque epilético?

P – Pois.

S – Não é? E por o medicamento á criança, está com uma fralda durante o , durante o ataque? Quem diz um ataq, quem diz isso, diz outras coisas mais.

P – Hum, hum.

S – Engasgou-se! Como é que se lida com um problema, que engasgou-se com, é quê? Dá-se pancadas nas costas? Ahahahah. Dá-se um murro no estômago? Como é que . . . mete-se o miúdo de pernas para o ar? Como é que é?

P – Pois.

S – Sinto essa falta, e a nível de outras, a nível doutro, doutras coisas! Pode haver outro tipo de patologia que o miúdo tenha, que agente tem que saber lidar com, com a situação. Acho eu!! acho, mas eu só tenho o 12º ano! (ri) A gente ficamos traumatizadas sabes?!

P – Sim (sorri)

S- Com tantos doutoramentos! Tenho doutoramento disto, tenho doutoramento daquilo. Que eu sou Dr! Eu sou Dra! Professor não sei quê, epá (postura de enfado) fogo.

P – Pois, isso . . .

S – Eu ás vezes digo assim, epá, eu se calhar tenho mais doutoramentos que eles, a outros níveis. Não sabem.

P – Sim.

S – Pronto, eu acho que a nível de, de devíamos ter mais formações.

P – Hum, hum.

S – Tive uma formação agora há, ai há uns 2 anos ou 3, anti-stress

P – Hum, hum.

S – Foi ótimo!

P – Hum, hum.

S – Gostei imenso, gostei imenso. Como lidar com o stress, também apanhou-me numa fase até, que também andava e gostei, foi muito bom. A psicóloga muito, acho que ela era psicóloga de presos. Ela só o facto da maneira como a gente, disse ela! Sentar, tirava logo o retrato! Tirava logo o retrato á gente! A maneira como se põe a mão, a maneira como a gente está a olhar, a maneira, eu assim, Ah!!! está bem, pronto.

P - :-)

S – Aprendi muita coisa, gostei. Uma das coisas que eu gosto realmente é aprender esse, gosto, portanto, porque acho que a gente estamos sempre a apreender e faz falta.

P – Hum, hum.

S – Porque qualquer coisa, faz falta! Nunca ninguém me ensinou quando entrei para lá, como é que se mudava uma fralda, como é que, nada, como é que se dava de comer, como é que se lidava, nada! Simplesmente disseram-me, tratam-se como se fosse uma criança normal. Sim senhora! Como uma criança normal, a gente trata.

P – Sim.

S – Mas que deveríamos ter se calhar alguma, acho que há ai uma falha muito grande no ensino especial.

P – Hum, hum.

S – Como dizem, né? Ahahah, porque eles são especiais, portanto, acho que deveriam de, de ter mais formação, ao longo do anos, pá . . .

P – Contínua.

S – Contínua, exato, contínua.

P - Hum, hum.

S – Como se lida com miúdos com uma patologia, com outra patologia, ó pa , há sempre coisa para aprender, penso eu que sim, sim.

P – Sim.

S – Porque eu, eu tenho altura que eu digo assim, eles só vivem para comer, só para comer, ahahahah, e o facto de maneira como eles comem (faz o som), sôfrego.

P – Sim.

S – Aahahahah, se a gente se descuida a comida do lado, já desapareceu do prato, mas não foi o que estava a comer, porque foi o outro do lado que comeu, estás a ver (sorri).

P - (sorri)

S – Ahahahah e muitas vezes, há, há esse problema do engasgar que foram vários que, olha ainda foi ontem, foi um para o hospital, pois, foi na residência, engasgou-se ahahah e ficou internado e ano passado, este ano, já foi este ano, que morreu um e foi em casa, de lá, morreu engasgado, pois!

P - Hum, hum.

S – Elas acontecem.

P – Sim.

S – Eu ás vezes tenho um bocado de, de, de medo disso, pá se me acontece uma situação, que volta é que eu dou?!

P – Pois.

S – Não é?! Já aconteceu ataques, por acaso tenho lá um colega que sabe lidar com, com, com a situação dos ataques epiléticos e por. Então mas e se ele não está?!

P – Sim.

S – Porque há miúdos lá que já têm mais porte que eu! E num ataque epilético o, o, eles ficam completamente, ahah com aqueles espasmos e . . .

P – Pois.

S - E a gente? Como é que lida? Como é que faz?

P – Hum, hum.

S – Acho que ai, acho que fazia falta, faz! Faz, muita falta.

P – Sim senhora.

S – De certeza que falhou muita coisa na conversa! Né?

P – Não, não falhou nada!

Anexo B - transcrição da entrevista: Anabela

P- Fale-me um bocadinho da sua experiência enquanto pessoa que trabalha na área da deficiência.

A – Ai agora!

P - Não há certos não é errados, é a sua experiência, é o que é!

A – É assim, acho que é uma experiência bastante positiva, porque . . . tudo o que nós obtemos do outro lado é bastante compensador, nem que andemos ali as vezes o mês inteiro sempre a batalhar na mesma coisa, os mínimos objetivos pretendidos, é muito satisfatório. Não sei. Acho que é lidar com crianças muito especiais que retribuem o dobro das crianças ditas normais. Não sei, acho que, é trabalhar . . . eu trabalho por gosto e por amor . . . não sei o que é que hei-de dizer (risos).

P- É dizer como é que é trabalhar com essas crianças em todos os aspetos. Tudo o que achar que tem que dizer sobre a experiência de trabalhar nesta área.

A – É assim, ao principio quando entrei para lá, não tinha a noção, era aquilo que eu vi. Uma coisa é na rua nós cruzarmos-nos com um jovem deficiente, olharmos e às vezes pensarmos, olha coitadinho, ou aquela família, o trabalho que tem, o que é que vai ser o futuro daquela família. Depois chegarmos a uma instituição onde são 100 ou 200 crianças, ou jovens, ou adultos, cada um é um caso e é a afeição e o amor e começamos a lidar com eles de forma completamente natural, é como se eu tivesse a lidar com a minha filha, eu olho e penso tenho que os cuidar, como mãe, como cuidadora, como se fossem meus filhos dar-lhes acima de tudo os bens essenciais, os cuidados essenciais, o amor e o carinho, que eu tento que dar á minha filha, pronto e eu acho que tenta-se dar a dobrar, por eles serem meninos especiais (ri).

P- Percebo.

A- Ao principio custou-me um bocado a adaptação, eu deixei de comer, deixei de dormir, pronto, porque não tinha a noção, porque os jovens deficientes que nós vemos na rua são às vezes jovens mais autónomos e chegamos a uma instituição e vemos casos mais pesados, pronto. Não andam, não falam, (sorri), mas no olhar dizem tudo, no olhar dizem tudo. Pronto e, e eu também gosto de trabalhar com os casos mais complicados, com a deficiência muito

profunda, tenho que considerar que eles sejam uns bebês que precisam mais de serem mais protegidos, mais atenção e pronto, acho que às vezes a parte dos educadores, eles tentam ensinar o que às vezes vem dos superiores e às vezes não é o mais correto. Aquelas regras que temos que trabalhar as cores, que temos que trabalhar . . . acho que isso é um pouco confuso.

Para eles, portanto, eu acho que é essencialmente prepará-los, para um dia-a-dia, ou para um futuro. Acho que há coisas que se pode trabalhar mais, pelo menos os mais autônomos, andar na rua, pequenas coisas, ir à casa de banho, lavar umas mãos, puxar um autoclismo, às vezes perde-se isso, às vezes estamos só na parte do ensino, estamos na parte do ensino, acho que devíamos estar mais . . . prepará-los mais para o dia-a-dia, para a autonomia deles, serem um pouco autônomos. Ahahaha e como eu trabalho na parte da Educativa, eles regem-se muito pelo ensino, daquilo que vem do Ministério da Educação, só que eu acho que aquilo que vem não se adequa á nossa população.

P – Pois.

A – E acho que os pais estão um pouco desprotegidos também, deviam ter muito mais ajudas, a todo o nível, seja de médicos, seja de abonos de apoios, os pais estão muito desprotegidos.

P- Hum, hum.

A – Muito desprotegidos . . .

P- Hum, hum.

A – E depois as instituições também não têm condições para corresponder e para ajudar os pais.

P- Hum, hum.

A –É por isso que eu acho que os pais estão muito desprotegidos.

E ao início custou-me um bocadinho porque, . . . não, não tinha a noção que houvesse tanta deficiência, porque o que a gente vê na rua são casos isolados, chegamos a uma instituição e são crianças muito diferentes umas das outras. Enquanto numa escola normal nós temos uma classe de 20 alunos quase todos, mais ou menos com as mesmas capacidades, temos uma turma de 5 cada um diferente um do outro.

P- Pois, varia mais.

A – Pronto e, e . . . Acho que a, a deficiência devia estar muito mais exposta, devia aparecer muito mais nos meios sociais, deviam ser . . . porque eles conseguem fazer coisas muito boas, a nível do desporto, a nível . . . eles estão inseridos em vários polos e não são anunciados, nunca são mencionados, acho que deviam estar mais expostos á nossa sociedade.

P – Pois.

A – Acho que os pais não os deviam ter tanto em casa, pronto, a gente sabe as condições, não é! E devíamos estar habituados no dia-a-dia a estarmos com pessoas deficientes, e por isso eu acho que há muito preconceito, porque estão isolados . . . Eu noto, quando nós ás vezes íamos com eles á feira, não havia um dia por outro que não tinha que mandar assim uma respostazita, “e vêm para aqui ocupar espaço e o que é que vêm para aqui fazer” e isto revolta-me, certas coisas . . . e continua-me a revoltar.

Porque eu agora recentemente estou de licença sem vencimento, há 4 meses . . .

Já estive um ano fora, antes, custou-me muito! Pedi para voltar.

P- Quando é que entrou? Há quanto tempo é que lá trabalha?

A – Há 20 anos. E depois estive um ano fora e não me consegui adaptar, não gostei, trabalhava na limpeza, mas também trabalhava numa escola e não consegui me adaptar. Também eu na Cerci comecei a trabalhar num ATL, com meninos normais e não me consegui adaptar. Acho que é muito mais difícil, eu para mim é mais difícil, trabalhar trabalhar com crianças normais.

Por acho que as crianças normais hoje em dia têm tudo, os pais dão-lhes tudo. Eles não sabem brincar, não sabem obter a regras, não têm interesse interesse por nada que a gente lhes possa ensinar. E acho que passam um dia inteiro na escola a ser despejados com matéria e depois chegam a um ATL e já não têm paciência para mais nada, nem sequer para brincar.

P- Pois

A – E na deficiência, a gente diz vamos brincar, vamos jogar um jogo e eles estão sempre desejosos de tudo e mais alguma coisa, tudo o que seja aprendizagem, tudo o que seja coisas

novas, eles estão sempre desejosos. E é muito mais fácil lidar, pelo menos eu par mim, com um deficiente do que com um jovem normal.

P- Sim. Tinha dito que decidi sair . . .

A – Por cansaço, porque é muito desgastante porque, quer a nível físico, quer psicológico, pronto. Ahahaha mas às vezes é, torna-se também um bocado difícil trabalhar com as pessoas. Os utentes é mais o barulho que eles fazem, mas a agente consegue recuperar, pronto. Às vezes temos que ralhar com eles, porque eles são um pouco teimosos, às vezes revoltam-se, também às vezes é a parte complicada que eles viram-se! Viram-se a nós, mas pronto. Eu a eles desculpo tudo (e sorri). Dou a desculpa.

Ahahahah, e, mas a nível de colegas de trabalho às vezes é um pouco difícil, por acho que nem toda a gente . . . eu, eu não tenho estudos, eu costumo dizer: não tenho estudos, não tenho bases, tenho coração, amor e carinho para dar, basicamente isso e acho que depois na parte técnica acaba por falhar esse, essa sensibilidade, pronto. Acho que sim, que eles têm que aprender, eu também me oriento por aquilo que os educadores me dão, mas depois falta aquela sensibilidade, é como se estivesse ali a despejar matéria, não pode ser assim, acho que não tem que ser assim, isto é a minha opinião. Acho que não tem de ser assim.

E como eu sou uma pessoa muito sensível, infelizmente, acabo por me magoar certas atitudes, certas respostas, certas reações que têm com aquele tipo de crianças, por acho que eles . . . é mais é a revolta que eu sinto, o meu cansaço psicológico às vezes é mais isso, a forma como lidam com eles.

P – Percebo.

A – E pronto como surgiu esta oportunidade aqui, decidi fazer uma pausa, isto não é, não é definitivo, eu gosto muito de trabalhar lá, mas acho que havia coisa que precisavam de ser mudadas.

P – Pois.

A – Depois as pessoas ficam muito tempo no mesmo sítio, criam raízes, criam maus hábitos, maus hábitos e nós estamos numa sociedade um bocado difícil de moldar as mentalidades, as mentalidades, porque normalmente, às vezes quem vais para a Cerci, os educadores não é

malta nova, não aparece jovens para trabalhar connosco, é pessoas já no fim de carreira, vão ali para acabar, pronto para acabar, também já estão cansados das escolas, das rotinas e vão para ali. Só que aquilo não é uma escola, é o que eu, eu noto isso, se calhar também é por eu estar a trabalhar com os mais jovens, mas é o que eu noto isso, já vão pessoas ali quem veem . . . Porque acho que a pessoa devia tirar o curso direcionado para trabalhar para o ensino especial, pronto, e não ser um professor de educação visual, não ser um professor de educação física que estejam ali a fazer o papel de educadores. Acho que deviam dar lugar aos jovens, pronto.

P- Entendo.

A – Falta um bocado disso.

Mais coisas, sei lá! Lembro-me de quando ia para as colónias de férias com eles, cinco estrelas. Eu gostava, era como se passássemos uma semana . . . conhecemos-nos muito melhor, apanhamos os hábitos, eu já . . . eu consigo lidar com eles como se fossem meus amigos, ahahahah, ter conversas com eles com às vezes tenho com os meus amigos. “pá não faças isso, ou comporta-te desta maneira”, não sou como se fossem meus alunos, cheguei a levá-los a passar fins de semana na minha casa, ahahaha, a minha filha está habituada a lidar com eles também, não tem qualquer tipo de constrangimento, eu por mim é extremamente normal. E quando ia para as colónias de férias é: comermos juntos, dormirmos juntos, tomarmos banho juntos, sem, sem qualquer diferença, somos todos normais, somos todos iguais, (ri) porque eles fazem tudo da mesma forma do que nós, fazem se calhar mais lentamente, com mais orientação, mas é estar 24 horas por dia com eles . . . chegar ao fim de uma colónia e dizer, uma criança dizer-me assim: “gostava tanto que fosses minha mãe” (ri), isso para mim é tudo! Para mim é tudo. E então as colónias de férias era o melhor que havia, porque não havia ali, tínhamos as regras, as rotinas para fazermos, mas tínhamos o nosso grupo, nós é que orientávamos o nosso grupo. Eu deixava-os andar à vontade, pronto quando era a hora da refeição tínhamos que nos comportar como tal, se eles queriam ir para a piscina, iam para a piscina, se queriam ir brincar para o parque, iam para o parque, eu deixava, eram as férias eles, só estava ali par tomar conta deles.

P- Então as colónias eram uma boa experiência . . .

A – Uma ótima, eram uma ótima experiência!!

Mesmo os cuidados básicos, não tenho problemas nenhuns, dou-lhes banho, mudo-lhes fralda, limpo baba, limpo os narizes, não faz confusão de nada. Às vezes alguma colega está lá aflita e chama por mim, eu vou sempre ajudar, nada me faz confusão. É a tal coisa é olhar para eles como se olhasse pela minha filha, eu se pensasse, se tivesse uma filha assim gostava que tratassem desta forma. Às vezes é claro que a gente se agonia com algumas coisas, né?! mas é normal, no dia a dia com os cheiros, já faz parte da própria pessoa.

P – Sim.

A – Mas não . . . nem viro as costas, se alguma colega das outras valências tiver aflita: “ó A vens me dar uma ajuda?”, eu até vou ajudar, eu não, eu não vejo nada negativo, a nível do próprio utente, lidar com ele. O que custa mais, às vezes é os ataques de epilepsia, essa é a parte a mim que me custa mais, que eu reajo, ponho o *stesolid*, fico ali, mas a seguir tenho que ir 5 minutos para a casa de banho chorar. Porque acho que é uma sensação, aqueles 1 ou 2 minutos que eles estejam ali a ter aquele ataque, parece que o vou perder, é a parte que mais me custa. Quando os vejo em sofrimento, isso é que me custa, custa-me um bocado.

P – Sim.

A - Portanto gosto mesmo de trabalhar ali, é mesmo de coração, mesmo de coração. Já estou lá, tinha 18 anos quando entrei para lá, era uma menina, jogava á bola com miúdos com 16 anos, quando fui para lá e estava na turma da escolaridade, antes havia, agora já não há.

A turma da escolaridade, era entre os 16, entre os 15 e os 18 anos, e eu jogava á bola com eles. Eu cheguei a passar como uma aluna igual a eles e deixei-me ficar. Às vezes vai lá aquelas comitivas, quando é altura das presidências, começaram a cumprimentar, a falar, a perguntar nomes, eu também respondi, eu estava lá sentada ao pé deles, não me faz diferença nenhuma (ri), não faz diferença nenhuma. Acho que é, é mesmo aquilo que eu gosto de fazer, é.

P- Hum, hum.

A – Gosto, gosto, mas neste momento tinha mesmo de fazer a pausa, por causa . . . a nível de pressão no trabalho, tem a ver coma parte da organização, estamos a passar uma má fase, os colegas também estão todos cansados.

P- Pois.

A – É a valência quase toda.

Tem a ver com as próprias pessoas que trabalham connosco, são pessoas que vêm com ideias de outra escola, e não . . . e acho que não estão preparadas. Acho que para eles não é uma opção estar ali, é mesmo para acabar o fim de carreira, porque . . . acho que não . . . não têm perfil! Eu também não sei se o meu perfil é o mais correto, eu estou a falar aquilo que eu, pronto . . . não sei se o meu perfil também é o mais correto, porque também já me chegaram a tirar de uma sala do autismo porque eu dava mimos a mais e estas coisa a mim é que me magoam, pronto, atenção a mais, mimos a mais. Porque o autista é aquela deficiência, uma daquelas, a paralisia cerebral e o autismo, as deficiências que eu mais gosto de trabalhar, os mongolóides, pronto é claro (ri), é aquela base que eles são muitos queridos, muito amorosos, toda a gente gosta, só a cara deles, é uma cara laroca, ahahaha mas a nível de gosto muito da paralisia cerebral e o autismo é adorável, eu chegar a uma sala de autismo e . . . ai da agora quando eu vou lá, tenho dois miúdos que se levantam e vêm-me abraçar, fazer assim como os gatinhos, fazer romrom, e isso para mim é uma grande vitória.

P – Pois.

A - Porque são miúdos que estão sempre isolados no mundo deles, sempre deprimidos, e sei perfeitamente que uma vez me tiraram daquela sala porque porque não pode ser assim (riso irónico), há pouco tempo é que uma mãe me disse. Porque a mãe questionou porque é que eu não estava na sala, notou diferença. Porque eu tenho pais que são muito meus amigos, sim eu dou-me muito bem com os pais. E tiraram-me dessa sala por esse motivo.

P – Hum, hum.

A – Porque eu não consigo ser de outra forma, não consigo. Eu se me disserem não podes dar mimos, não podes dar beijos, abraços, eu não consigo, eu fico doente, fico mesmo triste. E custou-me muito, porque eu gostava muito de trabalhar naquela sala e tiraram-me de lá, puseram-me numa sala, pronto, de mais autónomos e é completamente diferente, não gosto muito de lá estar com eles (hum) é diferente.

P- Hum, hum.

AC – Já tinha trabalhado com eles, porque antes as aulas eram todas polivalentes . . .

Antes de ir ali para a Cerci tinha só feito *part-times*, numa loja de seguros, num pronto a vestir, lidar com o público

Também acabei o 12º concorri á faculdade e não entrei e surgiu-me esta oportunidade, tinha hipótese de ir para ali ou para um empresa de informática, e eu decidi ir para ali. Depois vim-me embora, porque aquilo era um projeto do instituto da juventude, só por 6 meses, depois vim-me embora e depois eles chamaram-me, porque gostaram do meu trabalho.

P- Que bom. Mas disse que fica doente . . .

A – Eu acho que tem a ver com . . . é a minha maneira de ser , isto já tem a ver com o passado, tentar dar aquilo que eu nunca tive.

P – Ok.

A – Acho que toda a gente precisa de amor e carinho, hoje em dia, sempre! Seja do que for, seja do berço até à velhice, todos nós precisamos de amor e carinho e se calhar por nunca ter tido muito isso, e ter sentido a falta, tento dar, pronto, eu tenho muita necessidade de dar, seja à família, seja aos amigos, no trabalho, tenho muita necessidade de dar. E quando não dou não fico bem comigo própria e na parte da deficiência eles são tão carinhosos, são tão amigos, e o que é que acontece?! Eu compreendo ás vezes os educadores querem dizer, eles não dão, estão ali para ensinar e se eles ás vezes vinham procurar um pouco de refúgio, eles é que ouviam, ás vezes nem era ele, pronto. E ás vezes eu tinha que: “não, não pode ser, agora é para trabalhar, depois logo á tarde brincamos”, tanto que às vezes à tarde era um caos, naquela sala. Quando apanhava os educadores fora, pronto agora vamos brincar, vamos pular, vamos fazer, pronto, acabou a parte da matéria. E eu sei perfeitamente que eles às vezes não gostavam, porque eles ás vezes não queriam trabalhar, para estar ao pé de mim, para poder estar ali a fazer outro tipo de trabalho. Tanto que eu às vezes também tenho que me reservar um bocado, e dizer “não, agora tens de estar, que agora é altura deles trabalharem”, senão depois eles é que acabam por ouvir dos educadores. Acabam por ouvir.

Por que eles têm as rotinas, demoram imenso tempo a fazer os trabalhos, e depois distrais-te a fazer qualquer coisa, tipo, ás vezes passavam a manhã a trabalhar e o educador dizia, se quiser á tarde faça isto com eles, e eu perguntava, mas eles diziam que não ia lá eu estar lá a chateá-

los, agora uma manhã inteira a trabalhar, agora é para brincar, para verem um bocado de televisão, para estarmos no espaço, para estar á vontade, porque no futuro deles, eu acho que o A, E, I, O, U, não lhes vai fazer muita falta. Eu acho que era pelo saber estar que se devia começar, e depois sim ensinar o A, E, I, O, U. Mas não é assim . . .

E é isto, acho que tive sorte em encontrar este trabalho, agora não, mas daqui a algum tempo quero voltar (sorri).

Anexo C - transcrição da entrevista: Joana

J – Ai (ri)

P- Sem stress.

P – Gostava que me falasse da sua experiência enquanto alguém que trabalha na aérea da deficiência . . .

J - Então vá! Eu entrei para a Cerci veio de um gosto de, de adolescente, ahah depois participava também em colónias de férias e havia lá duas meninas que tinham deficiência e daí veio o gosto pela deficiência e acompanhou-me sempre. Tive a oportunidade de poder entrar para a Cerci com 19 anos e como voluntária, portanto estive 2 anos voluntária, ao fim desses dois anos recebi o convite para me contratarem, fui para vigilante, de vigilante fui para monitora e ao fim alguns anos tirei o meu curso superior em Animação Cultural e Educação Social, pois era a área que mais me fascinava trabalhar com eles, ahahah isto porque também vejo a alegria deles nas atividades que desenvolvo, com eles.

E pronto vivo o meu trabalho muito intensamente, faço aquilo que gosto, às vezes não nas condições que gostaria, nem com a estrutura que gostaria que fosse, ahahaha.

P – Pois.

J – Mas pronto as Cercis também já têm uma, um historial e uma cultura enraizada muito difícil de quebrar esta barreira, não é?! Ahahah, de sair daquela instituiçãozinha familiar, ponto, isto é uma luta diária que nós vamos tendo todos os dias também e muita coisa já mudou e ainda bem, tema ver com a mentalidade das pessoas e a forma como tratavam os deficientes. Pronto, quando eu entrei. Realmente era uma coisa e agora está diferente e ainda bem, estamos a caminhar para um bom caminho. Só que são processos muito lentos porque . . . e ainda por cima as pessoas que trabalham há mais anos, há 30 anos com este tipo de população, têm já coisas muito estereotipadas . . .

P - Enraizadas.

J – É, é, é e são muito difíceis de quebrar, de, de mudar, as mentalidades. E é assim e sempre foi assim e vais ser sempre assim, uma resistência enorme á mudança, pronto. E isso é das coisa que mais me entristece na parte de deficiência que é não conseguir mudar as mentalidades, assim ser um processo mais comprido, não é?! pronto é coisa muito longa e realmente é aquilo que me, que me entristece mais, ahahaha depois existe outras preocupações, obviamente, que têm a ver com as famílias, que têm, que têm ao encargo deles estas, estas pessoas, não é?! Os filhos e que é um peso enorme para as famílias e as respostas cada vez são menos, não, não existem respostas para apoiar as famílias, pronto. O facto de a residência também não ser a resposta ideal, existem poucas e as condições também não, são muito complicadas. São 24horas, é quase como estar, em muitos casos, em cuidados continuados.

P – Sim.

J – Estás a perceber? Pronto! Porque pronto, estão lá 365 dias, outras das preocupações grandes e que me, e que me, e que mexem comigo e, e todos os colaboradores, obviamente, acredito que sim, são aqueles que a família não, ou porque os abandona e somos nós que, nós cercipóvoa que ahahaah os tem os 365 dias, não é, pronto. É muito giro a gente dizer ahahaha nós prestamos um serviço, não é, pronto, e eles são os clientes, não é. Neste caso já nem é clientes, do género tem de fazer parte de um . . . da mobília.

P – Hum, hum.

J – Ahahahaha e isso é outra das preocupações grandes porque cada vez há mais casos, ahahaha os pais envelhecem, não é, eles também, as complicações cada vez são maiores e não há respostas. E nós também não conseguimos, porque humanamente é impossível, poucas pessoas para as exigências.

P – Pois.

J – Por exemplo a segurança social faz o rácio de 10 para dois monitores, não é, mas tem 10 autónomos e tens 10 acamados, não podes ter duas pessoas, não podes ter as mesmas duas pessoas para casos completamente diferentes, pronto e isso é outra lacuna grande que nó temos e e que vais ser muito difícil de de quebrar não é e de ultrapassar. Porque realmente basta ter duas ou três pessoas de baixa e fica tudo por fazer, garantimos os serviços mínimos

de higiene de alimentação e pouco mais e depois metemos a mão na consciência e pensamos olha teve no depósito, não é?

P – Pois.

J – tentamos contrariar isso com outras situações, com outras atividades e com outras iniciativas, mas depois o dia a dia estamos a “tapar quase o sol com a peneira”. E é assim que eu acho que a grande maioria, há-de ser muito poucas as que funcionam bem. Tem a ver também com recursos humanos e falta de estrutura, de organização, de de pá e isso é o que me entristece mais no fundo, porque com eles eu sinto-me super feliz como é óbvio e eu acho que são das pessoas mais puras que eu conheço, tenho grandes amigos lá, e vou ter e vão continuar a ser com certeza. muitos deles considero quase da minha família e e pronto basicamente é isto, o que é que quer sabe mais.

P – dizia que entristece . . .

J – quer dizer fica a mágoa né?! fica aquela sensação de que podíamos fazer mais e não fazemos, que há alguma coisa no meio que não não não funciona . . .

P- Como?

J- em parte é exterior á relação, o facto de nós sermos uma instituição que é tutelada e é financiada por um organismo que eles próprios balizam e fazem as regras, por exemplo duas pessoas para 10, é só os números, logo ai estamos limitados com os apoios do estado que temos, depois tem a ver obviamente com o tipo de organização que as instituições têm, não é, pronto, porque se nós formos ver o historial das Cercis, não é, existem 51 no país, mas o historial das Cercis que nasceram ali por volta dos anos 70. Era um conjunto de pais que se juntavam e tinham filho deficientes, que se juntavam e era uma coisa muito caseirinha, até que nem existiam os centros de atividades ocupacionais, os centros de atividades ocupacionais existem há, máximo do máximo 20 anos.

P- pois.

J – percebe?! Porque antes existia a parte educacionais, portanto não tinham enquadramento numa escola normal e era para uma, para uma Cerci que ia. Eles foram crescendo e foi-se criando outras necessidades. Porque há 40 anos as pessoas ficavam em casa, não é, nem

institucionalizadas eram, não é, pronto, e isto tem a ver um bocadinho com a história das das instituições, pronto e e e chegando à situação, à ao cerne da questão atual tem a ver com, essas estruturas que iniciaram assim, com um conjunto de pais, aquela coisinha caseirinha, isso ficou no fundo enraizado, ficou na cultura, na educação destas instituições e então pronto sempre foi com a boa vontade, com a solidariedade, com gerir boas vontades e que mão lava a outra e não sei quê, pronto e foi sempre funcionando assim, e sempre foi durante uns anos a cultura deste tipo de instituição.

P – Hum, hum.

J – E depois deparaste com, quem faz a gestão disto são pessoas que algumas delas nem nunca tiveram contacto nenhum com a deficiência, não nem sequer têm conhecimento nenhum para decidir e decidem!! Decidem, pronto, são eles que decidem e isso obviamente que que atrapalha imenso o trabalho de qualquer pessoa dentro daquela instituição.

P – pois

J – Porque, porque é que acontece assim, no código cooperativo diz que o presidente, o vice-presidente, não sei quê, tem que ser um trabalho voluntário, o que é que acontece como não é “renumerado”, as pessoas tomam boas ou más decisões e sabem que nunca lhe vai tocar nada, acontecer nada, portanto é quase inconsequente, portanto mais valia: não precisamos de 7 elementos, mas precisamos de três, mas que sejam “renumerados” e que pensem nisto como, não é, temos um presidente que vem cá 2 ou 3 vezes por ano é impossível funcionar, não é, nem sequer conhece, nem sabe as dificuldades, nem o que acontece, não sabe! Não é, pronto.

P – Pois percebo.

J – É, é complicado trabalhar assim e funcionar assim, tem a ver com as estruturas de de do código cooperativo, começa logo aí, está a perceber, tem a ver com a estrutura, não pode ser!

P – Hum, hum.

J – E depois há um absentismo brutal na, na nas pessoas, ahah que também tem a ver com a gestão da casa, não é as pessoas andam desmotivadas, não é, cansadas, esgotadas.

P – estou a perceber.

J – Porque isto é um trabalho muito pesado psicologicamente e fisicamente, depois também há os empregados que também estão a envelhecer.

P – Claro.

J – Há 10 anos com 30 anos agora têm 40, mas estes 10 anos já pesam na pessoa, a pessoa já não tem a mesma agilidade, não é, pronto. E é os utentes que envelhecem, as famílias que envelhecem, os funcionários que envelhecem, os os problemas as patologias das pessoas, de coluna, de de de hérnias, disto, daquilo, dos esforços que foram fazendo ao longo do do tempo. Começa a haver casos de não posso pegar em pesos, a outra não pode fazer não sei quê por causa das tonturas, a outra não sei quantos, e quando vamos ver os recursos humanos não dá nem para . . . é impossível, é quase impossível. Nós às vezes chegamos ao fim do dia e dizemos não sei como é que agente conseguiu fazer hoje. Como é que agente conseguiu fazer as mudas, como é que conseguimos dar os almoços almoços todos, como é que conseguimos não sei quê. Percebe?

P – sim

J – Pronto, apoio, o apoio psicológico que eu acho que as pessoas que trabalham com pessoas, deveriam ter e não têm. Não têm, eu acho que é essencial, porque tu levas, por muito que tu não queiras tu levas sempre o problema para casa, a preocupação, porque são pessoas, não são papeis!

P – Não.

J – Tu hoje não te apetece, metes o papel para o lado, faço amanhã, tens uma pessoa á tua frente a solicitar-te com o problema qualquer e tu não dizes olha vens cá amanhã.

P – Claro

J - não é pronto, e isso vai-se refletindo depois também na qualidade do serviço que prestamos a eles. Entende? E isso no fundo acaba por ser, é um trabalho que eu considero que é é duro. É duro! Porque as pessoas fisicamente e mais psicologicamente, é assim nota-se perfeitamente que as pessoas andam completamente esgotadas, andam esgotadas, é complicado. E a falta de pessoal é . . . não têm a noção. E muitas das pessoas, a grande maioria das pessoas ganha 500 euros!

P – pois

J - a maioria não é, tirando os técnicos, vigilante e coiso, levam 500 euros para casa, não é, e pronto, e não é fácil . . . E pronto depois temos ordenados em atraso, subsídios em atraso, já disseram que não vão pagar o deste ano, tudo isto se vai refletir, no no no objeto da coisa, que é os utentes, não é.

P – pois é

J - Não é, eu não recebo o meu subsidio, os meus filhos vão sentir isso lá em casa obviamente, porque as férias em vez de serem de uma maneira com certeza vão ter que ser de outra, não é. Mas independentemente disso, quem vai ser mais prejudicado neste processo todo e o facto de, porque cria desmotivação, vou fazer isto para quê, nem me pagam nem nada, trabalho para aquecer, não sei quê, também tenho filhos em casa e também tenho que lhes dar de comer. E estamos aqui a falar às vezes até de famílias mono-parentais que têm 2 filhos e têm que ser aqueles 500 euros para tudo.

P - senão, não há . . .

J - Não é, e depois já não falando, que não é esse aqui o assunto, não é, as famílias dos funcionários, mas é o utente que vai, que vai sofrer no fundo, não é. entre aspas, é a má disposição, a falta de paciência, a intolerância, o não estar sequer disposto para ouvir, o . . .

P – pois sobra para eles.

J – Que é quem precisa de mais atenção e conseqüentemente os utentes são os mais prejudicados! Porque tu estás ali a respirar aquilo, e vem uma e diz e eh, olha, já ouviste?! Não recebemos! Agora foram-me pedir para fazer não sei o quê! Eu não vou! Diz a outra! Que se calhar tinha até boa vontade para ir, olha agora não vai, espera ai, que deve ser mesmo eu, eu também não vou!

P – pois.

J – e é uma bola de neve e realmente é, pronto, é, este governo por acaso disse que ia dar mais apoios á na deficiência, pronto ainda não deu para ver isso, que nestes últimos 10 anos a coisa não tem sido existente.

P – pois

J – Pá e pronto, mas devia de haver gabinetes psicológicos, no meu entender, tanto para os funcionários como, para apoio à família dos utentes. Focam-se no utente

P – isolado

J – o problema é que o utente vai, “ai o utente precisa de ir para o psicólogo”, sim sra, vai a uma sessão, uma hora por dia ou por semana, vai ao psicólogo, o psicólogo por muito que faça nessa hora com ele é impossível, fazer um bom trabalho com ele se nas outras 24 horas dos 5 dias da semana ou dos 7, não é, as pessoas que o rodeiam nem sequer o ouvem! Não é, para mim é mais importante esse apoio, nesse caso aos funcionários e às famílias, para isso sim lhes dar “farramentas” para eles poderem ajudar a pessoa de quem cuidam, porque são eles os cuidadores, não é.

P – pois são

J – do que propriamente ao próprio utente, porque o utente só não está bem, porque as pessoas que estão á volta não estão bem! Às vezes, ah está com crises, ah está com, vamos lá perceber o que é que é as crises! Não é, e nem se para para pensar nisso, muitas das vezes o que se fazia, e ainda bem que agora, que já vamos mudando um bocadinho a nossa forma de de de atuar, já telefonamos à família para tentar perceber se aconteceu alguma coisa em casa, como é que as coisas se estão a passar, antes de sequer de anunciar que ele está com uma crise, porque a família, ah tá com crise não foi aqui aqui não se passou nada, está tudo bem, claro e depois tentamos perceber na instituição, e às vezes vimos a perceber que realmente são famílias que que que põem uma máscara muito grande e que aquilo é completamente desestruturado em casa, completamente . . . não funciona, muitos deles até com maus tratos, outros com até abusos, e fica completamente desconhecido e ele tem é crises! Tem crises, pronto!

P – pois

J - olha dá-lhe o SOS, pronto, e a coisa até, e pronto não é e isso entristece-me e isso deixa mágoa, fico triste às vezes eu preferia não conhecer este lado daquilo que gosto de fazer, não é, porque gosto tanto de fazer isto e depois tem estes lados que deixam aqui . . . custa a engolir, custa a digerir, custa, e o que é que eu posso fazer para mudar, depois fica esta no ar,

não posso fazer quase nada, vais falando vais vais e mesmo assim falar já é uma coisa quase transcendente neste tipo de sítios.

P – pois

J – tens que medir muito bem aquilo que estás a dizer, as palavras que dizes para não seres mal interpretado, se não as coisas ainda, pronto. Mas é o facto de as pessoas se terem vindo a calar nestes 40 anos, não é, que nós andámos a passo de caracol, acho que está na altura de as pessoas começarem realmente a dizerem aquilo que sentem, não é, quem não deve não teme, não é, e se eu for boa naquilo, se tiver a consciência daquilo que eu estou a fazer, estou a fazer a minha obrigação, portanto não tenho problemas nenhuns em apontar, nem de falar em qualquer tipo de assunto que . . . ainda muito tabu e parece que é sempre muito oleado á volta, não é bem assim, pronto realmente a gente devia ter feito isto de outra maneira, mas pronto . . .

P – escamotear a coisa

J – exatamente, pronto e vimos às vezes que são graves negligências não forma de que se trata, não é, ahahahah e os maus tratos não é só bater não é, é a forma como se fala para eles muda tudo não é pronto. E é isso basicamente, é isso, tirando isso, vamos falar das partes boas, que é a minha área, a área da cultura e do lazer que é isso que me dá um prazer enorme, que é pô-los na rua, tentar integra-los, vê-los felizes abrir-lhes os horizontes, para eles verem que há mais mundo para além da Cerci e de casa, que a maioria destes, 90%, aliás eu já fiz um levantamento disso e noventa e tal por cento, na altura há 4 anos atrás, noventa e tal por cento nunca iam para uma praia, um cinema, um fim de semana, um . . . com os pais nem com a família nem com ninguém, portanto é nestes momentos que eu vejo a alegria que eles transmitem, a socialização que eu acho que é super importante e realmente o deslumbramento às vezes, eles nem estão a manifestar de uma forma metafórica, mas o deslumbramento que eles têm e normalmente eu vejo sempre esse, tenho esse “know how” deles, o após a colónia, não é o durante a colónia, não é o durante o passeio, mas os dias depois é delirante porque eles estão a vibrar e e fomos ali e fomos aqu’lá ah e viste aquilo e viste aquel’outro, pronto. Ahahah Vê-se que os preenche e lhes traz bastante alegria e e e isso conforta-me imenso.

P – hum hum

J - e pronto é isso que eu quero continuar a fazer (ri)

P – pois

J - eu acho que é uma área, por acaso tenho tido bastantes experiências de pessoas que nunca tinha trabalhado com deficiência, ahahah colegas minhas, miúdos que me são até enviados da Fundação António Leal e aqui da Dom Martinho que estão a acabar o curso de animação do técnico-profissional e vão lá fazer os estágios e não sei quê e a primeira situação é, “ai eu tenho receio, tenho medo, tenho medo de não gostar, tenho medo, tenho medo deles, tenho medo da reação, faz-me impressão, faz-me confusão, faz-me não sei quê”, portanto há estes, estas coisas todas, e acho piada que ao fim de 2 ou 3 dias de lá estarem, logo o que tentam transmitir é “ estou a gostar, estou a adorar, possivelmente vou querer continuar nesta área e vou estudar dentro desta área”, pronto o que quer dizer que realmente . . .

P – Pois

J – trabalhar com pessoas é muito “completante”, preenche-nos de alguma maneira, porque quando se trata de pessoas fala-se de emoções e então ai a intensidade está lá não é, pronto. E pronto, basicamente é isto.

P – ok obrigada

J – de nada (ri)